



**MESTRADO PROFISSIONAL DE
SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL**

TIAGO DE MELO ARRUDA

**ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS NOS LIVROS
DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA**

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2020**

TIAGO DE MELO ARRUDA

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE SOCIOLOGIA

Dissertação de mestrado apresentada no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio/UFCG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Severino José de Lima

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2020

A779a

Arruda, Tiago de Melo.

Análise das representações sociais dos jovens nos livros didáticos de sociologia/Tiago de Melo Arruda. - Campina Grande, 2020.
98 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Sociais, 2020.

“Orientação: Prof. Dr. Severino José de Lima.”

Referências.

1. Representação Social. 2. Jovens. 3. Livro Didático. 4. . I. Lima, Severino José de Lima. II. Título.

CDU 316-053.6(043)

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA Itapuana Soares Dias CRB-15/93

TIAGO DE MELO ARRUDA

ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS JOVENS NOS LIVROS DIDÁTICOS
DE SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10/03/2020

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. SEVERINO JOSÉ DE LIMA (ORIENTADOR)
Unidade acadêmica de ciências sociais – UFCG

PROF(A). DRA. MARIA DE ASSUNÇÃO LIMA DE PAULO
Unidade acadêmica de ciências sociais – UFCG

PROF(A). DRA. SIMONE MEUCCI
Unidade acadêmica de ciências sociais – UFPR

AGRADECIMENTOS

À minha companheira Maylla, pela paciência, cumplicidade e pelos finais de semana que perdemos, devido às minhas idas à Campina Grande.

A todos que de alguma forma me apoiaram na difícil missão de conciliar um mestrado com o trabalho de professor da educação básica.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar as representações sociais de juventude presentes nos livros didáticos de Sociologia aprovados no PNLD 2018, problematizando como o jovem da zona rural ou de pequenas cidades, especificamente do semiárido brasileiro, é, ou não, representado nestes materiais. Dessa forma, o que chama a atenção no momento é o tratamento que os autores dos livros didáticos (e as editoras responsáveis por estes livros) dão às diferentes representações, ou mesmo aos diferentes tipos de jovens e expressões da juventude, reforçando posições sociais e mecanismos simbólicos de exclusão.

Palavras-chave: Representação. Jovem. Livro didático

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the social representations of youth present in the Sociology textbooks approved in PNLD 2018, questioning how young people from rural areas or small cities, specifically from the Brazilian semiarid region, are or are not represented in these materials. Thus, what calls our attention at the moment is the treatment that textbook authors (and the publishers responsible for these books) give to different representations, or even to different types of young people and youth expressions, reinforcing social positions and symbolic mechanisms of exclusion.

Keywords: Representations. Young. Textbooks

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Sumário do LD <i>Sociologia em movimento</i>	43
Quadro 2 – Sumário do LD <i>Sociologia para jovens do século XXI</i>	46
Quadro 3 – Sumário do LD <i>Sociologia</i>	51
Quadro 4 - Sumário do LD <i>Tempos modernos, tempos de Sociologia</i>	53
Quadro 5 – Sumário do LD <i>Sociologia Hoje</i>	56
Tabela 1 – Avaliadores	41
Tabela 2 - Títulos e autores das editoras.	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LD – Livro Didático

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

MNU – Movimento Negro Unificado

OCN – Orientações Curriculares Nacionais

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNLD – Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PROFSOCIO – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

TEN – Teatro Experimental Negro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – TEMA E OBJETO DESTA PESQUISA.....	12
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO	20
2.1 CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM DURKHEIM	20
2.2 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES EM MOSCOVICI	20
2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO LIVRO DIDÁTICO: DIALOGANDO COM A BIBLIOGRAFIA	24
CAPÍTULO 3 – O JOVEM NO LIVRO DIDÁTICO.....	39
CAPÍTULO 4 – CONHECENDO OS AUTORES	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78
APÊNDICE A – Entrevistas feitas aos Autores dos Livros Didáticos.....	82

INTRODUÇÃO

Se aí você teve estudo
Aqui, Deus me ensinou tudo
Sem de livro precisa
Por favô, não mexa aqui
Que eu também não mexo aí
Cante lá, que eu canto cá

(Trecho do poema *Cante Lá Que Eu Canto Cá* de Patativa do Assaré)

Claro que o poeta Patativa do Assaré está fazendo uma defesa da força e originalidade da poesia do nordeste brasileiro, mas é inevitável não fazer paralelo com a força (econômica, política e cultural) muitas vezes desagregadora do Centro-Sul do Brasil sobre o Norte-Nordeste. Como em uma sutil colonização interna, nos tornamos apenas receptores de qualquer elemento vindo dessas “metrópoles”, somos representados de maneira exótica ou, no melhor dos casos, condescendente. Um dos poucos espaços que possuímos para refletirmos sobre nossas identidades é a escola, porém, esta também acaba por silenciar nossas histórias, nossa linguagem.

O livro, citado por Patativa como sinônimo de erudição (em contraposição a um aprendizado mais popular “Deus me ensinou tudo”), como algo elitista, pode ser recontextualizado em nosso caso com o livro didático, também esse, sinônimo de dominação, de imposição de currículo, apesar de seu caráter educativo. O livro didático pode se tornar apenas o *canto* do outro, e esse não deve silenciar o nosso canto, os de *cá* também querem falar.

Esse trabalho, que por hora é apresentado nesta dissertação, faz parte de minhas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Mestrado Profissional de Sociologia ao longo dos anos de 2019 a 2020. Parte de dúvidas íntimas e angústias pessoais para um âmbito mais científico e abrangente, busquei tornar essas análises apreensíveis para qualquer professor da educação básica, contornando exatamente uma das queixas escutadas entre esses professores e sua relação com a universidade, especificamente suas relações com as pesquisas acadêmicas sobre a escola.

A construção de uma relação diferenciada com a escola foi, inclusive, um dos meus nortes ao escrever cada linha que aqui se apresenta. Mostrar o que parece ínfimo e desinteressante para muitos, em algo complexo e dinâmico, entremeado por elementos econômicos, políticos e culturais, foi uma das minhas buscas, que se encontra de maneira mais explícita ou embutida ao longo do texto.

O trabalho analisa, especificamente, as representações sociais de jovens em livros didáticos de Sociologia. Os livros escolhidos foram o do último PNLD (2018-2020), dada a

proximidade que eu tinha com esse material, pelo fato de ter analisado os mesmos para a escolha do livro didático da escola, na qual eu leciono. Tinha em mente muitas dúvidas sobre a forma como esse material havia chegado até mim, também sobre a posição que parecia passiva do professor, ao lidar com materiais previamente construídos sem a sua participação.

Supunha que esses materiais possuíam limitações para uma aplicação nas salas de aula onde atuava, no interior do Ceará (cariri cearense). Uma região que descobri como culturalmente é rica e de grande biodiversidade, porém relativamente desconhecida por seus próprios moradores. Ao ler materiais que tratavam dos Recursos Educacionais Abertos, descobri que esse não era apenas o meu problema, mas de muitos professores de diferentes regiões do Brasil.

O conceito de Representação Social me apareceu ao ler o trabalho da professora Ana Célia da Silva, que o utilizou para tratar da representação social dos negros nos livros didáticos de Língua Portuguesa e as mudanças desses materiais ao longo dos anos. O conceito de Moscovici (2011) me pareceu encaixar perfeitamente com a realidade que eu buscava investigar, ora, a própria ideia de “nordeste” ou “nordestino” sempre me pareceu uma generalidade típica de discursos preconceituosos, não somos reconhecidos enquanto indivíduos somos reconhecidos como uma série de estereótipos, carregamos características que nos foram atribuídas sempre de forma pejorativa. Porém, existem outras formas de criar distinções sociais; anular ou silenciar determinados grupos é uma das formas que reforçam as tantas desigualdades que assolam o nosso país. Busquei analisar se isso (esse silenciamento) poderia estar presente em livros didáticos de Sociologia. Se esses livros reforçavam na escola o papel de tornar um jovem do cariri cearense o Outro, o Outsider dentro de sua própria escola, de seu próprio país.

No primeiro capítulo optei por fazer um relato de minha trajetória pessoal, desde a minha formação, até a escolha do objeto de estudo da presente dissertação. Creio que se torna praticamente impossível desvencilhar essas escolhas da vida pessoal e do objeto de pesquisa. Além da necessidade, anteriormente citada, de tornar o trabalho acessível, próximo dos diversos tipos de leitores e principalmente de meus colegas da educação básica.

A pesquisa se desenrola não como um simples exercício erudito e deslocado de minhas reais necessidades, mas como uma reflexão mais aprofundada de meu fazer cotidiano, o ser professor e ser pesquisador, injustamente dois universos separados para a maioria dos professores da educação básica. Melhorias para a educação básica passam necessariamente por uma melhor e contínua formação desses professores. Encarar a escola e seus profissionais como algo acessório, menor e/ou secundário dentro do universo de pesquisa, não resolve os prementes problemas da escola brasileira.

Já no segundo capítulo me voltei para os teóricos e pesquisadores que trabalharam com o conceito de representação social. Também observei trabalhos voltados para a análise desse conceito nos livros didáticos. Percebi que em outras áreas da educação já existem muitos trabalhos voltados para a análise de materiais didáticos, a relação entre a escola e a universidade parece aprofundada nesses aspectos. No que tange a presença da Sociologia existem trabalhos recentes, reflexo do também recente reingresso da Sociologia na educação básica, e nenhum analisa as representações de jovens nesses livros.

Devido a exiguidade do tempo, não me propus a observar os livros de outras disciplinas, isso se tornou um objetivo a ser alcançado em uma posterior continuidade desse trabalho. Além de mudanças temporais que este trabalho não pode abarcar, como o novo PNLD que já se desenha para o ano de 2021, que trará consigo mudanças na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre essas mudanças estão a própria “extinção” da sociologia enquanto disciplina, com a “dissolução” de seus conteúdos na área das Ciências Humanas.

No terceiro capítulo, me detive na análise dos livros didáticos. Essa análise, como todo o trabalho, possui o olhar voltado para o fazer do professor de Sociologia em seu cotidiano, não foram feitas comparações entre teóricos, e a forma como são vistos e trabalhados na academia, e a maneira que certos conceitos ou teóricos são apresentados nesses materiais. O capítulo também não possui um caráter de desqualificar essas obras, muito pelo contrário, o papel que esses livros exercem na democratização do ensino é algo ressaltado ao longo do texto, sempre que necessário.

O capítulo cumpre a função de apresentar, brevemente esses livros, a forma como trataram as temáticas que temos como objetivo. Ressaltei ausências que considero, sob a perspectiva desse trabalho, relevantes. Busquei mostrar as limitações desses materiais, limitações quase que naturais, dada a abrangência que esses livros devem atingir. Com isso, trazer ao debate a necessidade de ampliação das políticas de produção desses materiais didáticos, aprofundar o processo de democratização não apenas na distribuição, mas na elaboração de materiais didáticos.

Também foram entrevistados uma parcela dos autores dos livros didáticos do PNLD em questão, no capítulo 4, onde trato das entrevistas, é possível a complementaridade que esse capítulo possui com o seu antecessor. Nele, os livros ganham voz, seus autores esclarecem dúvidas que permeiam o trabalho. Relatam as limitações (até então no campo hipotético) que existem ao se produzir um livro didático de abrangência nacional. Desmistificam outras hipóteses que eu possuía ao iniciar minha pesquisa, como o papel do PNLD na análise desses

livros, compreendia que essa ação seria negativa, limitadora da criatividade e expressão dos autores, o que se revelou enganoso.

As entrevistas devolveram o aspecto humano e, conseqüentemente, inacabado que esses livros possuem. Reforçaram a necessidade de dar voz também a tantos outros professores que poderiam contribuir em suas comunidades escolares como professores pesquisadores e autores de seus próprios materiais didáticos. Reforço assim, o papel de repensar o PNLD como um recurso que viabilize a produção de professores da educação básica de todo o país. Ao fazer isso, creio que expressões, sotaques e vivências locais, ao estarem presentes nesses livros, dariam mais fôlego e vida para os mesmos, tornando-os mais íntimos de educadores e educandos. Ressaltando um verdadeiro aspecto nacional dessa política pública. Não uma espécie de nacionalismo integralista, centralizador de decisões, mas um nacionalismo republicano, democratizador de recursos, dando voz ativa aos seus diversos povos.

CAPÍTULO 1 – TEMA E OBJETO DESTA PESQUISA

O livro didático possui hoje grande penetração em qualquer ambiente escolar, sejam escolas públicas ou privadas, sua utilização vai desde o uso, como simples material de apoio ao professor, até à consideração do mesmo, como peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Isso o torna o objeto multidimensional dentro do processo educacional, pois ao mesmo tempo que é tratado por editoras como mercadoria, como um nicho de mercado, também é utilizado pelo professor e pelas redes de ensino como instrumento de ensino (MEUCCI, 2013).

Por outro lado, é importante salientar que este é um material produzido prioritariamente para jovens em idade escolar, com realidades culturais, econômicas e sociais extremamente díspares. A relação com o livro didático e o seu próprio conteúdo é então atravessada por diferentes discursos, tanto oficiais como de diferentes atores sociais que buscam normatizar e definir o conteúdo curricular dessas produções.

Todos os livros didáticos aprovados no PNLD 2018 pertencem a grupos editoriais sediados no centro-sul do país: quatro editoras possuem sede em São Paulo e uma no Rio de Janeiro. Seus autores idem. Quando se pensa que estes livros são uma política pública de âmbito nacional, dada a concentração geográfica de editoras e autores, espera-se que exista um amplo estudo e conhecimento dos diferentes públicos que estes livros podem atingir.

Porém, o que se vê é um trabalho regionalizado, poderia inclusive dizer que concentrado, onde há pouquíssima ou nenhuma representação de jovem e de juventude que não seja aquela vivenciada em grandes metrópoles no centro-sul do país. Por mais que se tente “adaptar” determinados temas à realidade a certas vivências dos alunos, permanece o questionamento: como uma política pública milionária não observa e valoriza as diferenças regionais, culturais e étnicas? Como simplesmente se elaboram livros didáticos tornando invisíveis os jovens que receberão e lerão os mesmos? Quais os interesses políticos no sentido de reforçar através do livro didático certos mecanismos de exclusão de parcelas da juventude brasileira? Porque não incentivar os recursos educacionais abertos? Atender demandas regionais do país, descentralizando a produção desses materiais? Em termos de valores, para se ter uma noção da dimensão dessa política, o PNLD do ensino médio custou aos cofres públicos R\$251.830.577,40 apenas em 2019. Contabilizando os valores de todas as etapas de ensino, o valor em 2019 de reposição de livros didáticos chegou a mais de 1 bilhão de reais!

Não devemos pensar no jovem apenas em termos de idade ou categoria puramente físico-psicológicas, pois este também é uma categoria socialmente e culturalmente construída

(PAIS, 2003). E esta construção por sua vez não é homogênea; elementos como classe, cor e gênero são definidores do processo de socialização e formação da identidade destes jovens.

Portanto, o objetivo de meu trabalho é analisar que tipo de jovem é representado nos livros didáticos de Sociologia no ensino médio. Quero perceber se as expressões de juventude apresentadas nos citados livros são próximas das vivências e da realidade dos jovens do Cariri cearense, especificamente da cidade do Crato.

Inicialmente irei me deter nos livros didáticos de Sociologia no que concerne ao seu aspecto prioritariamente iconográfico e tendo como universo os livros aprovados no PNLD 2018. Esse programa, que abrange o triênio 2018-2020 aprovou cinco livros de Sociologia, são eles: *Sociologia para jovens do século XXI* (Editora Imperial Novo Milênio), *Sociologia em Movimento* (Editora Moderna), *Sociologia Hoje* (Editora Ática), *Sociologia* (Editora Scipione) e *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* (Editora do Brasil).

Busco neste trabalho apresentar de que maneira e que tipo de jovem é apresentado nos livros didáticos de sociologia aprovados no PNLD 2018. Analiso brevemente trechos, atividades e/ou capítulos que de alguma maneira representem os jovens ou a categoria juventude nestas produções, para identificar a que tipo de público estes livros se dirigem e de que forma buscam dialogar com tão diversa realidade brasileira.

A necessidade desta análise me surgiu logo após o meu ingresso no magistério, em 2014. Até então, o meu contato com os livros didáticos de sociologia se resumia ao estágio supervisionado realizado como disciplina da licenciatura em Ciências Sociais. Creio que não é necessário dizer que fui para a escola onde realizaria o meu estágio completamente abastecido de pré-noções e preconceitos acerca do livro didático. Mal olhei para o livro que me foi fornecido pela professora da escola e desandei a falar como um catedrático lecionando em uma prestigiosa universidade. Esqueci que o meu público era formado por adolescentes, esqueci que estava em uma escola, esqueci que o papel do professor da educação básica é bem diferente do dos professores nos quais eu me inspirava.

O livro didático era algo vicioso, no sentido de tornar o professor dependente desse material. Viscoso, ou seja, seria um objeto que agarraria o desatento professor e o tornaria limitado, com informações condensadas e até mesmo equivocadas. Talvez essas leituras sobre o livro didático se estendam a própria escola e ao papel que a Sociologia desempenharia nesta carcomida (até então assim vista) instituição. Lembro perfeitamente quando perguntei a um professor, que muito admirava, o que ele achava do ingresso da Sociologia no ensino médio, sua resposta, aparentemente desinteressada sobre o tema foi: positivo por abrir uma área no mercado de trabalho. Inútil, pois Weber nunca poderia ser ensinado a um adolescente.

Eu não possuía o apoio de um programa como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), a licenciatura era realmente um primo pobre dentro do curso das Ciências Sociais, para onde os alunos de baixo desempenho migravam quando abandonavam seus sonhos de uma carreira acadêmica. Em um cenário como esse a carreira no magistério não se mostrava muito promissora. A escola era um vago objeto de análise, na melhor das hipóteses. Objeto este que, sabia-se de antemão o que seria encontrado: local de disciplina, aparelho ideológico, reproduzidor de desigualdades, castrador de potencialidades e criatividade, etc. Adjetivos que sempre estiveram presentes nas bocas e textos daqueles que escrevem sobre a escola.

Quando pisei no Colégio Estadual de Segundo Grau Dr. Elpídio de Almeida, vulgo Estadual da Prata, não fiz o exercício básico de desnaturalização e relativização do espaço e dos indivíduos. Pelo contrário, talvez me achasse como uma espécie de missionário etnocêntrico com flertes revolucionários. Porém, um elemento não se apagou de mim, a curiosidade.

Revia o ambiente escolar, via adolescentes como um dia eu havia sido, aquilo me trazia lembranças, me avivava o desejo de participar daquele processo, agora não mais como aluno. Lembrava de como mentalmente, ainda na adolescência, eu me via dando aulas para melhor fixar certos conteúdos, pensando quais posturas eu tomaria em determinadas situações, ou seja, planejava que tipo de professor eu seria.

Mas a realidade era bem menos romântica, a professora que nos acompanharia no estágio já parecia cansada, não possuía o brilho que eu imaginava. Nos apresentou um plano de curso extremamente genérico, com tema que não pareciam ter relações com o ensino médio, lembrava-me mais os conteúdos da extinta disciplina de Estudos Sociais. As turmas foram distribuídas entre os estagiários, eram muitas turmas e não imaginávamos como seria. Também nos foi entregue um exemplar do livro didático que a escola adotou: *Sociologia – Introdução à ciência da sociedade* de Cristina Costa.

Olhei o relegado livro, folheei, li. Percebi como era um produto completamente diferente do que eu tinha visto até então (pois não tive a disciplina de sociologia no meu ensino médio). Como a linguagem era diferente, a forma como os conteúdos eram abordados, a sequência em que esses conteúdos se organizavam. Eu não imaginava que uma ciência poderia ser apresentada daquela maneira. Mas afinal, ainda era ciência aquela disciplina abordada daquela maneira?

Sociologia escolar era um conceito que não havia chegado até mim. Minha ideia inicial (e a ideia que estava representada em alguns livros didáticos) era que o ensino da Sociologia no

ensino médio seria uma espécie de curso de Ciências Sociais resumido, ou seja, trabalhava-se o surgimento da Ciência e em especial as Ciências Sociais, os teóricos “clássicos das Ciências Sociais” abordando seus principais conceitos e algo como uma “Sociologia no/do Brasil”. Ao levar em conta esses primeiros livros didáticos, o formato das aulas seria predominantemente de aulas expositivas, de fato o livro didático não se mostrava interessante para uma realidade de aulas de 40/50 minutos para adolescentes. Esses livros lembravam mais apostilas para cursos de introdução à Sociologia. Porém, não estávamos formando sociólogos e isso logo veio à tona.

Relembrando minhas aulas no estágio percebo muitas falhas. Como eu as organizava de uma maneira “acadêmica”, sem preocupação em conhecer as dinâmicas de funcionamento da própria escola, como quando a professora me alertou para a necessidade de passar atividades para os alunos e dar o visto em seus cadernos! Não lembrava disso, mesmo depois de tão pouco tempo que eu havia saído da escola. Pedir para os alunos trazerem o livro para a aula? Isso não era para ser óbvio? Chamada? Isso era o cúmulo. Inocentemente eu acreditava que chegar, expor o conteúdo e cobrar isso em alguma espécie de avaliação posterior era um movimento único, não conseguia me adaptar a essas peculiaridades de tempo cronometrado e alunos que não eram nem um pouco dóceis e muito menos uma audiência cativa.

Um evento em especial me chamou a atenção para rever o que era ser um professor de Sociologia na educação básica. Cheguei à sala onde deveria ser a minha aula, logo após o intervalo, e duas alunas estavam atracadas em uma renhida briga. O horror tomou conta de mim. Onde eu havia me metido? Que lugar era aquele? Por fim, o que fazer em uma situação como aquela? Com a ajuda de outros alunos as separamos e eu as mandei para a diretoria, mas continuava em choque com a situação e lembrei de meus antigos professores dos tempos de escola que aplicavam um belo sermão após situações inusitadas desse tipo.

Comecei a partir daí a lembrar dessas práticas que eu considerava tão abomináveis, práticas de domesticação e de conformação dos alunos. Passei a notar quanto tempo se perdia do processo de ensino e aprendizagem para essas tarefas, não que eu já não tivesse notado isso (até porque achava que o meu estágio seria uma busca pela quebra dessas práticas, como eu já havia dito). Mas dessa vez meu olhar não era condenatório sobre o professor ou o aluno, como ocorria em avaliações rasas sobre a escola, era um olhar na busca de soluções.

Meu estágio me abriu todo um universo novo, estranhamente distante do que era visto e produzido até então na universidade (onde o ingresso da sociologia não era visto por muitos com bons olhos). Descobri que as dúvidas que me assolavam estavam presentes nos debates que já se faziam sobre a produção de material didático de Sociologia para o ensino médio: repetir as sequências de conteúdos de um curso de graduação no ensino médio? Transformando

a disciplina de Sociologia em uma espécie de minicurso de Ciências Sociais? Focar nos teóricos das Ciências Sociais ou em temas mais ligados à juventude? Se a disciplina se chama Sociologia, como ela pode tratar de Antropologia e Ciência Política?

Ao final no estágio, no entanto, todas essas descobertas e questionamentos foram enterrados pela dura realidade que esperava um profissional com licenciatura em Ciências Sociais. Na falta de perspectiva de trabalho na minha área, comecei a atuar em um cargo de nível médio em uma prefeitura. Esse trabalho abortou minha primeira tentativa de cursar um mestrado, pois não consegui conciliar as duas atividades.

Após dois longos anos, fui aprovado em um concurso para o magistério no Estado do Ceará. A mudança seria brusca e me atemorizava, mesmo assim assumi o cargo e mais uma vez me vi dentro de uma escola, dessa vez em uma nova posição. Não era aluno, não era estagiário, me fiz professor.

Quando comecei a atuar no ensino médio, parte destas questões já estava, até certo ponto, resolvida; porém, a relação do professor com o livro didático continuava conflitiva, por várias razões. Muitos professores que atuavam e atuam lecionando a disciplina de Sociologia não são formados na área, mesmo os formados não lecionam apenas Sociologia, esta serve muitas vezes para, apenas, complementar a carga-horária do professor em uma escola.

A rotina de trabalho que até então eu desconhecía me adoeceu. Não via como humanamente eu era capaz de dar conta de tanto trabalho, pois atuava em duas escolas e possuía 20 turmas. Não tive tempo para voltar às minhas reflexões da época do estágio porque pensei em abandonar de uma vez por todas aquilo tudo. Nesse momento, minha companheira (que também era professora) foi minha tábua de salvação. Percebi um novo aspecto do trabalho do professor, ele é intenso, exige não apenas o conhecimento técnico, mas o seu ser, seus pensamentos, sua vida.

Fui aprendendo a ser professor, pelo menos o que se convencionou que um professor deve ser e fazer. Pude olhar com mais calma e menos hostilidade para o que eu fazia, onde eu estava, para a posição que o professor ocupa no processo de ensino e aprendizagem. Daí comecei a descobrir potencialidades que eu acreditava não possuir, descobri que as relações interpessoais (que foram tão rápidas e incipientes no estágio) eram essenciais para a manutenção de um clima escolar saudável, descobri como lidar com certos conflitos característicos da juventude.

Foi entre essas descobertas que o livro didático mais uma vez apareceu para mim, livro esse que não havia sido uma escolha minha, pois quando cheguei à escola outro professor ocupava o cargo, na condição de professor com vínculo temporário. Aliás, descobri que essa é uma realidade comum nas escolas, professores que possuem vínculos frágeis e

consequentemente não conseguem desenvolver projetos e uma atuação a longo prazo nas escolas. Professores que muitas vezes nem são formados na área em que atuam, mas precisam complementar sua carga horária e a disciplina de Sociologia se mostra uma ótima oportunidade para isso.

Essa realidade só ressaltava como o livro didático não é apenas um instrumento para auxílio do professor no processo de ensino e aprendizagem, ele é utilizado para a própria formação do professor. Ele não “ensina” o aluno, ele forma também o professor. Digo isso por minha própria experiência, muitos teóricos e conceitos me foram melhor esclarecidos nas leituras do livro didático, leituras essas para a preparação das aulas. O livro didático nos força a buscar adaptações de linguagem e formas de tratar determinado tema.

Ao final do meu primeiro ano de atuação no ensino médio se iniciou a escolha dos novos livros didáticos para o triênio 2015-2017. Um momento que eu não conhecia na escola, e obviamente não havia sido preparado para isso. Os exemplares de diferentes editoras chegaram à escola para análise e eu pude assim ter um panorama do que se utilizava em termos de livros didáticos para o ensino de Sociologia. Confesso que foi um dos primeiros momentos que fiquei fascinado por esses livros, as mudanças pelas quais eles haviam passado, pelas diferentes formas de organização dos conteúdos.

Porém novas dúvidas também começaram a surgir. Inevitavelmente pensava em qual livro melhor se adaptava à realidade dos meus alunos, qual se adaptava à realidade da escola e da comunidade escolar. Isso não foi tarefa fácil, percebi que os livros retratavam cenários e realidades muitas vezes distantes do que eu e os alunos viviam. Algumas propostas de intervenção e de projeto eram irrealizáveis, não foram pensadas para os meus alunos, não foram projetadas para um professor ligado à minha realidade.

Essa inquietação me perseguia, como uma política pública de âmbito nacional pode atingir realmente toda a diversidade do país? Meras fotos que retratam cenários de diferentes partes do país seria suficiente? Abandonar partes inteiras de um livro por serem deslocadas do cenário dos alunos é uma saída normal para isso? Como os outros professores lidavam com isso? Até onde os autores de livros didáticos tem autonomia e refletem sobre isso em seu trabalho?

Infelizmente a rotina de trabalho de um professor da educação básica não contempla espaço para a pesquisa. Todo o trabalho acaba sendo voltado para a sala de aula, a carga horária é construída pensando no processo de ensino e aprendizagem apenas como aulas expositivas para grupos que chegam a 40 adolescentes. As Secretarias de educação desenvolvem eventos de pesquisa a nível estadual, feiras de ciência e equivalentes do gênero, porém muito pouco

disso é de fácil execução, a não ser que o professor utilize o seu tempo livre para arregimentar alunos e fazer a pesquisa com eles, pois não há espaço na carga horária destinado a esse tipo de atividade.

A possibilidade de voltar a fazer pesquisa me apareceu com o PROFSOCIO (Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional). Imediatamente ao ler os textos para a prova de seleção percebi o quanto esse mestrado era uma oportunidade para tratar exatamente das questões envolvendo a produção de materiais para a educação básica, especificamente o livro didático.

A Secretaria de Educação do Ceará não oferece afastamento para o professor cursar mestrados profissionais, o que me levou a tentar conciliar o trabalho com a pós-graduação, e com algumas flexibilizações de horários na escola isso foi possível. A minha volta ao espaço acadêmico foi crucial para evitar uma certa acomodação e realização de tarefas automáticas na escola, em um momento em que minhas dúvidas e questionamentos mais uma vez seriam enterrados por planilhas de notas e correções de provas.

Ao longo das disciplinas o meu objeto de pesquisa foi mais claramente se apresentando, conceitos como o de juventude foram ganhando novos contornos e a leitura de dissertações que trabalhavam uma temática próxima a minha me nortearam nessa pesquisa. O trabalho da professora Ana Célia da Silva foi de suma importância e me apresentou as análises de representação social em livros didáticos.

Conforme já tratado, o livro didático de Sociologia não possui uma grande quantidade de análises como os livros didáticos de língua portuguesa e história, por exemplo. Talvez isso se deva ao recente reingresso na disciplina no currículo escolar, porém, isso também reflete o quanto as pesquisas nas Ciências Sociais ainda relegam a um segundo plano temas que envolvam a Sociologia escolar. Aparentemente os campos de conhecimento são rígidos e pensamos no trabalho do sociólogo na escola de maneira limitada, apesar do aumento das pesquisas sobre Sociologia escolar nos últimos anos.

Esse trabalho se desenvolve em proximidade a um novo PNLD, onde ainda não temos informações precisas de como essas disciplinas e conteúdos serão tratados (se serão tratados) nos novos livros didáticos. Um cenário de censuras e ameaças a presença das ciências humanas como um todo na educação básica torna esse momento sombrio para prognósticos sobre a sociologia escolar.

A essas ameaças soma-se o fato de o livro ser mais uma peça neste intrincado universo escolar, peça fundamental, porém ainda relegada academicamente ao segundo plano. Embora encontremos vários estudos sobre análises do livro didático, ainda estamos longe de formar

uma comunidade científica voltada especificamente à pesquisa no âmbito da sociologia escolar e, dentro dela, grupos de professores pesquisadores dedicados ao estudo e pesquisa sobre o livro didático. Sobretudo, aprofundar e pesquisar os sentidos de uma sociologia escolar no ensino médio e o papel que o livro didático teria nele, levando em consideração os diferentes públicos juvenis e suas realidades. É essa a centralidade da discussão que busco neste trabalho. Tornar o livro didático próximo de toda a comunidade escolar deveria ser um dos objetivos das editoras ligadas à produção dos mesmos. Não me cabe aqui taxar o livro didático de herói ou vilão no processo de ensino e aprendizagem, basta dizer que ele é uma realidade, ele possui um custo e deve atender a certas demandas. Mais uma vez ressaltamos que essa percepção e essas análises sobre o livro se fazem em um momento difícil para a educação como um todo.

CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM DURKHEIM

Durkheim (1858-1917) é considerado pioneiro no tratamento e conceituação do que viria a ser as representações sociais. De fato, em sua obra *As formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), Durkheim (2019) realiza uma breve explanação do que ele chama de "representações coletivas". Seriam essas representações maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores aos indivíduos. Há um debate sobre os motivos que teriam levado a Durkheim escolher os Fatos Sociais como o objeto por excelência de estudo da Sociologia e não as representações coletivas (OLIVEIRA, 2012). Provavelmente a necessidade de delimitar um campo completamente afastado da psicologia, tenha levado Durkheim a se deter menos na análise do campo das representações coletivas/sociais.

As representações coletivas funcionariam dessa forma como um elemento da identidade cultural de um grupo social, estaria presente e se desenvolveria nas relações que esse grupo desenvolve entre si. A representação social seria então uma forma que o senso comum desenvolve para explicar a realidade ou, como o próprio nome já diz, representar a realidade (DURKHEIM, 2019). É uma categoria de pensamento que muitas vezes absorve elementos filosóficos e científicos e os reinterpreta de uma maneira própria e única. As representações explicam o mundo e explicam o próprio grupo que as desenvolve em um processo, não necessariamente racionalizado e intencional.

2.2 O CONCEITO DE REPRESENTAÇÕES EM MOSCOVICI

Serge Moscovici (2011) foi além de Durkheim e se debruçou sobre o conceito de representação social, desenvolvendo-o não apenas como um conceito, mas como uma teoria própria. Moscovici é um dos nomes mais representativos no tocante ao conceito de representação social. Para o autor, na modernidade se desenvolveu uma maneira característica de observar.

Neste capítulo, mesmo considerando a abrangência conceitual da teoria das representações sociais de Moscovici (2011), apresentamos aqui um esforço de verificação da aplicabilidade dessa teoria a pesquisa na área de Educação e, particularmente a investigação de representações sociais no livro didático de sociologia.

A obra pioneira de Moscovici (2011): *Representação Social de Psicanálise* (2011), parece-nos que é um bom ponto de partida. Defendendo a hipótese de que, na modernidade, a ciência é uma fonte de representações sociais bastante fecunda, nessa obra ele investigou o que acontece quando um corpo de conhecimento como a psicanálise se espalha dentro de uma população humana. Para realizar a investigação, organizou o trabalho de pesquisa científica dando a seguinte forma:

(...) Ele colheu amostragens do conhecimento, das opiniões e das atitudes das pessoas, com respeito a psicanálise e aos psicanalistas. Os métodos empregados nessa parte de seus estudos são bastante convencionais, isto é, questionários semi-estruturados, pesquisa de opinião, etc. Ele, contudo, foi, além disso, e colheu amostragens sobre a informação que circulava na sociedade, com respeito ao objetivo de seu estudo. Isso compreendia a análise de conteúdo dos meios de comunicações de massa. Ele colheu amostragem dos conteúdos de alguns dos 241 jornais e revistas publicadas na França entre 1º de Janeiro de 1952 e 1º de Março de 1993, de todas as referências sobre a psicanálise. As representações estão presentes tanto “no mundo, como na mente” e, elas devem ser pesquisadas em ambos os contextos. (FAER, 1995, p. 85-98).

A citação acima mostra os procedimentos metodológicos utilizados pelo citado autor que resultou em sua obra pioneira sobre representações sociais. Vale, no entanto, salientar que, ao levar em consideração tanto o mundo ou contexto exterior quanto a mente, Moscovici (2011) identifica três dimensões das representações sociais e que podem levar a se pensar em parâmetros de análises do objeto de investigação. Essas dimensões são: cognitiva, afetiva e social. Elas estão, portanto, presentes em própria noção de representação social. Dessa forma:

O fenômeno das representações sociais, e a teoria que se ergue para explicá-las diz respeito à construção de saberes sociais e, nessa medida, ela envolve a cognição. O caráter simbólico e imaginativo desses saberes traz à tona a dimensão dos afetos, porque quando sujeitos sociais empenham-se em entender e dar sentido ao mundo, eles também o fazem como emoção, com sentimento e paixão. A construção da significação simbólica é simultaneamente, um ato de conhecimento e um ato afetivo. Tanto a cognição como os afetos que estão presentes nas representações sociais encontram a sua base na realidade sociais. (JOVCHELOVITCH, 1995:20).

Já a dimensão social diz respeito ao fato de que o estudo das representações sociais tem que levar em consideração as relações e as interações entre as pessoas e os grupos sociais que as criam, além do contexto da vida cotidiana. Assim: “O modo mesmo de sua produção se encontra nas instituições, nas ruas, nos meios de comunicação social, nos movimentos sociais, nos atos de resistência e em uma série infindável de lugares sociais” (ibidem, p. 20).

Dessa forma as representações dizem respeito ao espaço da vida cotidiana e dos grupos sociais, os quais orientam a sua ação segundo um repertório de saberes, crenças, de valores comuns. Esses saberes e sistemas de crenças e de valores consistem no senso comum. É

Fimportante saber e levar em consideração no seu estudo que o senso comum é presidido por uma lógica em termos cognitivos: a lógica do pensamento representativo. Portanto, o conhecimento do senso comum, mergulhado no contexto histórico e sociocultural, evoca acontecimentos, personagens e fatos de repercussão social ou de massa ou simplesmente, busca tornar familiar uma nova informação não-familiar. Neste processo, os grupos sociais constroem e reconstroem representações sobre algo que lhes desafiam deciframento, interpretação e assimilação ou não conforme a própria carga cultural e relacional do ambiente. Ou conforme a cultura incorporada pelos processos de socialização e ressocialização que acompanham toda a vida dos sujeitos e dos grupos sociais em interação com o contexto.

Com relação a isto é importante para o pesquisador de representações sociais levar em consideração que o processo de engendramento social das representações realiza-se mediante um amplo processo de amarração, (também chamado de ancoragem) e de objetivação. Amarração vem de amarrar um barco num porto seguro. Objetivação consiste num procedimento mediante o qual, os sujeitos da interação acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis retiradas do seu cotidiano, dos esquemas conceituais que lhes são apresentados e que têm que, com eles lidar (OLIVEIRA, 2003, p. 81).

Segundo Jovchelovitch (1995) a ancoragem e a objetivação são as formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações. Para esta autora, os processos de constrição e que ao mesmo tempo conferem as representações sociais uma estrutura peculiar são processos de mediação: a comunicação e mediação entre um mundo de perspectivas diferentes: o trabalho é mediação entre as necessidades humanas; os materiais brutos de natureza, os ritos, os frutos, os símbolos são mediação entre a alteridade de um mundo que diante do sujeito aparece frequentemente misterioso e o mundo da intersubjetividade humana; onde os sujeitos e grupos sociais trocam e constroem saberes ou formas de conhecimento entre eles.

Desta forma são as mediações sociais que geram representações sociais e através destas representações cada sujeito pode ir além de sua individualidade para entrar relacionalmente no domínio da vida em comum. Neste espaço da vida em comum procura-se entender sobre os objetos, as pessoas e das próprias normas que lhes são comuns. É nessa direção que para a supracitada autora, elas próprias, as representações sociais, tornam-se mediações: “... enquanto mediações, elas próprias expressão, por excelência o espaço do sujeito na sua relação como alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo”. (JOVETILOVITCH, 1995, p. 63).

Lembrando as contribuições de Piaget nesses processos de amarragem e objetivação, a supracitada autora considera que os mesmos estão associados aos processos subjacentes de deslocamentos e condensações. Para Piaget (1962 *apud* Jovchelovitch, 1995), a condensação diz respeito ao fato de as representações simbólicas serem resultados de uma mistura de imagens, de contrastes, de identificações, que condensariam, assim, certa serie de objetos, afetos e outros significantes ao redor dos sujeitos. Dessa atividade de construção da representação simbólica, resulta o “deslocamento” de significados entre vários objetos, coisas ou pessoas de forma a evocar em um, a referência do outro; de dar a um objeto a referência de outro; misturando em um a imagem e o som de outro. Assim, condensações e deslocamento são dimensões inseparáveis e parte inerente a atividade simbólica. Em síntese, para a supracitada autora:

Objetivar e também condensar significados diferentes. Significados que frequentemente ameaçam significados indizíveis, inexecutáveis em uma realidade familiar. Ao assim fazer os sujeitos sociais ancoram o desconhecido em uma realidade conhecida e institucionalizada e, paradoxalmente deslocam aquela geografia de significados já estabelecida para as sociedades, partes das vezes, lutam para manter. As Representações sociais emergem como processos que ao mesmo tempo desafia e reproduz, repete e supera o que é formado, mas que também forma a vida social de uma comunidade. (Ibidem, p.82).

Outro aspecto importante para quem estuda representações sociais, é não desconhecer que para Moscovici (2011) a teoria das representações sociais pode ser abordada como produto ou em termos de processo, mas as representações são ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental pela qual o indivíduo ou um grupo reconstitui o real, confrontando e atribuindo uma significação específica. (ABRIC,1998, p.188 *apud* CRUSOÉ, 2009, p. 174).

Quando se aborda as representações sociais em termo de produto, a teoria volta-se para o conteúdo das representações, ou dito de outra maneira, para o conhecimento do senso comum. Esse conhecimento do senso comum, como já se viu anteriormente, é o que permite aos atores e grupos sociais interpretarem o seu mundo, orientarem a comunicação entre eles e a entrarem em contato com certos objetos e situações no contexto da vida cotidiana, constrói uma representação sobre os mesmos que, de certa forma, vai orientar as ações e comportamentos. (Ibidem, p. 107).

Nestes termos a proposta da teoria das representações sociais é ter uma leitura científica do conhecimento do senso comum considerado por Moscovici (2011), como um conhecimento verdadeiro, como conhecimento de saber feito e não mero desfuncionamento do senso comum. Já as representações sociais como processo, seria uma abordagem mais centrada ou preocupada

em saber como são construídas as representações sociais, como se dar a incorporação do novo, do não familiar ao universo em comum dos diferentes atores e grupos sociais, e que, como visto anteriormente, se dá através de um duplo processo de objetivação ancoragem.

Nos termos de SÁ (1995 *apud* CRUSOÉ, op. cit., p. 107), o processo é responsável pelo enraizamento social das representações e de seu objeto. Em vez disso, a nossa abordagem de representação social do jovem ao livro didático, por questão de adequação ao objeto estudado, volta-se para o conteúdo das representações, o que, a nosso ver, pode explicar certas práticas na produção e uso do livro didático. Como já é sabido, as representações sociais explicam o mundo e explica o próprio grupo que as desenvolve em um processo não necessariamente racionalizado e intencional, cabendo à sociologia, por exemplo, a sua interpretação ou compreensão em estreita interação com o contexto e os seus atores e grupos sociais.

Finalmente, podemos tecer considerações sobre o que o enfoque teórico das representações sociais poderia ainda dizer quanto ao objeto de nossa investigação em relação, especificamente, às orientações científicas, filosóficas, ideológicas. Orientações essas que podem mover a ação social daqueles grupos e indivíduos que prescrevem normas, elaboram justificativas, fazem escolhas e fazem propostas em relação à política e produção do livro didático, bem como, à sua utilização no processo de ensino-aprendizagem. Qual é a noção que eles têm daqueles que são os seus usuários ou destinatários reais e potenciais, concretos ou idealizados? E, de qualquer modo representados? Por questão de recursos, de tempo em particular, melhor começar do particular ao geral e, então identificar e descrever como as representações de jovem se manifesta no livro didático do ensino médio.

2.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO LIVRO DIDÁTICO: DIALOGANDO COM A BIBLIOGRAFIA

A teoria das representações sociais de Moscovici (2011) tem apresentado uma significativa fecundidade teórica e valor heurístico para abarcar um leque enorme de temáticas e problemáticas em várias áreas científicas e, particularmente, na Educação. Nesse item, portanto, se faz uma revisão da bibliografia sobre o livro didático, em particular, aquela mais recente que analisa o livro didático de Sociologia no Ensino Médio.

Num primeiro momento trabalhamos obras que tratam de forma mais geral o livro didático: conteúdo, linguagem, orientações político-pedagógicas, o seu uso e recepção por professores e alunos, etc. No segundo momento desse diálogo com a bibliografia foi abordado aqueles autores que tratam mais especificamente de analisar representações sociais no livro

didático, especificamente o livro didático de Sociologia para o Ensino Médio. O foco da discussão foi quem trabalhou o quê e como, ou seja, a verificação dos procedimentos de identificação e análise de representação social, de forma que pudéssemos nos situar de forma crítica no âmbito desta produção acadêmica.

Para tanto se fez uma ampla pesquisa/busca em *sites* na *internet* e encontramos dezenas de artigos sobre representações sociais, no livro didático, por sua vez abrangendo quase todas as disciplinas científicas: da matemática e da física até o campo da literatura, da história, da geografia e das ciências sociais.

Aliás, podemos verificar que tais estudos de representações sociais abrangeram desde o significado que se tem dado ao próprio conceito de ciência ou da ciência de que trata até temas como globalização, meio ambiente, gênero, negro, violência, trabalho, cidadania, índio, etc. Nesse âmbito verificamos também que a grande maioria tem denominado esse tipo de abordagem do objeto de análise temática de representações sociais no livro didático, daí porque é oportuno se discutir um pouco no âmbito desse nosso trabalho essas diferentes abordagens e procedimentos de análise.

Fizemos também um levantamento das teses e dissertações no portal da CAPES e encontramos um número bem menor de trabalhos sobre o tema. Nesse âmbito verificamos as mesmas abordagens e procedimentos. Diante da diversidade de trabalhos em todos os campos, das exatas e das humanidades, o nosso primeiro critério para a seleção de autores para dialogarmos foi o de buscarmos obras mais recentes e significativas no campo das Ciências Sociais (antropologia, sociologia e ciência política). Além desses critérios soma-se um segundo ponto, que foi levarmos em consideração autores e trabalhos consagrados pela crítica acadêmica. Em terceiro lugar o critério de escolha foi de alguns artigos publicados em revistas de reconhecida importância científica no País.

Alguns autores já se debruçam atualmente sobre o tema das representações sociais presentes no livro didático. Podemos citar, inclusive, um clássico da sociologia que destinou uma obra inteira para tratar da importância da instituição escola e de seu papel como reprodutora de desigualdades. (BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Vamos tratar inicialmente, então, de autores que fazem uma análise mais geral do livro didático. O trabalho da professora Simone Meucci, torna-se um grande norte nesta empreitada, tendo em vista o aspecto recente dos estudos de livros didáticos de Sociologia no Brasil.

Meucci (2000) nos alerta para o caráter discricionário com o qual determinados teóricos, conceitos e temas foram adotados para fazer parte dos primeiros manuais de Sociologia. As escolhas dos primeiros autores de livros didáticos atendiam a diversas perspectivas, por

exemplo, a relevância que era dada a teóricos franceses e norte-americanos em detrimento dos alemães. Isto se dava provavelmente devido a necessidade de apresentar a Sociologia como uma ciência epistemologicamente autônoma, desligada de ideias e conceitos filosóficos.

Na obra *Sobre a Rotinização da Sociologia no Brasil*, Meucci (2000) nos faz um retrospecto da presença da Sociologia na educação básica e nas universidades. Desde sua primeira aparição, ainda no século XIX até o recente reingresso nos anos 2000. A autora nos chama a atenção para o período de 1930 a 1945, onde uma grande quantidade de manuais foi publicada. Entre idas e vindas no currículo, a reforma Capanema em 1942 retirou a Sociologia dos currículos, com exceção dos Cursos Normais. Este período em especial, gerou as primeiras manifestações por parte de sociólogos que passaram a ter um reconhecimento nacional, como Florestan Fernandes (MEUCCI, 2000).

Parte do interesse pela produção desses materiais se deve também a busca das editoras por fixar um mercado de produção de manuais escolares e acadêmicos. Percebe-se desde esse momento a concentração da produção desses compêndios no eixo Rio-São Paulo, com editoras como Globo (RJ), Melhoramentos (SP), Saraiva (SP) e José Olympio (RJ).

Meucci (2000) também reflete sobre outros motivos para essa expansão dos manuais de Sociologia na primeira metade do século XX. Os conflitos políticos pelos quais o Brasil passava, a nascente república do País e a associação com o Direito, principalmente o direito criminal, estão entre os aspectos que acenderam esse interesse pelo conhecimento sociológico e consequentemente pelos os seus manuais. Havia uma verdadeira crença dos poderes explicativos e de solução da Sociologia.

Ainda sobre a relevante importância de uma análise mais aprofundada sobre os livros didáticos, ressaltamos o trabalho de Allain de Choppin (2004). O autor resalta as dificuldades em se fazer pesquisa em termos de estado da arte que envolvam livros didáticos, seja pelas diferenças linguísticas que esses objetos recebem ao redor do mundo, seja pelo fato de que as pesquisas são recentes e abrangem períodos específicos.

A própria linguagem da literatura escolar é ressaltada por Choppin, ele elenca três características dessa linguagem que os livros didáticos foram tomando: o uso de perguntas e respostas, que remonta aos métodos do catecismo, cruzando-se assim com a literatura religiosa; a literatura técnica, parte da constituição de uma escola voltada para o moderno mundo do trabalho; e a literatura de recreação, adotada mais recentemente nos livros didáticos, porém atualmente bem presente nesses livros. (CHOPPIN, 2004).

O Autor também resalta a complexidade do livro didático, apresentando quatro funções que esses livros possuem, são elas: função referencial, função instrumental, função ideológica

e cultural e função documental. (CHOPPIN, 2004). Nos chama a atenção à função ideológica do livro, que serviria para repassar as formas de pensar o mundo das classes dominantes, modelando e doutrinando, de certa maneira, crianças e jovens para os ideais políticos do momento.

Também é ressaltada pelo autor, a diversidade de usos que o livro didático pode apresentar em uma escola. Desde seu uso como único instrumento que media a relação do processo de ensino e aprendizagem, até sua complementaridade com mídias audiovisuais e outros livros. Como historiador, Choppin também observa como os livros didáticos estão inseridos no contexto de difusão de uma pretensa cultura nacional, como é o caso deles terem sido utilizados nos últimos dois séculos como uma política ligada ao enrijecimento da ideia de Estado-nação. (CHOPPIN, 2004).

Outro aspecto de grande relevância tratado por Alain Choppin, é como os autores dos livros didáticos se portam frente a produção dos mesmos. Sua postura não é passiva, eles são agentes construtores muitas vezes de uma identidade nacional e ratificadores de posicionamentos políticos e ideológicos. Choppin observa que a construção da linguagem do livro didático passa muito mais como uma idealização da sociedade do que como ela realmente é. O livro didático apresenta dessa maneira uma sociedade do devir. Segundo o próprio autor “o livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, frequentemente de forma favorável”. (CHOPPIN, 2004, p. 557).

Além de que os livros apresentam (a idealização de sociedade feita nesses materiais), o autor pede atenção ao que esses livros omitem, ao que os autores silenciam. Essas ausências não fariam parte apenas dos livros ligados à literatura ou às ciências humanas. Esse silenciamento ocorre mesmo nos livros de ciências da natureza. Os conflitos são postos de lado e apresenta-se dessa maneira uma ciência harmônica e objetiva.

Nessa linha de significações e funções do livro didático, embora em sua dimensão pedagógica, Santana (2018) ao fazer um estudo de caso de uma escola estadual no Rio de Janeiro, identificou ao menos quatro funções para o livro didático: instrumento para a formação do professor; guia para a preparação de aulas, comprovação de que a Sociologia é uma ciência; e aproximação e distanciamento por conta da linguagem. Este trabalho de dissertação de mestrado utilizou a observação de campo como um de seus métodos de pesquisa, além de grupos focais e questionários. Realizou-se dessa forma a chamada “triangulação”: uma convergência de diferentes técnicas de análise de dados, para assim, gerar mais confiabilidade ao que foi observado e coletado.

Takagi (2007), em sua tese, analisou os recursos utilizados para o ensino de Sociologia no Ensino Médio e dedica todo um capítulo à análise do livro didático. Entre os aspectos ressaltados estão a diferença entre os livros de História e Sociologia, por exemplo, onde percebe-se uma relação muito forte entre os conteúdos de Sociologia presentes no livro didático e a produção acadêmica, diferentemente da produção dos livros de História que possuem discussões em torno do que deveria ou não estar presentes; isso levaria a uma maior dispersão dos conteúdos presentes nos livros didáticos de Sociologia, pois não há uma unificação curricular na produção desses materiais. Takagi faz uma ampla análise dos usos dos livros didáticos por parte dos professores, ressaltando as dificuldades que professores de outras áreas encontram em transpor os conteúdos presentes nesses livros para suas salas de aula.

Não tendo a pretensão de negar a importância do livro didático, Bodart (2015), nos apresenta possibilidades para o ensino de Sociologia de uma forma mais próxima do educando e significativa, através do uso da fotografia. Defende que esse recurso pode ser utilizado para conteúdos introdutórios e mesmo para desenvolver uma maneira sociológica de pensar e ver o mundo, para exercitar a imaginação sociológica proposta por Mills (1975); assim como exercitar as operações de estranhamento e de desnaturalização através das imagens. Bodart, além de nos introduzir mais um recurso didático, nos faz refletir sobre a construção de materiais e recursos didáticos a partir de nossa própria escola, sem a dependência de imagens pré-fabricadas presentes nos livros didáticos.

Munakata (2016) apresenta de forma clara, como o livro didático está arraigado na cultura escolar, como a construção dessa ligação foi historicamente sendo determinada; como a própria instituição escola esteve indissociavelmente ligada à presença desse objeto que é o livro. Percebe que “o que deve ser ensinado” e o “como deve ser ensinado” foi uma árdua construção, ligada a conflitos e negociações, ou seja, não foi fruto puro e simplesmente de necessidades naturais. Os livros didáticos possuiriam não apenas conteúdos, mas métodos de ensino e traçariam dessa maneira, um documento histórico da cultura escolar e dos objetivos e interesses da educação ao longo dos séculos. Mostrariam como as diferentes concepções pedagógicas foram implantadas na cultura escolar.

Cavalcante (2015) capta em sua dissertação a multiplicidade de percepções e usos dos livros didáticos em escolas paraibanas. Mostra como uma política nacional como o PNLD encontra dificuldades para a inserção desses materiais no contexto escolar, pois muitas vezes o livro não encontra um ambiente padronizado, ou mesmo professores padronizados, para a sua utilização. A autora propõe uma nova concepção dessa política pública dos livros didáticos, que possa se desvencilhar de interesses mercadológicos para atender a sua função primordial como

objeto da cultura escolar, presente no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, foi feita uma análise das legislações acerca do livro didático, um levantamento do perfil socioeconômico dos professores e das escolas analisadas e as próprias práticas pedagógicas desses professores, realizando entrevistas para inquirir sobre os critérios para a escolha de determinado livro didático.

Os trabalhos sobre representação social abrangem várias áreas de conhecimento, dado que a teoria transcende o campo da psicologia social. Especificamente analisaremos alguns trabalhos que utilizam a Teoria das Representações Sociais em análises de livros didáticos e na cultura escolar como um todo. São trabalhos que abordam desde a representação de negros nos livros didáticos, como Silva (2011) até representações de gênero, por exemplo.

Santos (2013) analisou as representações sociais do livro didático pelos professores de matemática em Pernambuco. Em seu trabalho os objetivos da pesquisa entre outros, são: identificar como estes professores construíram uma representação de senso comum sobre o livro didático, representação essa que ultrapassa diferenças socioculturais e regionais (foram entrevistados professores das zonas urbana e rural).

Entre as multifacetadas funções que esse livro ocupa no espaço escolar, a autora destaca a possibilidade de o livro dar concretude e efetivação ao trabalho docente. Este ponto é fulcral para os nossos objetivos, porque Santos (2013) destaca entre as críticas que os professores fizeram aos livros didáticos, a falta de uma maior regionalização dos conteúdos, a necessidade de torná-los mais próximos da realidade dos discentes. Vale mais uma vez ressaltar que a pesquisa foi realizada com professores do interior do estado de Pernambuco, mais precisamente Glória do Goitá e Vitória de Santo Antão. Mesmo com as dificuldades e percalços relatadas pela pesquisadora, foram aplicados dois questionários (Questionário de Associação Livre e Hierarquização de Palavras por ordem de Importância, e o Livro Didático de Matemática) e a realização de entrevistas semiestruturadas com os professores.

Outro autor, Lêdo (2017) ao analisar as representações de gênero nos livros didáticos de Língua Portuguesa, destaca o caráter ideológico dessas produções: o livro didático seria assim, reproduzidor de papéis de gênero, por exemplo. Descarta-se, assim, uma pretensa neutralidade desses materiais, ou o fato de que o seu conhecimento técnico estaria imune das concepções e valores do seu tempo e realidade sociocultural. A autora nota uma centralidade e predominância de personagens masculinos, sendo estes relacionados ao mundo do trabalho, em contrapartida as mulheres aparecem nos textos analisados associados à maternidade e ao casamento. É importante ressaltar que explicitamente esses livros seguem as normativas do PNLD, ao combaterem diferentes formas de preconceito, como homofobia e racismo. A autora

analisou dois momentos desses livros didáticos, e conseqüentemente do próprio PNLD, o primeiro quando do lançamento do programa (1985) e um segundo mais recente (2015); com uma abrangência temporal maior, foi possível perceber mais nitidamente as mudanças pelas quais esses livros passaram.

O interessante trabalho de Felix (2017) sobre a representação de índios nos livros didáticos, mostra que no que tange a esse grupo poucas coisas se alteraram nos livros didáticos, as informações continuam superficiais e resumidas. Os livros analisados pela autora são de ensino fundamental. Ela mostra a contribuição desses materiais para a reprodução de estereótipos e de uma visão colonizadora sobre o índio. A proposta de Felix também reforça nossa busca pela produção de um material localizado, construído pelos próprios grupos e indivíduos que aparecem nessas representações, no caso, os índios que quando não eram silenciados por essas editoras, têm as suas identidades distorcidas ou deterioradas.

Um trabalho sobre representações sociais bastante original é o de Ferreira (2005), que aborda a representação da história das mulheres no Brasil nos livros didáticos de História. Movimentos sociais e conquistas das mulheres ao longo do século XX aparecem de maneira secundária ou são simplesmente anulados. Mais uma vez nota-se que explicitamente os preconceitos são combatidos; há uma busca para não reforçar estereótipos de gênero, por exemplo, mas ao longo da produção (poderíamos dizer nas entrelinhas) esses grupos continuam marginalizados, reforçando um ensino de História baseado em grandes feitos e grandes nomes. A autora aponta como uma hipótese para esse estado de coisas, o baixo impacto acadêmico que as pesquisas historiográficas *de* e *sobre* mulheres tiveram para os paradigmas da História, os livros didáticos seriam um reflexo da pouca mudança nos cânones da historiografia tradicional. Entre as dificuldades para a escolha dos livros, a autora ressalta a falta de dados sobre a quantidade de cada livro e/ou coleção comprada pelo MEC, o mesmo apenas realiza pareceres sobre a qualidade dos livros selecionados no PNLD.

Silvério (2016) ao analisar a representação social dos corpos humanos nos livros didáticos de Biologia, utiliza a técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011) em uma pesquisa qualitativa. O autor analisou três coleções aprovadas no PNLD 2015. No final da pesquisa foi constatado que a representação de corpos negros também aparece em minoria nesses livros. Essa postura acaba por naturalizar a representação branca como padrão e o silenciamento de corpos negros em livros que são tidos no senso comum como técnicos. É imprescindível apontar os grupos editoriais produtores desses livros com parte da responsabilidade da reprodução desses estereótipos. Além, é claro, do papel do professor e de

sua criticidade para observar o livro não apenas como um simples objeto neutro no processo de ensino e aprendizagem.

Gênero tem sido outro objeto de análise temática de representações sociais, Lira (2016) faz em sua tese uma análise multimodal das relações de gênero nos livros didáticos de língua portuguesa adotados para o ensino médio. Especificamente são analisadas as imagens dos textos presentes nesse material. A perspectiva metodológica parte de uma análise do discurso crítica de Fairclough (2001). A partir de um *corpus* de imagens é feita uma amostra que apresente os chamados pontos críticos (momentos que chamam a atenção do pesquisador, seja por corroborar ou negar os discursos de gênero socialmente hegemônicos). Os surpreendentes resultados da pesquisa mostram que as figuras femininas presentes nesses livros, quando representadas como fortes e corajosas, são como um recurso de humor. Além de uma forte presença da representação do homem hetero e forte. Homens realizando atividades domésticas e mulheres que estudam e trabalham, por exemplo, não são representadas nesses materiais.

A autora conclui que as relações de gênero representadas nos livros didáticos não correspondem à realidade brasileira, pelo contrário, corrobora muitas vezes para a reprodução de um discurso sexista. Como o trabalho é voltado também para uma análise semiótica da capacidade de leitura de alunos e alunas, esse quadro se agrava, dado o valor simbólico que o livro didático possui no imaginário do educando, valor esse que passa por uma leitura que dá como verdadeira e certa todas as informações presentes no livro. (LIRA, 2016).

Outro trabalho na área de linguística aplicada e que é relevante aos nossos objetivos é o de Cichelero (2014), que escreve sobre as representações dos professores de inglês sobre o livro didático. A autora ressalta a sua proximidade com o objeto de pesquisa, dado o fato de ter atuado como professora de língua inglesa, classificando o seu trabalho como um estudo de caso intrínseco. A partir da aplicação de questionários para quinze professoras de inglês da educação básica, foi feita uma apreciação a partir da técnica de análise de discurso de Bardin (2011) e, obviamente, a teoria das representações sociais de Moscovici (2011). Nos casos dos livros de inglês foi constatada a sua percepção muito mais como uma ferramenta para o professor que para o aluno. Porém, o seu uso como único instrumento de ensino foi visto como algo negativo. Mais uma vez também se ressalta a necessidade de materiais ligados à realidade dos alunos. Por hora esses materiais apenas podem ser fornecidos por adaptações dos professores.

Em nossa busca por analisar os livros didáticos a partir da chave das representações sociais, é inevitável que debruçemos sobre o trabalho de Ana Célia da Silva (2011). Em sua magistral obra, *A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Por que mudou?* faz uma reflexão em dois momentos sobre as produções de livros didáticos de língua

portuguesa para o ensino fundamental. Especificamente a autora analisou nos textos e nas ilustrações desses livros como eram representados os negros (quando eram representados). Silva também utiliza a teoria das representações sociais de Moscovici (2011) em sua obra. Esta autora é uma das pesquisadoras brasileiras que mais acumulou experiência nessa temática e com foco também no avanço metodológico dessa abordagem.

Silva percebeu que a forma como os negros eram representados nos livros didáticos não os tornava (os negros) familiar e próximo, pelo contrário, as representações eram estigmatizadoras, tornando estranho o outro que estava sendo representado. Os negros seriam então, representados enquanto parte de uma coletividade, não seriam vistos enquanto indivíduos, mas julgados a partir de características atribuídas a todo o grupo. Na prática, esse é um mecanismo de funcionamento do próprio racismo, perde-se a individualidade e se é representado como um indivíduo isolado, mas como uma sequência de sua raça, etnia, classe, etc.

A análise de Silva nos traz reflexões sobre a importância de analisar os livros didáticos pelo enfoque chave das representações sociais. Nos traz a percepção do caráter político que os livros didáticos possuem; de como é indissociável da produção dos livros a reprodução de imagens de certos indivíduos e grupos sociais, imagens essas nem sempre reais e positivas. Muito pelo contrário, os livros podem excluir e omitir a voz e a presença de certos indivíduos, sejam eles negros ou jovens do semiárido brasileiro.

Silva também tem um trabalho alentador quando percebemos que essas imagens podem ser modificadas, que essas construções políticas são volúveis e que cabe às pesquisas sobre livros didáticos perceberem os novos papéis que esses materiais podem e devem possuir no ambiente escolar e na educação como um todo. A autora analisa como o objeto livro transcende, o simples papel de mediador do processo de ensino e aprendizagem e pode se tornar gerador de autoestima e de reconhecimento da criança negra, ressaltando dessa forma o caráter multifacetado do livro didático.

O caráter de construção da pesquisa é detalhado por Silva, trazendo à tona uma espécie de bastidor de sua pesquisa, mostrando como o interesse pela temática surgiu, associando sua pesquisa a sua própria vida e militância política. Elemento importante para perceber o caráter mais humano da pesquisa e de como a mesma não está desvinculada do próprio pesquisador, ou mesmo, como essa relação não interfere e não deve interferir na objetividade do que é buscado no trabalho.

Após um minucioso relato a respeito do desenvolvimento das pesquisas sobre a presença do negro no livro didático, Silva (2011) nos encaminha para as conseqüentes políticas públicas

que começaram a ser planejadas e executadas a nível nacional, bem como o desenvolvimento na própria universidade de pesquisas e mudanças curriculares que incluíssem cultura afro-brasileira nos currículos formativos de professores.

O surgimento e desenvolvimento das pesquisas sobre representação social e as análises a partir desses estudos no Brasil são recentes. Porém, sintomáticas na análise de grupos que são estereotipados como negros, ciganos e nordestinos. Os indivíduos pertencentes a esses grupos são vistos, julgados e representado não por suas qualidades e características individuais, mas como parte de uma coletividade, ele é confundido com os grupos aos quais pertence (SILVA, 2011).

A autora percebe mudanças significativas nos livros de língua portuguesa desde os anos 1990 até o segundo momento de sua pesquisa. Ela analisa livros de ensino fundamental, onde é grande a reprodução de imagens e ilustrações. As mudanças percebidas são no sentido de aparições não caricaturadas dos personagens negros, ou estes atuando em diversos cenários e situações e não apenas em funções subalternas. O único ponto persistente é que essa presença de personagens negros é minoritária ao longo dos livros, isso só não ocorre quando o personagem negro faz dupla com um outro personagem branco (SILVA, 2011).

É feita uma análise individual dos livros, em um total de 15. A autora destaca a quantidade de ilustrações de personagens brancos e negros e os traços com os quais eles são representados. É interessantíssima a forma como alguns livros ainda representa os personagens negros, os pontos recorrentes são as demonstrações desses personagens em funções subalternas, pobres e associados a animais ou a práticas animais. Em alguns livros Silva (2011) ressalta a dificuldade de alguns autores tratarem de temas como diversidade étnico-racial, recorrendo a imagens que associam a cor negra a elementos negativos ou mesmo utilizando eufemismos que mais contribuem para o racismo da obra, como utilizando o termo mulato para um personagem negro.

Alguns elementos foram determinantes para a mudança de olhar e perspectiva sobre a presença do negro no livro didático, através das entrevistas e de suas análises Silva (2011) conclui que a convivência, que mostrou a necessidade de não se representar personagens negros apenas de forma subalterna, a discriminação racial, que trouxe a importância de utilizar o livro como um instrumento para combater essas práticas em espaços como a escola. A tradição intelectual africana, a contribuição cultural e o valor cultural das religiões afro-brasileiras bem como a convivência e o cotidiano foram determinantes para a mudança nas formas de representação segundo os entrevistados. A própria identidade étnico-racial dos entrevistados

foram citadas como fator dessa mudança. Leis e normas, assim como a própria mídia foram apontadas.

Silva (2011) ressalta que a atuação política do movimento negro, especificamente o MNU (Movimento Negro Unificado), tem papel relevante nessas mudanças, dando visibilidade a todos os critérios anteriormente citados, tirando da invisibilidade esses indivíduos e seus elementos histórico-culturais. O livro didático com suas mudanças reflete essas conquistas políticas do movimento negro.

Além do MNU, a autora nos traz todo um histórico dos movimentos negros no Brasil desde o fim da abolição, incluindo periódicos, grupos de teatro e outros grupos políticos a exemplo dos Jornais Melinke e Novo Horizonte, movimentos políticos como a Frente Negra e especificamente a Frente Negra Baiana; os Congressos Afro-brasileiros, o Teatro Experimental Negro (TEN) e mesmo o bloco carnavalesco Ilê Aiyê. A autora também ressalta o surgimento do grupo NÊGO do qual ela fez parte. Ela também ressalta as diferenças que se construíram entre o MNU no Nordeste e no Centro-Sul do país, para ao final destacar os avanços e conquistas do movimento negro na atualidade. Ressaltando o surgimento de órgãos como a Fundação Palmares, que são frutos de lutas de décadas.

Silva (2011) conclui que, apesar das mudanças nos livros didáticos, as quais retiraram imagens estigmatizadoras de seus materiais, o negro continua sendo invisibilizado, dada a baixa frequência em que aparece nesses mesmos livros. Mesmo com avanços, muitas ilustrações e textos partem do mito da democracia racial, apresentando um ideal abstrato de cidadania que incluiria brancos e negros de forma igualitária. Na busca por igualdade acaba-se anulando as diferenças, como se essas diferenças em si próprias fossem negativas. Por fim, a autora propõe que não apenas os livros, mas a própria formação dos professores deve abarcar estudos históricos e antropológicos que ressaltem as raízes e consequências da discriminação racial em todos os âmbitos da sociedade.

Em termos de "estado da arte" a pesquisa de SILVA (2011) apresenta-se inovadora e avançou bastante em termos teóricos e metodológicos pelas seguintes razões:

- a) Incorpora à teoria das representações sociais de Moscovici (1959) a ideia de teoria do núcleo central e periférica de Jean Claude Abric (1998). Este autor sustentava a hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central e sistema periférico, o que ajuda a tornar a teoria das representações sociais com maior valor heurística para dar conta tanto do

processo de formação das representações quanto ao de sua transformação (SÁ, 1995).

- b) Incorpora as técnicas e os métodos de pesquisa de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2004).
- c) Mas este trabalho de SILVA defendido como tese de doutorado em Educação na UFBA, em 2006 e com várias edições, avança também no nível dos "achados" implicados em suas hipóteses de trabalho; as possibilidades de mudança da representação do negro no livro didático. Aliás, de transformação de um conjunto de preconceitos, estereótipos e outros ingredientes do racismo é investigada. Ou seja, ao contrário do que frequentemente se tem feito, esta supracitada autora, vai além da constatação e da denúncia e, da descrição. Essa ativista do movimento social dos negros e das negras brasileiras(os) e de suas organizações sociais, identifica, descreve também e analisa, elevando o problema a reflexão crítica e a sua vocalização na esfera do debate público. E, então, não só denuncia, mais anuncia, no sentido de anunciação da esperança esperçada no dizer de Paulo Freire. O trabalho constata a transformação num contexto emérito de democracia e protagonismo dos negros e negras que socialmente, de geração em geração, carregam o peso do racismo em suas "costas e em suas mentes, no corpo e na alma". Mas, também, ainda revela que a transformação ainda é pouca em relação ao objeto que estuda, já que a frequência da presença do negro no livro didático se tornou bem menor. Daí novas "batalhas", incluindo e principalmente, a formação dos professores e das professoras.

Nesta revisão de bibliografia encontramos apenas dois trabalhos sobre representações sociais de jovem e juventude no livro didático, fato que torna a nossa pesquisa pertinente, oportuna e justificável quando se torna quase senso comum entre professores e gestores educacionais que defendem as pedagogias progressistas, construtivistas, ativas (Dewey, Piaget, Vigotsky, Freinet, Wallon,... Paulo Freire, Anísio Teixeira, etc.), a necessária participação dos estudantes jovens e adolescentes, principalmente, no processo de ensino-aprendizagem. Participação essa que exige necessariamente um ensino contextualizado, ou seja, em estreita

interação com a realidade dos educandos e em dialogo vivo com a experiência humana que a partir dali se desenrola. Vejamos a bibliografia.

Bittencourt (2017) defendeu recentemente uma dissertação de mestrado na qual analisa as representações de juventude presentes nos livros didáticos da língua portuguesa no Ensino Médio. Ressalta a importância que o livro didático ainda possui no ambiente escolar, apesar de todos os avanços tecnológicos. Entre todas as representações de culturas juvenis, a música se destaca como uma das mais presentes nesses materiais. Em contrapartida, as formas de sociabilidade desses jovens, como suas famílias e amigos, são colocadas em segundo plano. Para o autor, as culturas juvenis da atualidade não estão plenamente representadas na coleção de livros didáticos analisada. Nela é apresentada uma juventude fragmentada, ancorada em elementos passados e pouco dinâmicos. Utiliza-se para a análise dos livros a perspectiva da filosofia da linguagem de Bakhtin, percebendo a linguagem não como uma estrutura rígida e imutável, mas, como uma construção histórica e política em constante mudança e adaptação (BITENCOURT, 2017).

Outro trabalho relevante a nossa pesquisa é o de Lima (2011), que estudou os tratamentos dado à juventude nos textos dos livros didáticos de Ciências Sociais da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse trabalho a juventude é pensada como uma categoria social em constante mudança, fruto de uma construção histórica. Daí as mudanças que a ideia de juventude passou ao longo dos séculos. A autora constata que esses materiais reforçam a imagem da juventude atrelada a fatores biológicos e psíquicos, negando a dimensão sociocultural da juventude.

Também foram analisados o momento-aula e a percepção desses jovens através de grupos focais, sobre esse teor do livro didático em contraste com a sua ou as suas auto-identidades, autoestima e sentimentos de pertencimento à geração do mundo contemporâneo que, por sua vez, experimenta profundas e aceleradas transformações. Evidencia-se que, apesar da multiplicidade de formas que a juventude é retratada na Educação de Jovens e Adultos, a representação é muitas vezes construída pela ótica dos adultos, construindo o que a autora chama de “aulas para adultos”. (LIMA, 2011).

Percebemos nesses autores que trabalham com jovens no livro didático alguns avanços: Lima (2011), por exemplo, vai trabalhar juventude como categoria social em constante mudança, como algo historicamente construída, avançando para além de fatores e atributos psíquicos. Essa definição categorial de juventude permitiu demonstrar que o livro da EJA, apesar de ser também de educação de Jovens e não somente de adultos, termina não contemplando a juventude, lhe oferecendo aulas de certa forma pedagogicamente inadequadas

e conteúdo mais sintonizados com outra geração que representa o passado, que foi socializada em outro mundo.

O autor apresenta técnicas de pesquisa que, ao se ler em seu trabalho, permitem um diálogo vivo com os jovens estudante e as suas noções de autoestima e autorreconhecimento como jovens e pertencentes a outra geração. Provavelmente se o autor em epígrafe tivesse trabalhado a noção de geração dentro de uma perspectiva de alteridade e, portanto, identitária, de sujeitos que buscam construir a sua identidade, pudesse ter um pouco mais. O trabalho desse autor vai ao encontro de nossa pesquisa ao demonstrar que o livro didático não contempla adequadamente o mundo juvenil com suas vivências e experiências cotidianas. Não reconhece esse estudante e a sua expressão identitária de geração. Termina distorcendo-as com base em elementos passadistas ou da vida adulta que não contemplam o presente desse estudante, mas o passado de quem um dia já foi jovem e hoje é adulto e tem dificuldades de entender e reconhecer as juventudes contemporâneas e suas culturas. Pior são as aulas, são preparadas para outros seres que não os jovens. Do ponto de vista dos avanços em termos de procedimentos metodológicos o autor avança utilizando-se de uma perspectiva dialógica representada pela técnica de grupo focal e abordagem dos alunos no espaço aula através do diálogo com eles e da observação.

Da forma semelhante, também a análise que Bittencourt (2017) faz do livro de português para jovens estudantes do ensino médio. Observa certa inadequabilidade dos livros que analisa. Os jovens, segundo este autor, não estariam plenamente representados no teor desses livros. São contemplados e apresentados de forma fragmentada já que aspectos importantes relacionados à identidade como sociabilidades e suas relações com outros grupos sociais juvenis e a própria família não estariam contemplados na coleção de livros que o autor analisa. Semelhante aos resultados da análise de Lima acima, essa inadequação do livro didático de Português aos jovens aos quais são destinados sofre também de elementos representacionais ancorados no passado e oferecendo uma imagem do jovem fragmentada, ou seja, de um não sujeito, algo irreconhecível, não familiar para usar a expressão de Moscovici (2011).

Como estamos preocupados em nossa pesquisa com representação social de juventude no livro didático de sociologia no ensino médio, nos sentimos plenamente contemplados com os resultados das investigações dos autores supracitados. Não é um problema somente da sociologia no ensino médio e nem de contemplar essa ou aquela juventude conforme critérios de cultura e etnia, regionalidades e territorialidades, etc. o problema parece que é mais profundo ou mais grave. Em termos de métodos e técnicas e procedimentos de análise os autores apresentam certo avanço.

Bittencourt (2017) avança em termos de concepção de juventude ao superar atributos psicológicos e biológicos e adotar uma perspectiva de categoria de “culturas juvenis” e “sociabilidades” e de representação de juventude nelas ancoradas e não em elementos do passado. Em termos de método o autor lança mão da análise de discurso alicerçada nas contribuições de Mikhail Bakhtin (1895-1975), já muito familiar na área da literatura e da linguística.

CAPÍTULO 3 – O JOVEM NO LIVRO DIDÁTICO

Antes de qualquer análise sobre as representações dos jovens nos livros didáticos, se faz necessária uma breve análise dos documentos que norteiam a própria produção desses livros, pois, tendo em vista que os livros didáticos são uma política pública, sua elaboração e produção devem atender uma série de critérios legais. Irei me deter especificamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei nº 9394/96), no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e nas Orientações Curriculares Nacionais (OCN) para o Ensino Médio.

A LDB silencia em tópicos específicos sobre produção de livros didáticos, tal fator está ligado ao caráter mais geral do documento, onde há uma preocupação muito maior com a organização curricular, as diferentes modalidades de ensino e as atribuições dos diferentes atores políticos do processo educacional. Porém, quando a referida lei elenca os princípios da educação, são dignos de nota os princípios X e XI: “valorização da experiência extra-escolar” e “vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais”. (LDB, 1996).

Apesar de seu caráter abrangente, uma das leituras que podem ser feitas sobre estes princípios é o de que o universo social em que o jovem (em nosso caso) se encontra, de alguma maneira deve estar presente na escola, e, obviamente, nos materiais didáticos utilizados. A escola não pode ser apreendida apenas como espaço para a reprodução de práticas sociais preexistentes, mas um local de reflexão e de compartilhamento de conhecimentos, muitas vezes exteriores à instituição. Como elenca o princípio XI, as práticas sociais (dos jovens) devem estar de alguma maneira ligadas à educação escolar. (LDB, 1996). O questionamento que nos vem é o seguinte: os livros didáticos conseguem fazer esta vinculação? Tendo em vista a diversidade das práticas sociais dos jovens, como representá-las em um produto como o livro didático?

As OCN dividem-se em três áreas de conhecimento: Linguagem, Código e sua Tecnologia, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. No caderno referente às Ciências Humanas, encontra-se uma visão geral da área, com seus objetivos frente à sua presença no ensino médio e passa a uma explanação das “disciplinas” que compõem a áreas, que são a Geografia, a História, a Filosofia e a Sociologia.

No capítulo referente à Sociologia é feita uma retrospectiva histórica da presença da disciplina na educação básica. Logo após, é feita uma discussão sobre as possibilidades de currículo que a disciplina apresenta no ensino médio, mostrando como esse verdadeiro vácuo de organização curricular que a sociologia possui é algo interessante e mesmo positivo, pois não torna a disciplina engessada.

É no ponto 1.2, referente aos Conhecimentos de Sociologia, que notamos algo extremamente interessante no sentido da diversidade de possibilidades curriculares. O texto propõe práticas básicas de pesquisa no ensino médio, mostrando como a sociologia, de certa forma, pode se diferenciar das outras disciplinas mais enraizadas no currículo escolar e consequentemente mais afastadas de práticas propriamente científicas.

As práticas propostas pelo texto enriqueceriam de certa forma o processo de ensino e aprendizagem, ao mesmo tempo que adequaria certos conteúdos à realidade da comunidade escolar. Certas práticas são corriqueiras e não requerem tanta análise, como a aula propriamente expositiva, já outros como o uso da fotografia trazem todo um leque de possibilidade didáticas que podem ser trabalhadas pelo próprio professor. Não entraremos no mérito das dificuldades operacionais de aulas nos formatos que se indicam nas OCN, pois já existem trabalhos profundos e ricos sobre a realidade das salas de aula nas escolas públicas.

O documento chave para nossa análise acabou se mostrando o próprio PNLD. Os editais apesar de possuírem semelhança entre uma edição e outra não são fixos; apesar disso, alguns princípios são utilizados em todas as edições do programa, princípios estes previstos na LDB em seu artigo 35:

O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
- III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Dada essa especificidade, iremos nos deter no PNLD 2018, já que os livros analisados foram aprovados nessa edição do programa.

O processo de aprovação dos livros didáticos é longo; o PNLD 2018, por exemplo, iniciou-se em 2015 com uma chamada pública e as exigências para as editoras que pretendiam participar da seleção. Especificamente no que se refere à sociologia, os princípios que embasaram os critérios específicos foram: 1) Assegurar a presença dos conteúdos das três áreas que compõem as Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia e Ciência Política. 2) Respeitar o rigor teórico e conceitual. 3) Realizar a mediação didática. 4) Contribuir para a apreensão do conhecimento sociológico pelo estudante e, 5) Garantir a autonomia do trabalho pedagógico do professor.

Um último aspecto relevante para a nossa pesquisa é a composição dos avaliadores, mais especificamente a região de origem dos mesmos, como se pode ver logo abaixo (tabela 1).

Tabela 1 – Avaliadores

Norte	1 avaliador
Nordeste	6 avaliadores
Sul	5 avaliadores
Sudeste	10 avaliadores
Centro-Oeste	2 avaliadores

Fonte: Elaborada pelo autor (2020)

A regionalidade como um dos critérios para a escolha dos avaliadores é um elemento relevante para evitar distorções e estereótipos na produção desses materiais, porém, tendo em vista que a quantidade de livros a serem avaliados possuem uma limitação e já se encontram prontos, ou seja, o livro apenas pode ser aprovado ou reprovado, acreditamos que esse critério não seja suficiente para corrigir as representações regionais e limitadas de juventude.

Os critérios de avaliação também possuem instrumentos que visam proporcionar um produto diverso e plural para as diferentes realidades do país. A ficha de avaliação possuía entre seus pontos o critério de avaliação de imagens, os avaliadores deveriam responder se os livros analisados possuíam ou não imagens que incorressem em “preconceito ou estereótipo de qualquer natureza, conteúdo religioso ou marca comercial” (PNLD, 2018, p. 10). Ressaltamos, uma vez mais, a criteriosidade na avaliação desses livros, além das preocupações com o próprio conteúdo e com as possibilidades de mediação pedagógica, é digno de nota que se observem a presença de preconceitos e outras falhas do tipo nesses livros. Porém, existem textos além dos textos aparentes (BARDIN, 2011). Existem elementos que em sua aparência não reforçam preconceitos, mas reforçam um imaginário de naturalização de certas concepções de juventude, são exatamente esses elementos que buscaremos em nossa análise de livros didáticos.

O Guia do PNLD ressalta as dificuldades em se produzir um livro para um país continental de grande diversidade como o Brasil, ou seja, existe a consciência das limitações desses materiais, inclusive no que toca a realidade do meio rural (realmente um elemento pouco abordado, ou mesmo não abordado, nos livros didáticos). Porém, apesar de citar esse problema, o guia não propõe nenhuma solução. A dificuldade é simplesmente posta como uma realidade incontornável, as limitações do livro didático são postas como um mal necessário, em outras palavras o guia parece nos dizer que é melhor possuir um livro sem sensibilidade e diversidade que não possuir nenhum livro.

Iremos realizar agora uma análise dos 5 (cinco) livros para a disciplina de Sociologia aprovados no PNL D 2018, são eles que compõem o nosso universo de pesquisa. Nos atentaremos para as formas de representação e descrição de juventude presentes nos mesmos. Segue uma tabela com a descrição dos títulos, dos autores e das editoras dos livros.

Tabela 2 - Títulos e autores das editoras.

Título	Autores	Editora/Edição
Sociologia em Movimento	Diversos autores	Moderna 2ª edição - 2016
Sociologia para os Jovens do Século XXI	Luiz Fernandes de Oliveira Ricardo Cesar Rocha da Costa	Imperial Novo Milênio 4ª edição - 2016
Sociologia	Benilde Lenzi Motim Maria Aparecida Bridi Sílvia Maria de Araújo	Editora Scipione 2ª edição - 2016
Tempos Modernos, Tempos de Sociologia	Bianca Freire-Medeiros Helena Bomeny Julia O'Donnell Raquel Balmant Emerique	Editora do Brasil 3ª edição - 2016
Sociologia Hoje	Celso Rocha de Barros Henrique Amorim Igor José de Renó Machado	Editora Ática 2ª edição - 2016

Fonte: Elaborada pelo autor (2020).

Sociologia em Movimento

O Livro Didático (LD) *Sociologia em Movimento* foi elaborado por uma extensa equipe de profissionais, são creditados 17 autores, sendo boa parte destes professores do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Em sua apresentação o livro propõe uma combinação do “debate acumulado pela Sociologia ao longo de sua história enquanto disciplina com as inquietações e demandas atuais de *jovens* [...]”. (SOCIOLOGIA, 2017, p. 5).

Ao longo de suas 397 páginas este LD apresenta várias imagens, textos e atividades de alguma maneira ligadas ao jovem e a juventude. Estas ligações, no entanto, não são aleatórias e nos parece representar um imaginário de jovem que não condiz com todas as realidades e

pluralidades do ser jovem no Brasil. Antes de trazer um capítulo em especial, apresentaremos um sumário do livro no quadro 01.

Quadro 1 – Sumário do LD *Sociologia em movimento*.

<p>UNIDADE 1: Sociedade e conhecimento: a realidade social como objeto de estudo</p> <p>Capítulo 1: Produção de conhecimento: uma característica fundamental das sociedades humanas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras Palavras 2. As diferentes formas de conhecimento 3. Ciência e senso comum: opostos ou complementares? 4. A contribuição da Sociologia para a interpretação da sociedade contemporânea 5. Os métodos de análise sociológica da realidade social 6. A Sociologia e a interpretação da sociedade do século XXI <p>Capítulo 2: A Sociologia e a relação entre o indivíduo e a sociedade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. A relação entre indivíduo e sociedade: perspectivas sociológicas clássicas 3. A relação entre indivíduo e sociedade: perspectivas sociológicas contemporâneas <p>UNIDADE 2: Cultura e sociedade: cultura, poder e diversidade nas relações cotidianas</p> <p>Capítulo 3: Cultura e ideologia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Cultura e vida social 3. Escolas antropológicas 4. Ideologia e comportamento social 5. Cultura e ideologia social 6. Indústria cultural e meios de comunicação de massa <p>Capítulo 4: Socialização e controle social</p>	<p>UNIDADE 4: Mundo do trabalho e desigualdade social</p> <p>Capítulo 9: Trabalho e sociedade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. A questão do trabalho em Marx, Weber e Durkheim 3. As experiências de racionalização do trabalho 4. Sistemas flexíveis de produção 5. Trabalho: cenário atual, avanços e retrocessos <p>Capítulo 10: Estratificação e desigualdades sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Formas de estratificação 3. Brasil: a interpretação da pobreza e o cenário de mudanças e permanências socioeconômicas <p>UNIDADE 5: Globalização e sociedade do século XXI: dilemas e perspectivas</p> <p>Capítulo 11: Sociologia e desenvolvimento</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Capitalismo: um sistema entre crises e desenvolvimento 3. Abordagens e perspectivas e desenvolvimento 4. O debate sobre desenvolvimento na era da globalização <p>Capítulo 12: Globalização e integração regional</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. O debate sobre a globalização: um ponto de partida sociológico 3. O mundo se modifica e um novo debate se inicia 4. Integração regional 5. Juntando e separando países
---	---

<ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. O processo de socialização 3. Controle social <p>Capítulo 5: Raça, etnia e multiculturalismo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Preconceito, discriminação e segregação 3. Raça, racismo e etnia: aspectos socioantropológicos 4. Multiculturalismo, interculturalidade e ação afirmativa <p>UNIDADE 3: Relações de poder e movimentos sociais: a luta pelos direitos na sociedade contemporânea</p> <p>Capítulo 6: Poder, política e Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Poder, política e Estado 3. As relações de poder na sociedade contemporânea 4. Formação do Estado brasileiro <p>Capítulo 7: Democracia, cidadania e direitos humanos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Democracia 3. Teoria democrática moderna 4. Teoria democrática contemporânea 5. Cidadania e direitos humanos 6. Democracia, cidadania e direitos humanos no Brasil <p>Capítulo 8: Movimentos sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Movimentos sociais como fenômenos históricos 3. Características estruturais dos movimentos sociais 4. Movimentos sociais tradicionais e novos movimentos sociais 	<p>UNIDADE 6: A vida nas cidades do século XXI – questões centrais de uma sociedade em construção</p> <p>Capítulo 13: Sociedade e espaço urbano</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Ordem x conflito: duas perspectivas sobre as cidades 3. Conflitos urbanos: violência e privatização do espaço público 4. Administração das cidades e o mercado <p>Capítulo 14: Gêneros, sexualidade e identidades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. Sexo e gênero: entre a construção e a desconstrução 3. O patriarcado e seus efeitos 4. A divisão sexual do trabalho: a mulher entre o público e o privado 5. Interseccionalidades: raça, classe e gênero 6. Identidade de gênero: sua instabilidade 7. Sexualidade(s) em transformação 8. Movimentos sociais: feminismo(s) e LGBT <p>Capítulo 15: Sociedade e meio ambiente</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Primeiras palavras 2. O contexto histórico da problemática socioambiental 3. Sustentabilidade e a produção de alimentos 4. Modernização, transformação social e justiça ambiental
--	--

Para exemplificar nos deteremos em um capítulo intitulado: “Sociedade e espaço urbano”. Esse capítulo aborda algumas teorias que tratam dos fenômenos sociais inerentes ao espaço urbano (Escola de Chicago, especificamente) e trata de discussões atuais ligadas às cidades como violência e segregação espacial. Atentamos inicialmente para o fato de o livro não possuir um capítulo que trate especificamente do “espaço rural”, ou seja, quais critérios foram elencados para a escolha do espaço urbano?

Na seção de atividades ao final do capítulo se propõe uma “questão para debate” com base em uma música e um pequeno texto que são contextualizados com episódios de revista por parte da Polícia Militar do Rio de Janeiro a ônibus vindos de regiões periféricas e que se destinavam a certas praias da cidade (ANEXO 1). O jovem apresentado na atividade é o jovem “pobre e negro” e suas dificuldades em uma metrópole como o Rio de Janeiro.

Também no capítulo 3, intitulado “Cultura e Ideologia”, nota-se que a imagem que abre o capítulo é do festival Rock in Rio no Rio de Janeiro, a referida imagem serve para representar uma “expressão cultural da juventude”, no caso a música. Também há outra imagem de jovens discutindo com seguranças de um shopping de São Paulo após a realização de um *rolezinho*.

As referências ao jovem ou a elementos ligados a manifestações da juventude no livro são, majoritariamente, tratadas enquanto manifestações urbanas, em muitos momentos a imagem do jovem é apresentada ligada às grandes cidades. As próprias atividades do livro estão relacionadas muitas vezes a contextos e problemas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo.

Obviamente, o livro possui uma variedade de imagens de jovens de várias partes do mundo. É inegável que houve uma busca para apresentar o livro o mais próximo possível de uma obra de abrangência nacional. No próprio “Suplemento do professor”, orienta-se que a autonomia docente deve ser valorizada, assim como as experiências discentes. Afirma-se que o livro busca conjugar “vivências de mundo muito diversificadas”, bastante positivo o reconhecimento das limitações do material, reconhecimento esse, vale salientar, que é uma constante nas produções de Sociologia.

Sociologia para os jovens do século XXI

O Sociologia para jovens do século XXI é um bom exemplo de busca por uma linguagem apesar de acadêmica mais ligada às experiências de jovens brasileiros, os títulos dos capítulos (Quadro 2) possuem nomes chamativos como: “Quem sabe faz a hora e não espera acontecer?” ou “Não é só pelos R\$ 0,20 centavos”. Os textos dos capítulos também partem de questões motivadoras, isso se torna essencial, pois o contato do professor com o educando em sala, na

maioria das vezes, se restringe a uma aula de 50 minutos, deste modo o livro didático é o único material que o adolescente possui em casa para seus estudos individuais. Porém, a facilidade de acesso à linguagem do livro ocasiona um texto com poucos conceitos de teóricos, as reflexões muitas vezes ficam ao nível do senso comum, uma espécie de Sociologia espontânea. Seus capítulos encontram-se assim divididos:

Quadro 2 – Sumário do LD *Sociologia para jovens do século XXI*

<p>UNIDADE 1: Sociologia e conhecimento sociológico</p> <p>Capítulo 1 – Sociologia: dialogando com você</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ciências Sociais e Ciências da Natureza 2. E quando alguns adultos dizem que os jovens não se interessam por essas discussões? 3. Vamos tirar algumas dúvidas? O senso comum e a Sociologia <p>Capítulo 2 – “Quem sabe faz a hora e não espera acontecer?” A socialização dos indivíduos</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Sociologia como ciência da sociedade 2. É necessário mudar o mundo 3. A sociedade está na cabeça de cada pessoa 4. Só fazemos o que faz sentido 5. A socialização e você <p>Capítulo 3 – “O que se vê mais, o jogo ou o jogador?” Indivíduos e Instituições Sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Definindo os termos da conversa 2. Papai, mamãe tia e os outros 3. Meus colegas, minha turma, meus professores 4. Meu padre, meu pastor, minha mãe de santo, os adeptos 5. O político, o juiz, o funcionário e o povo 6. As empresas as associações e o esporte <p>Capítulo 4 – “Torre de Babel”: culturas e sociedades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Cultura e senso comum 2. Cultura como representação da realidade 3. Cultura e o significado antropológico 4. A Babel da cultura 	<p>UNIDADE 3: Relações Sociais Contemporâneas</p> <p>Capítulo 17: “Espaços de dor e de esperança.” A questão urbana</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Origem e desenvolvimento das cidades e da urbanização 2. A cidade contemporânea como espaço de segregação socioespacial 3. Mas, o que são mesmo as favelas, que insistimos em descrever? 4. As cidades dos grandes eventos 5. Caminhamos para uma cidade pós-industrial ou para uma cidade democrática? Como serão as cidades do futuro? <p>Capítulo 18 - “Ocupar, resistir, produzir.” A questão da terra no Brasil</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Questão de terra ou questão de gente? 2. Mas os trabalhadores do campo aos poucos se organizam 3. Terra para quem nela trabalha: os trabalhadores sem-terra retomam a sua luta histórica 4. A Sociologia e a questão da terra no Brasil <p>Capítulo 19 - "Chegou o caveirão! E agora?" Violência e desigualdades sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Sociologia da Violência 2. Me pedem para comprar, mas não posso... Me pedem para trabalhar, mas não consigo 3. E ainda sou culpado por tudo
---	--

<p>Capítulo 5 – “Sejam realistas: exijam o impossível!” Identidades sociais e culturais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Identidade: o que é? 2. 1968: os jovens comandam uma revolução política e social 3. Identidade no debate da Sociologia 4. Identidades sociais ontem e hoje 5. Voltando aos jovens: quais são as suas identidades? 6. Existe uma identidade brasileira? <p>Capítulo 6 – “Ser diferente é normal”: as diferenças sociais e culturais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Ser diferente é normal 2. O etnocentrismo 3. As trocas e os diálogos culturais <p>Capítulo 7 – “A matrix está em toda parte...”: Ideologia e visões de mundo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que será que anda na cabeça de nossa gente? 2. Na escola todos falam a mesma língua? 3. A matrix nossa de cada dia <p>Capítulo 8 – “Ganhava a vida com muito suor e mesmo assim não podia ser pior.” O trabalho e as desigualdades sociais na História das sociedades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Escravidão no Século XXI? 2. Nem sempre tivemos fábricas, salários, Facebook, futebol e... 3. Mas eu não entendo nada de economia 4. O trabalho e as desigualdades sociais através da História da humanidade 5. A organização dos homens em sociedade através da História 6. O trabalho e as desigualdades: estratificação social e mobilidade social <p>UNIDADE 2: Trabalho, Política e Sociedade</p> <p>Capítulo 9 – “Tudo que é sólido se desmancha no ar”: capitalismo e barbárie</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. E a humanidade inventa o capitalismo 2. Acumulando capital e revolucionando a indústria 3. Concorrência e monopólio 4. A crise: superprodução de mercadorias e imperialismo 	<ol style="list-style-type: none"> 4. Drogas: brancos que produzem, brancos que consomem... negros que consomem e morrem <p>Capítulo 20 - “A gente não quer só comida...” Religiosidade e juventude no século XXI</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Entre o crer e o saber 2. O que tem a ver a Sociologia com a religião? 3. As religiões no Brasil 4. Coisas de brasileiro! O fenômeno do sincretismo no Brasil e no mundo 5. A sociedade, seus problemas e a religiosidade 6. Religiosidade, juventude e o novo milênio <p>Capítulo 21 - “Onde você esconde seu racismo?” Desnaturalizando as desigualdades raciais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é realmente o racismo? 2. Uma história invisível 3. Qual é a cor do Brasil? <p>Capítulo 22 – “Lugar de mulher é onde ela quiser?” Relações de gênero e dominação masculina no mundo de hoje</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sexo, gênero e poder 2. Gênero e transgêneros: o que mudou e o que não mudou no século XX 3. O transfeminismo e as “vadias” 4. Violência de gênero e legislação brasileira 5. Por que é importante estudar e pesquisar sobre as mulheres <p>Capítulo 23 – “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.” Debatendo a diversidade sexual e de gênero</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sexo e gênero 2. Identidade e gênero 3. Orientação sexual 4. Transfobia e homofobia 5. Identidade de gênero e orientação sexual através dos tempos e das culturas
--	--

<p>5. Competição capitalista e barbárie humana</p> <p>6. Uma alternativa ao capitalismo</p> <p>7. Mas, o que é realmente o socialismo?</p> <p>8. Tentaram, mas não conseguiram!</p> <p>Capítulo 10 - “Todo mundo come no Mc Donald’s e compartilha no Facebook?” Globalização e neoliberalismo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que é um mundo globalizado e neoliberal? 2. Neoliberalismo: liberdade ilimitada para os mercados e os lucros? 3. Como vão a globalização e o neoliberalismo neste século XXI? <p>Capítulo 11 - “Um novo fast food para você”: o mundo do trabalho e a educação</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Seremos todos flexíveis, terceirizados e produtivos? 2. A crise econômica da década de 1970 3. A nova moda econômica: acumular capital de forma flexível 4. Enfim, a moda pega. E o futuro como fica? 5. Um novo fast food para você <p>Capítulo 12 - “O mercado exclui como o gás carbônico polui”: capital, desenvolvimento econômico e a questão ambiental</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Entendendo as causas do aquecimento global 2. O surgimento da Sociologia Ambiental 3. Capital, desenvolvimento econômico e a questão ambiental <p>Capítulo 13 - “É de papel ou é pra valer?” Cidadania e direitos no mundo e no Brasil contemporâneo</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma breve história da cidadania 2. Direitos civis, políticos e sociais 3. Cidadania, socialismo e minorias 4. Cidadania, capitalismo e desigualdades sociais 5. A cidadania no Brasil: uma “corrida de obstáculos” 6. Direitos e cidadania sob “fogo cerrado” 7. Direitos e cidadania no Brasil de hoje 	<p>6. Movimento social</p> <p>Capítulo 24 – “Tudo se chama nuvem Tudo se chama rio”: nossos ancestrais, primeiros habitantes do Brasil</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. “Nos deram espelhos, e vimos um mundo doente” 2. Ninguém conta essa história: que história? 3. As línguas faladas pelos povos indígenas 4. Conhecimentos medicinais indígenas 5. “Quem me dera ao menos uma vez explicar o que ninguém consegue entender”
--	---

<p>Capítulo 14 - “O Estado sou eu.” Estado e Democracia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. E onde fica a democracia nesta história? 2. Afinal, o que é mesmo democracia? 3. A ascensão da democracia liberal 4. Mas, o que significa a democracia participativa? 5. O que é a democracia representativa num mundo neoliberal? A História política recente do Brasil como exemplo <p>Capítulo 15 - “Não é só pelos R\$ 0,20 centavos?” Movimentos sociais ontem e hoje</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Definindo e caracterizando os movimentos sociais 2. Movimentos sociais e revolução socialista 3. Movimentos sociais no Brasil contemporâneo 4. O surgimento dos novos movimentos sociais 5. Movimentos sociais no século XXI <p>Capítulo 16 – “Na telinha da sua casa, você é cidadão?” O papel da mídia no capitalismo globalizado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma revolução que não para 2. A opinião dos especialistas 3. Mudanças de hábitos e de relações sociais 4. Um grande irmão que não é de carne e osso: “Big Brother Brasil” 5. As mídias e as salas de aula no século XXI 6. A globalização e o mercado dos grandes negócios 	
---	--

Fonte: LD *Sociologia para jovens do século XXI*. (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

Este LD oferece sensíveis melhorias no que diz respeito à forma como o jovem é apresentado. O livro, elaborado por dois professores do Rio de Janeiro, prima por uma linguagem simples, atividades de vários formatos e uma estética que lembra a de uma revista. Elemento este, diga-se de passagem, que será comum a todos os LD de Sociologia, como nos lembra Meucci. (MEUCCI, 2013).

Este LD não possui um capítulo especial tratando sobre juventude. Alguns temas por sua especificidade se encaixam melhor às discussões em que normalmente são atribuídas a

característica de “tema ligado à juventude”. O que fica claro no capítulo 5 deste LD: “Sejam realistas: exijam o impossível!” Identidades sociais e culturais”.

O capítulo inicia com uma conceituação da juventude. Para isso é utilizado inclusive a definição de Juarez Dayrell e Juliana Reis:

A juventude é uma definição que é socialmente construída, sendo marcada por variadas condições sociais, culturais, de gênero e geográficas, ou seja, há jovens de diversas classes, etnias, religiões, com determinados valores, dentre outros aspectos. Além de serem marcados pela diversidade, as identidades da juventude são dinâmicas, ou seja, transformam-se de acordo com o tempo. (DAYRELL; REIS, 2007, p. 7 *apud* OLIVEIRA; COSTA, 2016, p. 71).

Infelizmente ao virarmos a página, mais uma vez, nos deparamos com os mesmos estereótipos: uma fotografia de jovens da periferia da cidade de São Paulo que produzem “camisetas grafitadas” (p. 72). Mais uma vez a imagem que o LD constrói é o do jovem urbano do centro-sul do Brasil. Apesar da forte representação de jovens de periferia e suas formas de luta e de sociabilidade, é inquietante perceber como um livro de distribuição nacional não debate sobre as demandas e dificuldades de jovens rurais ou mesmo de cidades menores.

No manual do professor, mais uma vez, o tema da adaptação do material às diferentes realidades econômicas e culturais é tratado. Os autores tratam claramente das dificuldades, afirmando que:

Dependendo da localização da escola, do grupo social majoritário que se encontra nela, em termos econômicos, do perfil social dos profissionais, ou da própria relação que a escola tem a comunidade externa, a forma de utilização de livros e materiais didáticos pode ser diferenciada. (OLIVEIRA; COSTA, 2016, p. 407)

Fica latente a preocupação e, por que não, a certeza de que o livro didático, no formato que é pensado atualmente no âmbito do PNLD, não consegue atingir todos os alunos, ou ao menos não é utilizado de forma desejável, ficando a cargo do professor a sua adaptação pedagógica.

Sociologia

O LD *Sociologia* da editora Scipione foi elaborado por um trio de professoras paranaenses (Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim). Nesse LD encontramos especificamente um capítulo dedicado a juventude: “Juventude: uma invenção

da sociedade” (Quadro 3). O mesmo se propõe em suas próprias palavras a tratar “a juventude como uma invenção da sociedade”. (ARAÚJO, BRIDI E MOTIM, 2016, p. 317).

O sumário deste livro didático se encontra disposto dessa maneira:

Quadro 3 – Sumário do LD *Sociologia*.

<p>Capítulo 1: As Ciências Sociais nas ceram com a modernidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As Ciências Sociais são fruto da transformação social 2. A divisão entre as Ciências Sociais 3. Senso comum e ciência 4. Métodos para pensar a realidade social 5. O objeto de estudo da Sociologia 6. A produção teórica dos autores clássicos <p>Capítulo 2: Viver em sociedade: desafios e perspectivas das Ciências Sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As transformações da sociedade 2. Vida em sociedade 3. As primeiras inquietações dos cientistas sociais 4. Desigualdade social e dominação 5. Globalização e novas questões sociais 6. As contribuições das Ciências Sociais <p>Capítulo 3: A família no mundo de hoje</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As muitas configurações da família 2. A família como instituição social 3. A família patriarcal no Brasil e seus desdobramentos 4. A família como espaço de reprodução social 5. As Ciências Sociais observam a família 6. Famílias em transição <p>Capítulo 4: O sentido do trabalho</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O trabalhador e o trabalho no mundo atual 2. O sentido do trabalho 	<p>Capítulo 7: Sociedade e religião</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A religião como instituição social 2. O fenômeno religioso 3. A religião na visão da Sociologia clássica 4. A religião em tempos de globalização 5. Fundamentalismo religioso 6. Conflitos religiosos no mundo 7. A religiosidade no Brasil <p>Capítulo 8: Cidadania, política e Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Cidadania é uma conquista 2. Políticas públicas: dilemas da cidadania 3. Condições da cidadania no Brasil 4. Poder e política: exercício e participação 5. Cidadania: entre o público e o privado 6. Estado e sociedade 7. Estado e governos <p>Capítulo 9: Movimentos sociais</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Movimentos sociais na pauta das Ciências Sociais 2. Movimentos sociais, classe e pobreza 3. Características dos movimentos sociais 4. Breve história dos movimentos sociais 5. Movimentos sociais na América Latina 6. Movimentos sociais latino-americanos e os Estado neoliberal 7. A exclusão social e os movimentos sociais na atualidade
--	---

<p>3. O lugar do trabalho na vida em sociedade</p> <p>4. O labirinto do mercado de trabalho</p> <p>5. Diferenciações no trabalho</p> <p>Capítulo 5: Tecnologia, trabalho e mudanças sociais</p> <p>1. As tecnologias transformam as sociedades</p> <p>2. Organização do trabalho no século XX</p> <p>3. A flexibilização e a sociedade</p> <p>4. O trabalho no Brasil</p> <p>5. A terceirização do trabalho</p> <p>6. Novo perfil do trabalhador</p> <p>7. Precarização do trabalho</p> <p>8. Os sindicatos e seus desafios atuais</p> <p>9. Tecnologias da informação e comunicação</p> <p>10. O trabalho no meio rural</p> <p>Capítulo 6: A cultura e suas raízes</p> <p>1. Comunicação e cultura</p> <p>2. O que é cultura</p> <p>3. Nós e os outros</p> <p>4. Diversidade cultural na sociedade brasileira</p> <p>5. Mudanças culturais na sociedade global</p> <p>6. Indústria cultural e práticas sociais</p> <p>7. A cultura que se mundializa</p>	<p>Capítulo 10: Educação, escola e transformação social</p> <p>1. Educação, escola e sociedade</p> <p>2. A escola como espaço de socialização</p> <p>3. As Ciências Sociais e a educação</p> <p>4. Educação para o presente</p> <p>5. Sistemas escolares e reprodução social</p> <p>6. Concepções da educação no Brasil</p> <p>7. Desafios no ensino no Brasil</p> <p>8. Educação e ensino: um direito</p> <p>Capítulo 11: Juventude uma invenção da sociedade</p> <p>1. As juventudes</p> <p>2. Juventude: um tempo de preparação e responsabilidades</p> <p>3. Sociologia e juventude por Mannheim</p> <p>4. Juventude e sociedade</p> <p>5. O conceito de geração</p> <p>6. Jovens e identidade nos grupos sociais</p> <p>7. O jovem no Brasil: movimentos e discriminação</p> <p>8. Juventude e autonomia</p> <p>9. Desafios para os jovens de hoje</p> <p>Capítulo 12: O ambiente como questão global</p> <p>1. A relação ser humano-natureza</p> <p>2. Sociedade de risco</p> <p>3. A construção da natureza</p> <p>4. Ecossistemas e mudanças globais</p> <p>5. A necessidade de uma consciência ecológica</p> <p>6. Os dois lados da inovação</p> <p>7. Desenvolvimento capitalista e meio ambiente</p> <p>8. Em busca de uma sociedade sustentável</p>
---	---

Fonte: LD *Sociologia* (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016, p. 6).

Como esses LD são fortemente iconográficos, podemos ter uma ideia de representação e de reprodução dos jovens por meio das imagens trazidas ao longo do capítulo. O capítulo 11 se inicia com uma foto de jovens paraenses observando uma lista de aprovados no vestibular,

além desta, a única foto que não retrata o jovem enquanto urbano e todas as identidades atreladas à vida em uma metrópole no Brasil e no exterior, é a foto de uma jovem, Kuikuro, participando de um ritual de passagem no Mato Grosso. O fato de possuir todo um capítulo relacionado às juventudes é um diferencial bastante positivo desse material. (ARAÚJO; BRIDI; MOTIM, 2016).

No manual do professor, mais uma vez encontramos a orientação para a utilização do livro didático como um meio, um auxílio ao professor e ao aluno, ou seja, ele não deve ser visto como um fim em si. É recorrente esse pedido por parte dos autores, infelizmente as soluções passam apenas pelo professor, pela sua criatividade e “autonomia”. Os próprios autores dos livros parecem de mãos atadas para certas soluções, não por sua culpa, mas pelas limitações das próprias políticas públicas.

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia

Tempos Modernos, Tempos de Sociologia é uma das mais antigas publicações da área, também possui uma linguagem acessível e divide-se basicamente em duas partes: uma dedicada à “Sociologia geral”, onde cada capítulo (Quadro 4) é norteado por um teórico e uma segunda parte ligada à “Sociologia do Brasil”, onde os capítulos são definidos por temas ligados à realidade brasileira. Infelizmente é um livro que possui uma forte linguagem histórica, na tentativa de “contextualizar” um teórico ou determinado tema, o livro acaba fazendo muito mais uma reflexão histórica do que sociológica. Um último ponto interessante do livro é que seu “fio norteador” ou “operador metodológico” é o filme *Tempos Modernos* (1936) de Charlie Chaplin, (daí o título do livro), os capítulos iniciam tendo como referência cenas deste filme. A divisão do livro se estabelece dessa maneira:

Quadro 4 - Sumário do LD *Tempos modernos, tempos de Sociologia*.

<p>PARTE 1 – Saberes cruzados Capítulo 1: A chegada dos “tempos modernos”</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Do campo para a cidade 2. Novos tempos 3. Seres humanos interpretando e transformando o mundo 4. Nova mobilidade de coisas e pessoas 5. Ampliando horizontes e descobrindo o “outro” 	<p>PARTE III – A sociologia vem ao Brasil Capítulo 14: Brasil, mostra a tua cara!</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Caras e caras 2. A mancha nacional 3. Tudo virando urbano 4. As muitas famílias 5. Outros brasis <p>Capítulo 15: Quem faz e como se faz o Brasil?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A Sociologia e o mundo do trabalho
---	--

6. O Século das Luzes e as grandes revoluções modernas	2. Começamos mal ou o passado nos condena?
7. A vez da indústria	3. O mercado de gente
8. Afinal, para onde a razão nos conduziu	4. Trabalho livre: libertos e imigrantes
Capítulo 2: Saber o que está perto	5. Trabalhadores do Brasil
1. A Sociologia e a crítica do tempo presente	6. E as mulheres? E as crianças?
2. Da Europa do século XIX ao Brasil do século XXI	Capítulo 16: O Brasil ainda é um país católico?
Capítulo 3: Saber o que está distante	1. Por que a Sociologia se interessa pela religião?
1. Antropologia e alteridade	2. Em que acreditam os brasileiros?
2. Superando o etnocentrismo científico	3. O que diz o Estado e o que faz a sociedade?
3. Lições do trabalho de campo	4. A polêmica sobre a pluralidade religiosa brasileira
Capítulo 4: Saber as manhas e a astúcia da política	Capítulo 17: Qual é sua tribo?
1. Tempos modernos e a nova ordem política	1. Tribos urbanas: encontros entre o arcaico e o tecnológico
2. Poder, obediência e suas veredas	2. Identidade ou identificação
3. Democracia e Ciência Política no Brasil	3. “Eu sou <i>punk</i> da periferia”
4. A política na vida contemporânea	4. Uma escola ou um rótulo?
5. Saberes cruzados	5. “Cada um no seu quadrado”
PARTE II – A Sociologia vai ao cinema	Capítulo 18: Desigualdades de várias ordens
Capítulo 5: O apito da fábrica	1. Brasil, país das desigualdades?
1. Solidariedade e coesão	2. Oportunidades iguais, condições iguais?
2. Direito e anomia	3. Onde estão e como vão as mulheres no Brasil
3. Ética e mercado	4. Todos iguais ou muito diferentes?
Capítulo 6: Tempo é dinheiro	5. Negro na pele ou negro no sangue?
1. Os caminhos da racionalidade	6. Raça e racismo na legislação brasileira
2. As máquinas modernas	7. A geografia da fome
3. O tempo mudou?	Capítulo 19: Participação política, direitos e democracia
4. Mudanças e resistências	1. A vida escrita de um país
5. O protestantismo e o “espírito” do capitalismo	2. De volta à democracia
6. O mundo desencantado	3. Democracia se aprende, cidadania também
Capítulo 7: A metrópole acelerada	4. Uma história do voto no Brasil
1. Tempos nervosos	5. Cidadãos de que classe?
2. O ritmo do tempo nas cidades grandes	Capítulo 20: Violência, crime e justiça no Brasil
3. A cultura subjetiva e a cultura objetiva	1. Pobreza gera violência?
Capítulo 8: Trabalhadores, uni-vos!	2. Sociabilidade violenta
1. Da cooperação à propriedade privada	3. Um problema de todos nós
2. As classes sociais	Capítulo 21: O que os brasileiros consomem?
3. Teoria e prática	
Capítulo 9: Liberdade ou segurança?	
1. Quando a liberdade é ameaçada	

<ul style="list-style-type: none"> 2. O novo mundo e o sonho da liberdade 3. O velho mundo e as suas contradições 4. Livre na prisão? <p>Capítulo 10: As muitas faces do poder</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. Curar e adestrar, vigiar e punir 2. Os corpos dóceis e o saber interessado 3. Indivíduos e populações 4. O poder da resistência <p>Capítulo 11: Sonhos de civilização</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. As sociedades reveladas 2. Um manual que virou catecismo 3. Julgar os outros pelo próprio ponto de vista 4. Os sonhos dos novos tempos <p>Capítulo 12: Sonhos de consumo</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. A capital do século XIX 2. Um mundo em miniatura 3. Ilusões e realidades da arte e da tecnologia <p>Capítulo 13: Caminhos abertos pela Sociologia</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. Um sarau imaginário 2. A estrada aberta e outros caminhos possíveis 	<ul style="list-style-type: none"> 1. Padrões de consumo 2. O consumo de bens culturais 3. O que vai à mesa? 4. Públicos consumidores e campanhas publicitárias <p>Capítulo 22: Interpretando o Brasil</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. Refletindo sobre nós mesmos 2. Civilizados ou cordiais 3. O Brasil e seus dilemas 4. Missão (quase) impossível
---	---

Fonte: LD *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*. (BOMENY, et al, 2016, p. 4).

Este LD possui um capítulo relevante para se analisar as representações de juventude correntes neste tipo de material. O capítulo 17 se intitula “*Qual é a sua tribo?*” (p. 266), e se propõe a tratar do conceito de tribos urbanas do autor Michel Maffesoli, relacionando este conceito com a “realidade” do jovem brasileiro.

Como o capítulo propõe a análise de tribos urbanas as imagens presentes todas retratam jovens urbanos ligados principalmente ao rock. O capítulo desta maneira se mostra omissivo às próprias representações dos jovens de periferia ligados ao *funk* e o *rap*, por exemplo. A ideia do rock como representante de uma linguagem da juventude e forma de socialização, já é questionada atualmente nos recentes trabalhos de Dayrell (2002).

Mais uma vez encontramos no Manual do Professor, orientações para um uso contextualizado do livro. Adaptando os conteúdos propostos à realidade dos jovens ao qual se destinam. Reconhece-se assim, as dificuldades já mencionadas anteriormente, de adaptação desses conhecimentos para jovens de diferentes estratos sociais.

Sociologia Hoje

Sociologia Hoje (LD) possui uma curiosa divisão em três diferentes áreas: a primeira unidade é dedicada à Antropologia e suas teorias e conceitos, a segunda à Sociologia e à terceira à Ciência Política. O livro possui uma considerável quantidade de atividades e exercícios (algo que é apreciado entre professores da educação básica, não apenas da disciplina de Sociologia). Tornando o ensino da Sociologia ligado fortemente às avaliações externas (ENEM e vestibulares que possuem questões de Sociologia). O livro valoriza os teóricos e pensadores possuindo pequenas biografias e imagens dos mesmos ao longo dos capítulos. A divisão em áreas, lembrando um pouco um curso de Ciências Sociais, possui uma certa resistência do adolescente, creio que introduzir temas e a partir destes associá-los a determinadas correntes teóricas sempre se mostra mais frutífero para o cotidiano da sala de aula. Segue abaixo (Quadro 5) o sumário desse livro didático:

Quadro 5 – Sumário do LD *Sociologia Hoje*.

<p>Introdução – O que é a sociedade?</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A vida em sociedade 2. As Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia e Ciência Política 3. Como funcionam as Ciências Sociais? 4. Ciências Sociais: informações e pensamento crítico <p>UNIDADE 1 – Cultura</p> <p>Capítulo 1: Evolucionismo e diferença</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A construção do pensamento antropológico 2. Parentesco e propriedade: modos de organização social 3. Sociedades indígenas e o mundo contemporâneo 4. Mitos, narrativas e o mundo contemporâneo 5. Populações indígenas no Brasil <p>Capítulo 2: Padrões, normas e cultura</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Civilização x cultura 2. Cultura, etnocentrismo e relativismo 	<p>Capítulo 9: Sociologia brasileira</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Interpretações sobre a formação do Brasil 2. A geração de 1930 3. A escravidão e a questão racial 4. Subdesenvolvimento e a dependência econômica 5. Precarização do trabalho no Brasil contemporâneo <p>Capítulo 10: Temas contemporâneos da Sociologia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A indústria cultural 2. A Revolução Informacional 3. Valorização e financeirização do capital 4. Modernidade e pós-modernidade 5. Campo simbólico e esfera pública: dois temas contemporâneos <p>UNIDADE 3: Poder e cidadania</p> <p>Capítulo 11: Política, poder e Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Política e poder 2. O Estado 3. Os contratualistas: o que o Estado pode fazer?
---	---

<p>3. Padrões culturais 4. O conceito de cultura no século XX 5. O conceito de cultura do século XXI</p> <p>Capítulo 3: Outras formas de pensar a diferença</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A perspectiva inglesa 2. O olhar dos franceses 3. Sociedades simples e sociedades complexas 4. O conceito de etnicidade 5. O conceito de identidade <p>Capítulo 4: Antropologia brasileira</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Os primeiros tempos 2. Antropologia e cultura popular 3. A consolidação da Antropologia brasileira 4. Antropologia e relações raciais 5. Antropologia urbana <p>Capítulo 5: Temas contemporâneos da Antropologia</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Questões contemporâneas 2. Gênero e parentesco 3. Antropologia e História 4. Antropologia como invenção 5. A Antropologia e as grandes rupturas <p>UNIDADE 2 – Sociedade</p> <p>Capítulo 6: Pensando a sociedade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O capitalismo e a formação do pensamento clássico 2. Émile Durkheim: coesão e fato social 3. Max Weber: ação social e tipos ideais 4. Karl Marx: trabalho e classes sociais 5. Sociologia: aspectos estruturais e conjunturais <p>Capítulo 7: Mundos do trabalho</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O trabalho em Durkheim, Weber e Marx 2. Força de trabalho e alienação 3. Taylorismo e fordismo 	<p>4. Regimes políticos: a democracia 5. Partidos políticos</p> <p>Capítulo 12: Globalização e política</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O conceito de globalização 2. A governança global 3. A globalização e o Estado 4. Movimentos sociais globais 5. O Brasil e a globalização <p>Capítulo 13: A sociedade diante do Estado</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. A luta pela cidadania 2. Os movimentos sociais 3. Problemas da ação coletiva 4. Capital social e participação cívica 5. A sociedade civil <p>Capítulo 14: A política no Brasil</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estado e cidadania no Brasil 2. A origem da moderna democracia brasileira 3. Os partidos políticos 4. Uma democracia “normal” 5. O problema da corrupção <p>Capítulo 15: Temas contemporâneos da Ciência Política</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Uma nova visão de poder 2. Classes social e voto 3. Os valores pós-materialistas 4. Novos rumos da Filosofia política 5. Instituições políticas e desenvolvimento econômico
--	---

<ul style="list-style-type: none"> 4. Toyotismo e neoliberalismo 5. Novas modalidades de trabalho <p>Capítulo 8: Classe e estratificação social</p> <ul style="list-style-type: none"> 1. A divisão da sociedade em Durkheim: grupos profissionais ou funcionais 2. A estratificação social em Weber: classe, estamento e partido 3. As classes sociais em Marx: contradição e dialética 4. As classes e os estratos sociais no século XX 5. A dinâmica das classes médias: ocupação profissional e renda 	
--	--

Fonte: LD *Sociologia Hoje* (MACHADO; AMORIM; BARROS, 2016, p. 6).

Uma busca no índice remissivo (p.378) do livro demonstra a inexistência de citações a palavra jovem ou juventude ao longo do livro. Na prática ele não possui nenhum capítulo dedicado exclusivamente ao tema, de maneira transversal os LD de *Sociologia* normalmente tratam de questões ligadas à juventude nos capítulos que tratam dos conceitos referentes à cultura, ideologia ou identidade. Não é o caso do referente LD.

Percebemos que este LD se utiliza bastante de cartuns, desenhos e imagens diversos, podemos supor que por isso não há uma presença forte de fotografias ou representações similares de jovens. Porém, a própria escolha dos temas trabalhados nos capítulos, que tratam de forma mais acadêmica ou *en passant* temas que são caros à juventude (como cultura de massa e movimentos sociais), demonstra o distanciamento e falta de identificação que o livro possui com o público ao qual se destina.

O livro possui um Manual do professor com uma linguagem precisa e técnica, desnudando a própria produção do material. Aborda-se pontualmente todos os aspectos do livro e sua correspondência com a Pedagogia ou as próprias Ciências Sociais. É ilustrativo porque sinaliza o que se busca em cada capítulo ou em cada unidade da obra.

CAPÍTULO 4 – CONHECENDO OS AUTORES

As entrevistas foram realizadas através de questionários enviados por e-mail para os autores dos livros didáticos. Creio que um dos principais problemas advindos desse formato é a forma sucinta das respostas, percebe-se que alguns questionamentos seriam muito mais produtivos em um contato pessoal. Um dos entrevistados comentou esse aspecto para justificar as respostas curtas a questionamentos que exigiriam uma elaboração de respostas maior.

Também não consegui entrevistar todos os autores dos livros didáticos de Sociologia do PNLD em análise. Alguns não consegui nenhum contato institucional ou mesmo através das redes sociais; um outro caso específico foi uma escolha deliberada, trata-se dos autores do livro *Sociologia em Movimento*, o referido livro possui 17 autores creditados, considerei a possibilidade de entrevistar apenas um ou dois desses autores como uma representação suficiente.

Entre os questionários enviados, consegui representações de todos os 5 livros em análise. Houveram negativas para responder ao questionário por parte de alguns, problemas pessoais e de saúde acabaram motivando essas recusas, cenário que já era esperado. No geral a recepção foi positiva e solícita, o que muito contribuiu para que a pesquisa atingisse os seus objetivos.

Foram enviados ao todo 10 questionários, sendo esses distribuídos de maneira a abarcar ao menos um autor de cada livro didático. Obtivemos respostas de 6 autores.

O questionário possuía oito questões, eram elas:

- 1) Qual a sua concepção de sociedade? E de sociedade brasileira?
- 2) Qual a sua concepção de juventude e que lugar ela ocupa na sua visão de sociedade?
- 3) Para o senhor(a) qual a sua concepção de livro didático? Qual o papel que ele deve desempenhar na sala de sociologia do ensino médio
- 4) O senhor(a) acredita que o seu livro possui representatividade dos diferentes tipos de juventude, de distintas realidades regionais?
- 5) Em que medida o PNLD acaba direcionando o seu trabalho mediante normas e critérios e outras exigências que, muitas vezes podem podar a sua criatividade e liberdade?
- 6) Os recursos educacionais abertos seriam uma alternativa ao livro didático, um material complementar ou o livro didático é suficiente hoje?
- 7) Como foi feita a “adaptação” da linguagem para o jovem? Qual tipo de jovem foi pensado para a produção do livro?
- 8) Como foi feita a escolha das imagens presentes no seu livro didático?

Como realizei um número reduzido de entrevistas, tendo em vista o leque de autores que produziram os livros didáticos, optei por analisar individualmente cada entrevista, isso não impede que se inter-relacione as entrevistas ou que não seja selecionado um determinado tópico recorrente em todas as entrevistas realizadas.

Por questões éticas, não mencionarei os nomes dos autores que me concederam as entrevistas. Apesar de mencionar os nomes dos livros, acredito que esse expediente servirá pelo fato de que todos os livros possuem no mínimo dois autores. Em substituição, os autores serão referidos com nomes de educadores brasileiros.

Inicialmente tratarei da entrevista com a professora Nísia Floresta, coautora do livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*. As perguntas iniciais são mais abrangentes e, como estou tratando de professoras e professores acadêmicos, suas respostas são no sentido de conceber uma sociedade complexa e dinâmica, reconhece-se claramente a diversidade (regional, étnica, política, etc.) presente em uma sociedade, delimitada por um Estado como a brasileira (FLORESTA, 2020).

A juventude também é percebida em toda a sua pluralidade e construção histórica em termos de juventudes, ressalta-se a centralidade dos jovens nas mudanças e novas configurações sociais. As juventudes são reconhecidas em suas necessidades, especificidades e, principalmente para a nossa análise, em termos de dificuldades de inserção em certos espaços produtivos e políticos presentes na sociedade.

A relação que a juventude mantém com sociedade por muito tempo esteve relacionada à mudança social, transformação e mesmo de revolução, tornando-se, inclusive um grupo “valor”, um padrão normativo em termos estéticos e comportamentais: é “bom” ser jovem (em antagonismo com ser velho, ser antiquado). Contudo, há contradições na relação entre juventude e sociedade, tendo em vista dificuldades amplas que os segmentos jovens têm para se inserirem nos espaços produtivos, educacionais e no campo político (mais problemáticos para uns do que para outros). Por sua vez, as juventudes são importantes produtoras e consumidoras culturais (cultura de massa; culturas tribais urbanas etc.) e de diferentes bens de consumo (duráveis e não duráveis, digitais, esportivos, vestuário, alimentar etc.) o que confere aos “jovens” centralidade nos discursos públicos, sendo objetos, inclusive, políticas públicas. As juventudes podem ser agentes de mudança social no sentido não apenas de ruptura, mas de retorno aos valores tradicionais, comunitários, conservadores e até reacionários, questão importante que se coloca na sociedade brasileira contemporânea. (FLORESTA, 2020, informação verbal)¹.

O livro didático também é relativizado e localizado geográfica e politicamente pela entrevistada. As limitações do livro são reconhecidas, apesar de sua importância para a

¹ Informação fornecida pela professora e coautora Nísia Floresta em (10/03/2020). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

democratização do conhecimento. A autora ressalta a possibilidade de o livro reproduzir (mesmo que esse não seja o objetivo explícito do material) uma “cultura hegemônica” (FLORESTA, 2020). Ponto chave em nossa análise e reconhecido pela autora, o livro apresentaria sim, um recorte regional e limitado de juventude e mesmo de sociedade brasileira. Na dificuldade em se produzir um material nacional, que abarque todas as nossas especificidades; essa acaba por ser a escolha política para a educação básica.

A autora também reconhece que o próprio *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* não consegue abarcar as “múltiplas juventudes brasileiras”, a estratégia utilizada é a do fornecimento de instrumentos, no próprio livro, que permitam essa adaptação a diferentes realidades. Constrói-se, segundo a autora, um jovem abstrato, que deve ser concretizado na realidade escolar, por professores e alunos.

Livro didático é um aparato cultural que visa divulgar conhecimentos acumulados de diferentes áreas para as novas gerações. Não é um livro de verdades absolutas e tampouco isento de erros e equívocos conceituais e teóricos. Em parte, suas falhas se devem aos recortes e escolhas feitas por seus autores e por suas localizações nos espaços sociais, mas, também, pela dificuldade intrínseca da “transposição didática ou, como Bernstein define, da “recontextualização dos saberes” que pode gerar reducionismos e simplismos. O livro didático está atrelado ao princípio da democratização do saber, embora, contraditoriamente, possa veicular uma cultura hegemônica. (FLORESTA, 2020, informação verbal)².

O PNLD é visto como positivo, auxiliando e permitindo a criatividade dos autores, as exigências que o mesmo possui são importantes para a configuração de um livro com o maior grau de representatividade possível. O trabalho editorial é o que acaba por podar a atuação dos autores, questões que tangem a direitos autorais de textos e imagens impedem a produção de um material que dialogue com maior proximidade dos jovens da educação básica.

A autora se depara com o dilema da necessidade do livro como instrumento democratizador da educação e ao mesmo tempo sua insuficiência como instrumento adequado às diferentes realidades e necessidades dos jovens brasileiros. Os Recursos Educacionais Abertos poderiam ser vistos como uma alternativa à essa lacuna deixada pelos livros didáticos, porém, a autora ressalta que esses materiais não possuem o crivo crítico necessário, se encontram dispersos em diferentes meios (*internet*, por exemplo) e não auxiliariam a contento no processo de ensino e aprendizagem da Sociologia (FLORESTA, 2020). Ainda se ressalta a importância da formação continuada de professores, torná-los não apenas agentes passivos no

² FLORESTA, op. cit. (10/03/2020).

processo de ensino, mas, criadores de conteúdos e de materiais para os seus contextos específicos.

Sobre as imagens e a escolha das mesmas, a autora ressalta a valoração didática que foi dada às imagens, sua preocupação que elas não fossem apenas elementos decorativos, mas dialogassem com o texto e o debate propostos no capítulo. Mais uma vez, as substituições que foram feitas por indicação principalmente da editora, que esbarrava em problemas de direitos autorais. O uso das imagens, na medida do possível, buscou atender uma função pedagógica. O trabalho editorial, por outro lado, estava mais focado em custos e no atendimento a demandas do PNLD. As ausências que, possivelmente, o livro possuísse em termos ilustrativos não afetaram de maneira significativa a obra.

As escolhas foram feitas pelas autoras de acordo com o tema e com as provocações propostas em cada capítulo. Tanto é que a maioria das imagens possuem legendas com informações contextuais e estímulos para a sua análise. As imagens no livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* são fontes de informação e de reflexão. Jamais fizemos escolhas que sugerissem que as imagens são elementos decorativos de páginas do livro. Contudo, o processo editorial, dialogando com os critérios do PNLD, fez cair algumas imagens, que foram substituídas por outras sem o valor didático que as escolhidas inicialmente pelas autoras tinham. Por exemplo, quando os custos dos direitos autorais eram exorbitantes ou quando os donos das imagens não autorizavam sua utilização. Nesse caso, a maioria foi substituída com sucesso, mas algumas imagens não têm a proposta que desejávamos. Em algumas situações, por força da questão editorial, imagens foram inseridas na obra como elemento decorativo para tapar espaços em branco em função da edição dos capítulos (espaços em branco no livro não são bem vistos pelo PNLD, pois é visto como um truque para aumentar o número de páginas do livro e com isso elevar seu preço de compra pelo MEC/ calculado pelo número de gomos do livro). Apesar desses problemas pontuais, a grande maioria das imagens tem valor didático e se bem exploradas nas aulas pelo docente da disciplina pode representar um ganho significativo para a aprendizagem dos estudantes. Enfatizo que o livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* pretende conferir centralidade ao audiovisual para o ensino de sociologia, tomando como mote da sua narrativa a obra cinematográfica *Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin. (FLORESTA, 2020, informação verbal)³.

A autora corrobora em muitos aspectos com o que já tratei. Em outras palavras, devemos avançar para a produção de uma educação construída, realmente, de maneira coletiva, com a presença dos livros didáticos, mas também com estímulos à produção de professores da educação básica, adaptando esses temas e conteúdos às diferentes juventudes de uma maneira cada vez mais eficiente. Devemos recordar que esse é um dos fundamentos da educação, porque ninguém ensina sozinho, o processo educacional não é um processo de mão única, não é educação de verdade se não há a participação de todos os envolvidos no processo. (FREIRE, 2019).

³ FLORESTA, op. cit. (10/03/2020).

Mesmo com todo o cuidado do PNLD e dos autores dos livros didáticos em produzir livros que atendam às demandas de diversidade étnica, cultural, etária entre outras. É necessário a conjugação de esforços na outra ponta, no protagonismo de professores e de iniciativas pedagógicas locais. Sabemos que não existem fórmulas prontas no que tange à produção de materiais locais, fora do circuito das grandes editoras, mas o livro didático produzido por essas mesmas editoras também não é pronto, acabado, ele também precisa de complementos que passam pela criação e atuação de professores e alunos.

Tratarei agora, da entrevista realizada com o professor Anísio Teixeira, ele é um dos coautores do livro *Sociologia em Movimento*. Salienta-se, uma vez mais, que algumas respostas seguem uma proximidade teórica, ou posso dizer, reflexiva. Isso se deve ao fato de que todos os autores entrevistados pertencem a uma mesma área de conhecimento. A breve análise que pedi sobre a sociedade brasileira demonstra exatamente que a percepção de sua diversidade e da dimensão de seus problemas, se encontra quase como um paradigma firmado entre os autores.

Sobre as juventudes às quais o livro se destina, Teixeira me descortina a possibilidade de uma reprodução de práticas entre gerações, ou seja, que os jovens possam alterar ou não percepções e leituras de mundo de seus pais. Reproduções de preconceitos de gênero e de relação com o meio ambiente, são exemplos citados pelo entrevistado. Isso demonstra que essas preocupações foram transferidas para o livro didático, pois o mesmo possui dois capítulos, cada um tratando de uma dessas temáticas.

Como não poderia deixar de ser diferente, a juventude também acaba reproduzindo as práticas sociais das gerações anteriores, entretanto, uma vez que este grupo ainda está em formação, é possível que alterem algumas práticas. Dois exemplos, dessa mudança que venho observando é em relação às desigualdades de gênero e o meio ambiente. E nesse sentido, o estudo da Sociologia é primordial para empoderar as novas gerações. (TEIXEIRA, 2020, informação verbal)⁴.

O livro é visto então, como um instrumento para repensar ideias preconcebidas que esses jovens possam ter sobre determinados fenômenos políticos e sociais. Isso revela a importância de um material que seja compreensível para todos os tipos de jovens, caso contrário, dificilmente ele (o livro) será um elemento de mudança no contexto educacional. Mesmo quando se trata de uma discussão que aparenta ter um caráter global, ou ao menos nacional, a leitura dos jovens sobre esses problemas passa por um recorte local, por uma linguagem própria.

⁴ Informação fornecida pelo professor e coautor Anísio Teixeira em (10/03/2020). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice - A desta dissertação.

Exemplifico com experiências pessoais para justificar o que estou alegando. Ao tratar de mudanças ambientais e da ação humana sobre esses fenômenos, percebo que os conceitos só ganham sentido, só possuem corpo, a partir do momento que uso exemplos locais de conservação ambiental ou de degradação de uma Unidade de Conservação da localidade (Floresta Nacional do Araripe-Apodi).

O livro didático é percebido como um instrumento auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, para Teixeira. Fornecendo o suporte pedagógico necessário dentro da escola. Infelizmente, sabemos que muitas vezes ele é o único instrumento presente para o professor e o aluno. Vive-se um verdadeiro dilema entre a centralidade do livro ou o seu uso de maneira mais auxiliar. Percebemos que o livro é produzido com uma determinada finalidade e acaba por assumir outras funções na escola. Não é pensado como uma espécie de “muleta” pedagógica, mas como um “suporte” ao ensino de Sociologia (TEIXEIRA, 2020). Na prática ele possui, no próprio imaginário escolar, uma dimensão muito maior. É detentor de verdades do Conhecimento, com c maiúsculo.

O autor concorda com as dificuldades de representar as diferentes formas de juventude em um mesmo livro didático. Percebe-se que esta busca está entre um dos nortes do livro em questão; sejam os jovens de periferias de grandes centros, de zonas rurais, da floresta; buscou-se o diálogo com todos estes. (TEIXEIRA, 2020). A complexidade do livro didático vem à tona quando se projeta um cenário como esse. As diferentes demandas que este material precisa atender parecem inconciliáveis, é muito mais uma busca no sentido de fazer o melhor possível, buscar e abarcar ao máximo essa diversidade, porém fica a sensação de que é uma busca inalcançável, um verdadeiro trabalho de Sísifo, são tentativas, sempre incompletas.

Há uma “sintonia” muito grande entre os livros de Sociologia e as normas do PNLD, Teixeira afirma que o material, mesmo antes do contrato com a editora, já atendia a várias exigências do Programa, como o respeito aos direitos humanos. As mudanças e adições foram estritamente técnicas, como o que se refere aos exercícios e indicações de vídeos e jogos. O autor ainda ressalta o pioneirismo de dedicar um capítulo exclusivamente às questões de gênero e sexualidade.

Na verdade, o nosso trabalho só passou a ter o PNLD como horizonte, após a assinatura do contrato de edição com a editora, e, portanto, após termos concluído a maior parte daquele que seria o “Sociologia em Movimento”. Como sempre pautamos a nossa escrita pelo reconhecimento da diversidade e respeito pelos direitos humanos, dentre outros fatores, tivemos apenas que nos adaptar ao que chamo de regras “técnicas” do PNLD, tais como tipo e quantitativo de exercícios, inserções de algumas indicativas de vídeos, filmes, sites, jogos e livros acadêmicos. Cumpre destacar, por exemplo, que fomos o primeiro livro didático de Sociologia, aprovado no PNLD, que

tratou exclusivamente em um capítulo das questões de gênero e sexualidade. (TEIXEIRA, 2020, informação verbal)⁵.

A concepção do livro em questão trilhou caminhos surpreendentes e, creio, diferentes de outros materiais do gênero. Teixeira afirma que inicialmente o livro foi pensado com distribuição livre e gratuita, porém, foram direcionados a participar do PNLD porque a participação no Programa garantiria uma maior distribuição do livro em diferentes regiões do país e a diferentes classes sociais de jovens.

É curioso pensar que apenas através do PNLD materiais desse tipo possam chegar aos rincões do país, mostra o poder democratizador do PNLD por um lado e a dependência de grandes grupos editoriais por outro. É um equilíbrio difícil, principalmente em contextos políticos em que o PNLD venha a ser usado por bandeiras ideológicas reacionárias e pouco pedagógicas e a consequente falta de responsabilidade social que essas editoras podem apresentar, para conseguir contratos milionários com o Estado.

Inicialmente, nosso objetivo não era escrever um livro “comercial”, mas em formato aberto, que poderia ser disponibilizado gratuitamente para estudantes e professores. Entretanto, fomos convencidos de que o melhor caminho, se queremos popularizar o Ensino de Sociologia e fazer o livro “Sociologia em Movimento”, que ainda não tinha este nome, alcançar especialmente, aqueles das classes populares, era aprovar esse livro no PNLD. Uma vez que os livros selecionados para este programa podem chegar em qualquer localidade do país, desde as periferias dos grandes centros urbanos até os municípios mais isolados do país. Temos, por exemplo, relatos de que o “Sociologia em Movimento” foi adotado por uma escola indígena de um município do interior de Rondônia. É importante ainda destacar, que infelizmente, o livro didático é o único livro que muitos estudantes e suas famílias terão acesso em suas vidas. (TEIXEIRA, 2020, informação verbal)⁶.

A experiência dos autores com o ensino na educação básica é outro elemento de grande auxílio na produção de um manual de Sociologia que será usado, exatamente, por jovens no ensino médio. A busca por aproximar conceitos e teorias de uma linguagem acessível para o jovem, sem perder o rigor técnico, algo que exige muito trabalho para ser alcançado. Teixeira (2020) ressalta que, mesmo com vários autores trabalhando na educação básica, os mesmos lecionam em um cenário muito específico: escolas de elite no Rio de Janeiro (como o Colégio Pedro II, o CEFET-RJ e o Colégio de Aplicação da UERJ).

Outro autor que entrevistei foi o professor Darcy Ribeiro, coautor do livro *Sociologia para Jovens do Século XXI*. Livro esse que atualmente já está em sua 4ª edição, uma das

⁵ TEIXEIRA, op. Cit. (10/03/2020).

⁶ TEIXEIRA, op. Cit. (10/03/2020).

pioneiras publicações de Sociologia para o ensino médio, pensada no âmbito da reinserção da disciplina no currículo da educação básica.

Ribeiro (2020) acredita que a educação possui um papel de relevância singular dentro da sociedade brasileira. Seu posicionamento passa por um questionamento da escola, de seus interesses e objetivos. Essa instituição, muitas vezes, seria cooptada por interesses privados e distantes das classes que a frequentam (principalmente os mais pobres). Dessa forma, a Sociologia, ou mesmo a escola como um todo, possuiria um papel revolucionário, em termos de quebra de uma hegemonia de classe. (RIBEIRO, 2020).

Esse parece ser o norte da produção dos dois professores, pois a concepção de juventude, também passa por uma análise dessa fase da vida como a mais profícua de mudanças e de busca por liberdade. O autor acredita que esse potencial dos jovens deve ser buscado na construção de uma sociedade que questione desigualdades e não naturaliza certos problemas sociais.

Entendo que a juventude é a faixa etária mais revolucionária da vida humana. É um momento de descobertas, de iniciativas, de busca de respostas. Assim, somente a juventude é capaz de construir uma sociedade distinta desta em que vivemos hoje, baseada em valores que confrontariam os interesses do capital, como a solidariedade, o companheirismo, a igualdade, a liberdade, a justiça, a equidade, dentre outros. Esses valores precisariam ser revistos com profundidade, sob a ótica de uma nova visão societária anticapitalista, que negasse o discurso do mérito, a ideia e o estímulo à competição, e concepções de igualdade, liberdade e justiça que não significassem práticas concretas nesse sentido, em um patamar distinto do que se reproduz majoritariamente nos dias de hoje. Entender os anseios da juventude e participar de um projeto substantivo de mudança é crucial para se enfrentar discursos de ódio e de estímulo à violência, como de naturalização das desigualdades e das diferenças. (RIBEIRO, 2020, informação verbal)⁷.

O livro didático entraria, mais uma vez, nesse contexto, como um instrumento auxiliar na relação entre professores e seus alunos. De fácil compreensão e uso, o livro deveria estimular a criticidade e a capacidade de autonomia dos jovens. O professor teria então, papel central, pois seria a sua capacidade de tratar os temas e orientar os alunos que distinguiria a formação desses jovens. É uma leitura necessária e compreensível, mas como já afirmamos, muitas vezes o livro também é um auxílio para o professor, essa relação se torna complexa quando se questiona a formação dos professores para lecionar na educação básica e o espaço em que culturalmente é posto com o livro dentro da escola.

Como afirmei, o livro didático vive verdadeiros dilemas, é posto como auxiliar no processo de ensino e aprendizagem (inclusive é concebido dessa maneira), mas, ao mesmo

⁷ Informação fornecida pelo professor e coautor Darcy Ribeiro em (10/03/2020). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

tempo, é o único “auxílio” de professores e alunos, pois é o único material disponibilizado para o trabalho em sala de aula. Democratiza ao levar conhecimentos com qualidade (sim, no caso aqui em análise dos manuais de Sociologia, é inquestionável sua qualidade) a distantes e diferentes realidades regionais, porém uniformiza e limita a capacidade de representações de juventude (por mais que haja um esforço no sentido produzir um livro com o máximo de respeito às diferentes expressões de juventude).

Ribeiro (2020) define claramente a importância de suas experiências em sala de aula como formadoras de uma visão sobre os distintos públicos que um livro didático pode abordar. Além das experiências pessoais em sala de aula, o livro e os autores participaram de encontros em diferentes cidades do país, onde a receptividade ao material sempre foi positiva. O autor ressalta o retorno, que muitos professores deram, do uso do livro em diferentes realidades de sala de aula. Elemento esse, que ratifica a qualidade do trabalho realizado para a produção do livro.

Registre-se que atuamos em cidades que apresentavam realidades distintas, como na capital, mas em um bairro do subúrbio (Quintino), e nas cidades de São Gonçalo (Região Metropolitana) e Macaé (Norte Fluminense). Evidentemente, grande parte dos temas e das formas de abordagem nos textos acabam refletindo essa realidade vivida por nós dois. Por outro lado, andamos por diversas cidades de outros estados do país, participando de encontros com outros professores e estudantes, e nos deparamos com uma receptividade muito grande em relação ao livro e à forma como ele aborda os seus conteúdos. Tivemos retornos extremamente positivos e gratificantes em cidades e realidades tão distintas como Porto Alegre, Macapá, Brasília, Natal, Juiz de Fora e Campina Grande, dentre outras tantas. Por ocasião da primeira edição do livro, publicada em 2007 (bem antes da nossa participação no PNLD, em um formato distinto do atual e com imagens em preto e branco), fomos convidados para um evento de formação em Recife em que estavam presentes professorxs de Sociologia das diversas regiões do estado, e tivemos esse mesmo retorno incentivador, que contribuiu enormemente para a continuidade do trabalho de construção do livro didático até a última edição publicada. Temos plena ciência das distintas realidades vividas pela juventude nos diversos estados do Brasil, assim como as profundas diferenças existentes mesmo dentro de cada estado ou até mesmo dentro de um mesmo município. Dá para se imaginar, por exemplo, as diferenças absurdas existentes numa sala de aula com uma juventude quilombola, uma sala de aula numa favela do Rio, numa cidade do sertão nordestino, no interior de Goiás ou numa comunidade indígena. Assim, o livro didático apresenta seus conteúdos sociológicos de uma forma mais “generalista”, podemos dizer, a partir das experiências docentes que os seus autores tiveram com realidades específicas da juventude, mas esperando que essas experiências dialoguem de forma afetuosa, didática e construtiva com as experiências de cada docente e de cada jovem em sua respectiva sala de aula. Penso que essa experiência dialógica é possível – e obtivemos respostas bem positivas nesse sentido em função das andanças que tivemos pelo país afora. Foram essas respostas que nos estimularam a prosseguir com nossos estudos e o nosso projeto-tentativa de elaborar o melhor material possível para esses jovens estudantes. (RIBEIRO, 2020, informação verbal)⁸.

⁸ RIBEIRO, op. cit. (10/03/2020).

O autor percebe como inevitável a presença de uma leitura localizada da realidade no livro didático. Para suprir essa demanda, buscou-se uma exposição mais geral dos fenômenos e temas estudados, caberia ao docente essa espécie de transposição ou diálogo com o livro (RIBEIRO, 2020). Mais uma vez, nos deparamos com a centralidade e importância do professor, ao mesmo tempo que sua capacidade de produção e de realização é esquecida, o professor é posto como agente passivo.

A receptividade ao PNLD me surpreendeu, mostrando o quanto são positivas as exigências do Programa. O seu papel é muito mais de mediação, para o autor. Inclusive, trata-se de uma mediação necessária para o rigor científico dos livros. As exigências, aparentemente, não podam a criatividade dos autores, pois os livros possuem muitas características distintas entre si.

O autor é completamente favorável a uma produção e auxílio à formação dos professores. O livro didático de Sociologia, principalmente em um contexto que o mesmo deixará de existir no ensino médio, deverá começar a ser pensado como um material local, infelizmente sem passar pela avaliação de um programa maior como o PNLD.

O livro didático nunca foi suficiente em tempo algum, para qualquer disciplina. Portanto, qualquer recurso educacional pode ser interessante enquanto material complementar ou como alternativa, na medida em que os livros didáticos de Sociologia, especificamente, deixarão de existir novamente em termos de distribuição nacional, como foi o caso do PNLD, e não sabemos se e quando o livro didático da disciplina poderá retornar ao ensino médio de forma mais ampla. No meu entender, o mais importante e significativo é a formação e a qualificação do magistério, com um maior investimento nas licenciaturas. Com uma formação mais qualificada, cada docente poderá construir os seus próprios recursos didáticos, de acordo com a realidade de cada turma, de cada escola, de cada região do país. (RIBEIRO, 2020, informação verbal)⁹.

Os autores se basearam em outros manuais de Sociologia para a produção do seu. É importante perceber que entre as idas e vindas da Sociologia no currículo da educação básica, muitos manuais, com diferentes perspectivas e diferentes níveis, foram publicados. Os autores buscaram inicialmente adaptar os conteúdos trabalhados nesses materiais à sua realidade, buscando uma linguagem mais didática e acessível. As atividades foram pensadas de forma mais lúdica e criativa, inclusive, um dos jogos propostos no livro foi elaborado por uma equipe multidisciplinar da própria escola onde um dos autores lecionava. (RIBEIRO, 2020).

Percebe-se que livros didáticos de alta qualidade podem surgir da experiência de professores comuns, que, se aproveitadas, muitas práticas e conhecimentos podem ser

⁹ RIBEIRO, op. cit. (10/03/2020).

adaptados para um uso mais formalizado e institucionalizado, através de manuais, por exemplo. O que Ribeiro (2020) nos traz é a sua experiência e os seus conhecimentos condensados em um livro didático, enquanto muitas podem ser perdidas anos após anos por se restringirem a uma escola ou mesmo a uma única turma. Sem uma política de real valorização dos seus professores para a produção de materiais didáticos, não avançaremos em nenhuma área de conhecimentos, não avançaremos com falsas reformas que não alteram aspectos basilares da educação, como a capacidade de produção (e não apenas de reprodução) de professores e alunos).

Outro aspecto interessantíssimo mencionado por Ribeiro (2020) é sobre a seleção das imagens presentes no livro. Devido aos custos financeiros e ao fato da editora ser de pequeno porte. Parte das imagens presentes no livro foram feitas pelos próprios autores e amigos, além de surpreendentemente por alunos! É um exemplo fantástico de colaboração e de realização de uma obra baseada em vivência escolar, em verdadeiro processo educacional. Algo a ser divulgado e incentivado.

As imagens – fotos, gráficos, charges, mapas – foram TODAS pesquisadas pelos próprios autores e submetidas às responsáveis pela edição do livro, que avaliaram a possibilidade financeira de aquisição, quando era o caso. Como alternativa à indisponibilidade ampla de recursos financeiros, já que se tratava de uma editora de pequeno porte, a Imperial Novo Milênio (diferentemente de todas as outras editoras participantes do PNLD), foram utilizadas diversas imagens de divulgação pública, como aquelas que acompanham a publicização de filmes, jogos e livros, além de fotografias tiradas pelos próprios autores (a título de exemplo, cf. as p. 11, 21, 64, 110, 120, 152, 158, 160, 224, 232, 296, 308, 309, 313, 383) e amigos (p. 58, 60, 79, 230, 323, 339, 375, 387, entre outras) que se dispuseram a colaborar com a elaboração do livro didático, inclusive com charges. É importante ressaltar que a primeira edição comercial do livro pela editora citada, de 2007, utilizou diversas charges elaboradas amadoristicamente por um dos nossos alunos na Escola Técnica Estadual República, em Quintino, o Diego Felipe, na época com dezesseis anos. Hoje ele é professor de Filosofia da rede estadual. Na última edição do livro, contribuiu com a charge que consta da p. 299, um trabalho muito mais elaborado que os desenhos que ilustraram a nossa primeira edição. (RIBEIRO, 2020, informação verbal)¹⁰.

A professora Maria Firmina dos Reis é coautora de outra obra aprovada no PNLD 2018. Trata-se de *Sociologia*, livro produzido em coautoria com mais duas professoras. O trio de professoras paranaenses já teve sua obra brevemente tratada anteriormente. Nesse momento discutiremos a entrevista que a professora Reis nos concedeu.

A professora demonstra bastante preocupação com o cenário político atual do país, e esclarece como é impossível dissociar fenômenos práticos e recentes do país com a construção político-cultural de um Estado que, legitima uma profunda desigualdade e uma sociedade com ações de desprezo pela democracia. Realmente, é inegável qualquer análise que passe pela

¹⁰ RIBEIRO, op. cit. (10/03/2020).

educação, não atentar para o desprezo simbólico e econômico que a educação (em todos os níveis) recebe nos últimos anos. Este trabalho se apresentou a nós, em muitos momentos como um grito desesperado pela busca de reconhecimento e seriedade ao se analisar a escola. Vivemos um momento terrível para esse campo, e a indignação da professora Reis é nossa também.

A autora enfatiza que não se possui uma única concepção de juventude, pois esta não é apenas uma construção biológica, mas histórico-cultural. Fala-se então em juventudes como forma de comportar a pluralidade de vivências de juventude presentes na sociedade. No Brasil em especial, o ser jovem se diferencia também por classe social e cor de pele. Atitudes esperadas de um jovem de classe média alta são diferentes das esperadas por um jovem negro de uma periferia de qualquer grande cidade brasileira. O ingresso do mercado de trabalho e os índices de mortalidade também refletem esses fossos de desigualdades que marcam as juventudes brasileiras.

O lugar que a juventude ocupa na sociedade também depende de qual sociedade e da estrutura social que predomina do país. Um programa jovem aprendiz, por exemplo, é destinado sobretudo para uma juventude estudantes de escolas públicas. Dificilmente se terá um menor aprendiz ou jovem aprendiz das classes ricas realizando nesses programas, ou seja, trabalhando e estudando. Isto pensando em termos macrossociais. (REIS, 2020, informação verbal)¹¹.

Reis, que hoje é professora universitária, apresenta uma larga experiência no ensino básico, tanto em escolas públicas quanto em privadas. Por vivenciar esses dois mundos, foi possível a ela perceber as diferenças drásticas dessas redes de ensino. O livro didático, e sua distribuição gratuita em toda a rede pública de ensino, foi um importante equalizador dessas desigualdades. (REIS, 2020).

Percebemos como o livro didático é relevante, enquanto instrumento democratizador da educação, quando a autora relata o tempo destinado a simplesmente copiar os conteúdos e informações no quadro, tempos este que poderia ser destinado a outras atividades mais enriquecedoras do processo de ensino e aprendizagem. Reis ainda atenta para as exigências de produção, por parte do professor, de materiais didáticos e como essas produções e pesquisas não são incluídas como trabalho efetivo, ou seja, não é uma atividade remunerada. (REIS, 2020).

¹¹ Informação fornecida pela professora e coautor Maria Firmina dos Reis em (10/03/2020). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta dissertação.

Essa reflexão é de suma importância para se repensar o papel do professor na escola, repensar as dinâmicas de trabalho, que muitas vezes se restringem às salas de aula. Agentes políticos envolvidos com a educação percebem a necessidade de o professor ir além de funções básicas de ensino, porém, não se abrem espaços para essas atividades dentro da carga horária do docente.

O livro didático, contudo, é um ponto de partida para os conteúdos que serão tratados, ajuda na organização e planejamento da disciplina. Além disso, tem a função de socializar o texto com o estudante, pois professores e alunos tem o mesmo material, permitindo uma formação mais interativa, na medida em que o/a estudante tem o mesmo texto do professor. Certa vez fiz uma palestra relatando que na escola privada em que eu trabalhava, além dos alunos terem livros, nós também fazíamos materiais didáticos, textos, etc. Mas isto era a custo de muito trabalho não pago. O professor ter tempo para produzir os textos, ou fazer todo o trabalho de pesquisa bibliográfica, etc., demandaria um outro tipo de ensino e de condições de trabalho diferentes do que se tem no Brasil, por exemplo. (REIS, 2020, informação verbal)¹².

A autora também ressalta a relevância que foi dada no livro às juventudes. O livro em questão possui um capítulo específico sobre o tema. Algo que, realmente, passa de maneira mais subentendida em outras publicações desse PNLD, está explícita no livro das autoras. Houve a preocupação por perceber as juventudes diversas e muitas vezes periféricas do país e sua pouca representatividade em outros meios de comunicação.

O PNLD, para Reis (2020), é um importante política para a qualidade dos livros aprovados. Como os editais são construídos por professores universitários, há uma consonância com a importância da ciência e dos valores que devem estar presentes nesses materiais. As exigências não são limitadoras, muito pelo contrário, elas são instrumentos de orientação e de busca de excelências para os livros. Há o temor desse cuidado com os editais do PNLD não se tornarem uma política de Estado, terem sido algo passageiro, uma política de governo. Rupturas de gestão, infelizmente, parecem ter preço alto para a educação, pois impedem a continuidade de políticas de sucesso dentro da educação pública.

A autora coloca o livro didático em uma posição central e necessária, dada a realidade de estudantes e professores no Brasil. Tendo em vista a escassez de recursos com as quais esses atores se deparam em seu cotidiano, o livro acaba por ser muito mais que uma ferramenta de auxílio no processo de ensino e aprendizagem. Tudo isso tornaria difícil visualizar um cenário sem os livros.

Como eu disse, o livro didático é uma das ferramentas muito importante, que podem e devem ser utilizados juntamente com outros recursos. Não há um único recurso que

¹² REIS, op. cit. (10/03/2020).

dê conta. Quanto mais experiências forem propiciadas aos estudantes, melhor será a aprendizagem. Só não vejo que excluir o livro didático seja interessante, pois o Brasil é um país desigual. Nem todos tem acesso a computadores, redes de internet, etc. Para muitos jovens, o livro didático público é a única leitura que chegará a eles. Também é preciso pensar nos professores, nas relações de trabalho e nas condições de trabalho que apresentam. É, em sua maioria, uma categoria que ganha baixos salários, com jornadas extenuantes de trabalho, que leva trabalho para casa. Tudo isto precisa ser pesado quando se pensa nos recursos didáticos disponíveis. (REIS, 2020, informação verbal)¹³.

A elaboração de recursos educacionais abertos não eliminaria a utilização de um livro didático. Seriam aqueles um material complementar, mas não produzido de forma esporádica por um ou outro professor. Seriam tratados como uma política pública, receber orientação e investimento direcionado pelo PNLD. Isso é essencial para a descentralização da produção desses materiais e maior democratização em uma educação que se pretenda realmente nacional e diversa.

A adaptação da linguagem é outro aspecto que dialoga diretamente com o que foi tratado logo acima. Reis pensou o livro no sentido de tornar a linguagem direta e acessível, adaptando teóricos e conceitos a uma compreensão dos jovens em idade escolar. Considero uma das partes mais difíceis, dado o nível de abstração e de conhecimento prévio que muitas vezes é exigido para a compreensão de muitas teorias. A autora ressalta que não foi pensado um público específico ao se adaptar à linguagem, pelo contrário, ela foi elaborada para ser utilizável no mais amplo público possível.

O cuidado foi no sentido de ter uma linguagem direta, explicativa, com uma narrativa que possibilitasse a fácil compreensão. O trabalho é de traduzir, conceitos muitas vezes complexos, para uma linguagem de fácil compreensão. Não foi pensado para um tipo de jovem em específico, pois tínhamos a compreensão que seria um livro disponibilizado para todas as regiões do Brasil. (REIS, 2020, informação verbal)¹⁴.

A liberdade de escolha das imagens também é tratada pela autora, aparentemente não houve conflito com a editora na escolha da parte iconográfica do livro. Acreditamos que o processo seja similar ao das outras editoras. Os autores sugerem as imagens que desejam no livro e a editora faz a análise dos direitos de imagem que possibilitam ou não que determinadas figuras estejam no livro.

Vários elementos tratados nas entrevistas com os autores, reforçaram o que já havia percebido na análise dos livros. A concepção de sociedade presente nesses livros, por motivos óbvios, é complexa e contém forte respeito à diversidade, um reconhecimento das dificuldades

¹³ REIS, op. cit. (10/03/2020).

¹⁴ Ibidem. (10/03/2020).

em se atingir diversos públicos e dos problemas da sociedade brasileira, em especial. O que me incomoda é exatamente a dificuldade, afirmada por todos os autores, em encontrar uma solução que contemple com uma maior abrangência as peculiaridades dos jovens brasileiros. Os autores se comprometem fortemente em construir os textos e em buscar imagens que contemplem toda a diversidade necessária a um país continental como o Brasil, mas acreditamos (e os próprios autores acreditam) que isso não é suficiente.

Depreendo que a busca por uma maior representação da juventude do semiárido brasileiro, não passa apenas pelos autores, mas pela construção de políticas públicas que permitam a construção de materiais didáticos voltados especificamente para esses jovens, para as suas manifestações culturais, para a sua linguagem. É difícil um projeto nacionalizante de educação, é impossível retratar as diversas juventudes, como foi muito bem colocado pela professora Floresta (2020), em um livro com limitações lógicas e necessárias de páginas e de temas. São necessárias escolhas, e escolher implica em silenciar um tema, um grupo social, uma manifestação cultural.

É claro que não se pode descartar o papel do professor. Conforme relatei, muitos autores reforçam a necessidade do professor como central no processo de ensino e aprendizagem, caberia a esse profissional a mediação e adaptação dos temas à realidade dos alunos. A formação adequada e a formação continuada tornam-se essenciais nesse caso. Porém, não posso simplesmente contar com a qualidade de profissionais pontuais, uma educação de qualidade se faz quando toda uma rede possui um perfil de qualidade semelhante. Recursos educacionais distribuídos através de um programa como o PNLD, tornam o processo educacional muito mais democratizado, como afirma Reis (2020).

Tendo em vista a importância que o livro didático possui no auxílio às reduções da desigualdade nas diferentes escolas brasileiras, posso deduzir que outros materiais, construídos localmente, por profissionais das regiões às quais se destinassem e também com a distribuição restrita à esses lugares, teria efeito positivo para levar à escola a realidade e o conhecimento produzido nessas regiões. Os jovens passariam a se ver mais em seus materiais didáticos, passariam a ver-se e reconhecer-se em um ambiente que, infelizmente, muitas vezes é hostil e distantes deles.

Os livros didáticos de Sociologia, até pelo próprio caráter dos conteúdos presentes, não trazem dúvida quanto ao respeito aos direitos humanos. É claro que são trabalhos orientados por políticas de respeito aos diferentes grupos e indivíduos que compõem parcelas da sociedade. Mais uma vez afirmo que esse trabalho não busca questionar a qualidade dos livros e os seus autores, estes generosos em participar de nossa pesquisa. Questiono se os jovens representados

nesses materiais correspondem às realidades brasileiras, tão diversas quanto desiguais. Posso concluir que não. Alguns autores admitem essa impossibilidade, como expomos acima, seria necessário pensar sobre esse cenário, inclusive, em outros livros didáticos, como as outras áreas de conhecimento presentes na escola refletem sobre as representações de juventude. Devido à dimensão do trabalho decidi focar apenas nos livros de Sociologia, porém o questionamento é válido no rol das pesquisas sobre representação social.

Várias unanimidades puderam ser constatadas nas entrevistas, o que mostra um alinhamento na concepção dos livros didáticos extremamente positivo. Um desses aspectos é sobre o que tange ao próprio papel do livro dentro da escola, ou mais detidamente dentro da sala de aula, na relação do educador com o educando. Os autores em uma só voz colocam o livro como um material auxiliar do trabalho do professor e do aprendizado do aluno. Acreditamos que isso reforça mais ainda a centralidade do processo educacional. O livro didático não é apenas uma bússola, um norte, ele tem papel central mesmo não sendo concebido para ocupar esse lugar.

Dado o tamanho de um programa como o PNLD, é impossível que os autores dos livros passem orientações para todos os professores de todas as redes de ensino, na maioria das vezes a voz do autor e sua orientação é apenas a que está presente no texto e nas imagens do livro. As formas de melhor, adaptar certas atividades e temas ficam a critério apenas do professor, é uma liberdade condicionada à criatividade e inventividade do profissional. E o mais relevante para o nosso contexto, a adaptação para um jovem da zona rural de um município de médio porte no interior do Ceará. Não é um jovem de uma periferia de uma grande cidade, por exemplo, a internet pode torná-lo próximo de realidades apresentadas que sejam diversas da sua, mas a sua história e seus interesses podem não estar representados no livro.

Os Recursos Educacionais Abertos, poderiam ser uma alternativa para a construção dessa diversidade. Não estou tratando de soluções prontas, estamos tateando na busca de um aprofundamento de uma educação democrática e acreditamos que ela passa por uma ampliação de materiais didáticos, adaptados a contextos culturais diferentes. Onde a sua cidade, sua música e seu sotaque estivessem no quadro das salas de aula, estivessem amplificados por vozes “oficiais” como a de um livro didático.

Alguns autores se mostraram reticentes quanto a efetividade do uso de recursos educacionais abertos como complemento ao livro didático. Depreendo que isso se deve a uma imagem do Recurso Educacional Aberto simplesmente relegado ao plano da internet, produzido sem nenhum critério técnico e não necessariamente direcionado para a escola. Trato

anteriormente desses recursos e da ausência deles nos planos educacionais em todos os níveis federativos.

Ao mesmo tempo em que surgem dúvidas sobre a qualidade que esses materiais poderiam ter, os autores são unânimes em destacar a importância da formação e da possibilidade de produção do professor, ora, essa formação e capacidade de produção dos professores só poderá ser utilizada efetivamente no processo de ensino e aprendizagem, se esses professores se tornarem autores e criadores das próprias redes educacionais. Essa centralidade não se dá apenas na possibilidade de mediação do conhecimento que o professor pode realizar, mas, acontece também de acordo com sua capacidade criadora, é necessário que esse professor seja corporificado, que seja humanizado, junto com ele, todos os autores do processo educacional serão humanizados também num contínuo de conhecer-se e conhecer o mundo. A educação deve ser construída *com* o professor e o aluno e não apenas *para* auxiliar o professor e o aprendizado do aluno. (FREIRE, 2019).

Deparo-me, ao concluir esse trabalho, com um novo PNLD, as informações ainda são, infelizmente, escassas; porém já tenho ciência de que não haverá outras edições desses livros de Sociologia que aqui destacamos. Com as mudanças curriculares um novo traçado (ainda bem indefinido até o momento) das disciplinas das chamadas Ciências Humanas se faz. Provavelmente menos disciplinas e menos livros didáticos.

É nesse contexto que o debate sobre a representação social se torna mais relevante, pois as editoras se adaptam e seus autores também, mas não há adaptação para o aluno, este continuará sendo apenas uma espécie de receptáculo de modelos produzidos em realidades sociais completamente diferentes das suas. Não sei se esses livros ainda se pautarão em uma busca por representatividade e respeito aos direitos humanos, como no atual PNLD. Estas observações já se desenham no norte de uma pesquisa que detalhe essas mudanças, pois não estamos apenas passando por uma nova edição do programa, mas sim, uma mudança na concepção do ensino médio e de seus materiais, especificamente o livro didático.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação busquei analisar as representações sociais de jovens nos livros didáticos de Sociologia aprovados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018. Selecionei os 5 livros e analisei pontos específicos onde fica em destaque a representação de jovens, seja por texto ou imagem e discuti se essas representações atendem a diversidade étnico cultural das juventudes brasileiras. Também entrevistei alguns autores desses livros e os perguntei sobre o seu olhar sobre a forma como os jovens foram representados em suas obras e o que foi determinante para as suas escolhas.

Busquei a todo momento atender a uma necessidade prática e real em muitas escolas brasileiras e no trabalho dos professores e alunos que as compõem. Não objetivei apenas o puro exercício do debate, mas não descartei a sua importância. O trabalho se guia pela junção de um aprofundamento acadêmico de problemas diários da escola. O cotidiano escolar muitas vezes é relegado a um segundo plano, seus dilemas e problemas parecem ser apenas do âmbito da pedagogia ou então solúveis, através de sofisticados esquemas mentais e teóricos que prontamente já classificam a escola e tudo que a cerca como retrogrado.

O livro didático está nesse rol de objetos esquecidos e desprezados a um primeiro olhar analítico, apesar das várias pesquisas e trabalhos que vem sendo feitos no sentido de reconhecer a importância econômica, política e cultural que o livro didático possui. Uma cadeia que envolve Estado, grupos editoriais, acadêmicos, professores e alunos. Foquei-me especificamente no “produto final”, como esse livro chega até a sala de aula, como é possível que uma política pensada em âmbito nacional para jovens de várias classes e contextos culturais diferentes, não silencie a diversidade e possa representar em suas páginas jovens como os do semiárido brasileiro.

Após uma breve análise sobre a organização desses livros e de pontos que considerei positivos em termos de visualização de diversidade de representação de jovens em imagens e textos, elaborei um breve questionário que enviei para o maior número possível de autores. O questionário foi um instrumento que me possibilitou suprir uma entrevista pessoal, apesar de que esta seria muito mais proveitosa em termos de abrir um debate sobre pontos mais pertinentes para alguns autores. A pandemia global e seus efeitos que se abateram ao final dessa pesquisa de certa forma também dificultaram as devolutivas dos questionários; alguns autores estavam sobrecarregados com o trabalho de *home office* ou estavam com parentes doentes ou redobrando cuidados com os mesmos.

Os autores dos livros didáticos de Sociologia comungam de ideias próximas sobre a produção e o uso de livros didáticos, apesar de relações diferenciadas com a escola e a sua diversidade, não houve diferenças significativas no tocante à maneira de se observar o livro didático, de seus usos dentro da escola, do papel do professor nesse processo e, principalmente, na busca por representações diversas de juventude para tornar o livro o mais acessível possível aos diversos públicos aos quais se destina.

Posso depreender ao final desse trabalho, que a construção de materiais que representem as diferentes formas de juventude, passam pela construção de políticas públicas ligadas a uma produção de livros fora do eixo das grandes editoras, aproveitando e descobrindo o potencial de professores e outros autores que não possuem espaço para expressar seus conhecimentos pedagógico e divulgá-los. O PNLD possui um importante papel nesse cenário, guiando uma produção de qualidade, reforçando princípios científicos e de defesa dos direitos humanos.

A educação deve ser significativa para os jovens a qual se destina, a produção de materiais didáticos não deve se restringir a um circuito limitado de editoras do centro-sul do país. A busca por materiais alternativos, que tragam o jovem do nordeste, especificamente do semiárido nordestino, é essencial para transformar a escola em espaço significativo, sem silenciar seus dramas e suas formas de expressão. Pelo contrário, ressaltando-as, mostrando que o conhecimento escolar pode e deve ser próximo de sua realidade, deve dialogar diretamente com o que esses jovens enfrentam todos os dias.

Essa pesquisa serve, por fim, para externar anseios do próprio autor, que, enquanto docente, se inquieta com as disparidades entre diferentes redes de ensino e entre diferentes regiões. Inquieta-se com uma televisão que externa estereótipos que beiram (quando não são) a xenofobia. Uma internet que não democratizou e nem inseriu completamente esses jovens, eles continuam sendo espectadores, seja de apresentadores, atores ou *youtubers*. Jovens que continuam sendo sutilmente ou agressivamente silenciados, quando não escutam o seu sotaque, quando não veem sua região como uma amostra do país (sem exotismos), quando não veem os seus traços físicos como padrão de beleza.

Não, a escola não pode ser uma instituição a dar continuidade a essas práticas. Não pode ser reprodutora de desigualdades políticas e simbólicas. Esse trabalho é um grito, um clamor por uma verdadeira federalização desse país, por uma escola realmente inclusiva, pela construção de uma democracia real. Concluo com os versos do compositor Aldir Blanc, que resume essas construções históricas de dominação: “O *Brazil* não conhece o Brasil, o Brasil nunca foi ao *Brazil*.”

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean-Claude. Abordagem estrutural das representações sociais. In: **Estudos Interdisciplinares de Representações Sociais**. Antônio Silva P. Moreira e Denise C. de Oliveira (Orgs.). Goiânia-GO: AB Editora, 1998.

ARAUJO, S.M. BRIDI, M.A. MOTIM, B.L. **Sociologia**. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITENCOURT, Marcelo Wendhausen. **Culturas Juvenis nos Livros Didáticos**: estudo da representação da juventude numa coleção de português do ensino médio. 2017. 222 f. Dissertação (programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2017.

BODART, Cristiano das Neves. Fotografia como Recurso Didático no Ensino de Sociologia. **Em Tese**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 81-102. ago./dez., 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n2p81>. Acesso em: 6 de fev. 2020.

BOMENY, Helena. FREIRE-MEDEIROS, Bianca. EMERIQUE, Raquel Balmant. O'DONNELL, Julia. **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. Volume Único ensino médio. – São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 25 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2018**: Sociologia – guia de livros didáticos – Ensino Médio/ Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica – SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2017. 55 p.

CAVALCANTE, Thayene Gomes. **Adoção do Livro Didático de Sociologia na Educação Básica**: estudo com docentes da rede pública da Primeira Gerência Regional de Ensino da Paraíba. 2015. 120 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2015.

CICHELERO, Marli. **Representações de Professores de Inglês sobre o Livro Didático**. 2014. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia – Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

CHOPPIN, Alain. História dos Livros e das Edições Didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000300012. Acesso em: 5 de fev. 2020.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **Interdisciplinaridade**: representações sociais de professores de matemática. Natal, RN. EDUFRN-Editora da UFRN, 2009.

DAYRELL, Juarez. A Música entra em cena: O Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660.pdf>. Acesso em: 8 de ago. 2018.

DURKHEIM, Émile. (1858-1917). **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2019. Coleção Sociologia.

FAER, Robert. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: **Textos em Representações Sociais**/Pedrinho A. Guareschi e Saudir Jovechelovitch (orgs.) (prefácio de Serge Moscovici. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp. 31-59.

FELIX, Dinamery de Souza. **A Representação do Índio no Livro Didático do 4º do Ensino Fundamental Adotado no Município de Guarabira**. 2017. 30 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba. Guarabira, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71. Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FERREIRA, Angela Ribeiro. **Representações da História das Mulheres no Brasil em Livros Didáticos de História**. 2005. 146 f. Dissertação (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Ponta Grossa, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. 1995a. O estudo empírico das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. **Representações de Gênero Social no Livro Didático de Língua Portuguesa**. 2017. 297 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

LIMA, Divanir Maria de. **O Tratamento dado às Juventudes nos Gêneros Textuais do Livro Didático de Ciências Sociais da Educação de Jovens e Adultos**. 2011. 196 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2011.

LIRA, Joseli Ferreira. **Representações de Gêneros Sociais**: análise multimodal de textos da coleção de livros didáticos de língua portuguesa mais adotada no Ensino Médio no triênio 2012/2014. 2016. 180 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

MACHADO, Igor José de Renô. AMORIM, Henrique. BARROS, Celso Rocha de. **Sociologia Hoje: Ensino médio**. 2 Ed. São Paulo: Ática, 2016.

MEUCCI, Simone. **A Institucionalização da Sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. 2000. 122 f. Dissertação (Departamento de Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.

MEUCCI, Simone. Notas para um balanço crítico da produção recente dos livros didáticos de sociologia no Brasil. **Revista brasileira de sociologia**. Vol. 02, No. 03. p. 209-232. Jan/Jun/2013/2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20336/rbs.70>. Acesso em: jan. 2020.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 8 ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2011.

MUNAKATA, Kazumi. Livro Didático Como Indício Da Cultura Escolar. **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 20, n. 50, p. 119-138, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/624037>. Acesso em: 22 de jan. 2020.

OLIVEIRA, L. F. ROCHAR, R. C. **Sociologia para jovens do século XXI**. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

OLIVEIRA, Márcio de. **O Conceito de Representações Coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares**. Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 67-94, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/viewFile/30352/23579>. Acesso em: 29 jan. 2020.

OLIVEIRA, Márcio S.B.S. de. Representações Sociais. Sociedades: A contribuição de Serge Moscovici. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. nº 55, São Paulo, Jun/2005.
PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Editora Imprensa Nacional- Casa da Moeda: Lisboa, 2003.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Editora Imprensa Nacional – Casa da moeda: Lisboa, 2003.

SÁ, Celso. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M.J.P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as Representações Sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTANA, Taís do Nascimento. **A Recontextualização do Livro Didático de Sociologia: um estudo de caso no Colégio Estadual Olga Benário Prestes**. 2018. 111 f. Dissertação. (Programa de Pós-graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Edna Matilde dos. **As Representações Sociais do Livro Didático por Professores de Matemática**. 2013. 126 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

SILVA, et al. **Sociologia em Movimento**. 2. Ed. São Paulo. Moderna, 2016.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?** 2011. 182 f. Livro/Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia) – Faculdade de Educação. ISBN: 978-85-232-0815-8. Salvador: EDUFBA, 2011. 182 p. 2011.

SILVÉRIO, Florença Freitas. **A Representação Social do Corpo Humano em Livros Didáticos de Biologia**. 2016. Monografia (Bacharel em Ciências Biológicas) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2016.

TAKAGI, Cassiana Temi Tedesco. **Ensinar Sociologia**: análise de recursos do ensino na escola média. 2007. 227 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação na área de Sociologia da Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

ENTREVISTAS

FLORESTA, NÍSIA. **Depoimento** [maç. 2020]. Entrevistador: Tiago de Melo Arruda. Campina Grande. ProfSocio/UFCG, 2020. Questionário eletrônico. (8 questões). Entrevista concedida para a pesquisa Análise das Representações Sociais dos Jovens nos Livros Didáticos de Sociologia. Paraíba. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Depoimento** [maç. 2020]. Entrevistador: Tiago de Melo Arruda. Campina Grande. ProfSocio/UFCG, 2020. Questionário eletrônico. (8 questões). Entrevista concedida para a pesquisa Análise das Representações Sociais dos Jovens nos Livros Didáticos de Sociologia. Paraíba. 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Depoimento** [maç. 2020]. Entrevistador: Tiago de Melo Arruda. Campina Grande. ProfSocio/UFCG, 2020. Questionário eletrônico. (8 questões). Entrevista concedida para a pesquisa Análise das Representações Sociais dos Jovens nos Livros Didáticos de Sociologia. Paraíba. 2020.

TEIXEIRA, Anísio. **Depoimento** [maç. 2020]. Entrevistador: Tiago de Melo Arruda. Campina Grande. ProfSocio/UFCG, 2020. Questionário eletrônico. (8 questões). Entrevista concedida para a pesquisa Análise das Representações Sociais dos Jovens nos Livros Didáticos de Sociologia. Paraíba. 2020.

APÊNDICE A – Entrevistas feitas aos Autores dos Livros Didáticos

Respostas de Nísia Floresta (nome do autor(a) substituído por nomes de educadores brasileiros), coautor(a) do livro didático *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, à pesquisa *Representação Social de Jovens nos Livros Didáticos*, de Tiago Arruda, mestrando da UFCG junto ao PROFSOCIO.

1) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE? E DE SOCIEDADE BRASILEIRA?

As duas perguntas são muito abertas, o que me leva a dar respostas muito simplificadas sobre cada uma.

A primeira pergunta sobre “concepção de sociedade” inspiro-me fortemente em Norbert Elias e em sua concepção de “configuração social”.

Quanto à segunda pergunta, penso que aquilo que chamamos de sociedade brasileira está fortemente relacionado ao Estado nacional como ente que delimita o “espaço social brasileiro”, que longe de ser homogêneo, mostra-se plural territorialmente (regiões, estados, municípios, urbano/rural etc.), diversificado em múltiplos segmentos sociais em torno de classes, religiões, corporações/associações, gênero, grupos etários/geracionais, grupos étnico-raciais, grupos políticos, etc. e globalizado por estar em constante relação com sociedades nacionais distintas (econômica, política e culturalmente) e fortemente ligada à rede mundial de computadores (redes sociais, cultura digital) e à cultura de massa. A sociedade brasileira é formada por uma multiplicidade de subculturas, mas historicamente foi constituída na órbita da língua hegemônica (português) a despeito de ter centenas de línguas dos povos indígenas e influências linguísticas da África, Europa e Ásia. Também contribuem para a configuração da sociedade brasileira as narrativas históricas(s), memórias, artes, patrimônios materiais e imateriais, popular e erudito.

2) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE E QUE LUGAR ELA OCUPA NA SUA VISÃO DE SOCIEDADE?

Sigo a concepção de Bourdieu: não há juventude, mas juventudes. Não é um grupo que deva ser essencializado, mas contextualizado do ponto de vista sociológico, geográfico, histórico e cultural. A juventude passou a receber atenção sobretudo a partir do pós-guerra quando houve uma explosão de culturas juvenis no mundo ocidental marcado pelo individualismo. É igualmente impossível essencializar a “juventude brasileira”, uma vez que a

condição juvenil é vivenciada de formas múltiplas no espaço social a depender dos marcadores sociais usados para focalizá-la. São “condições juvenis”.

A relação que juventude mantém com sociedade por muito tempo esteve relacionada à mudança social, transformação e mesmo de revolução, tornando-se, inclusive um grupo “valor”, um padrão normativo em termos estéticos e comportamentais: é “bom” ser jovem (em antagonismo com ser velho, ser antiquado). Contudo, há contradições na relação entre juventude e sociedade, tendo em vista dificuldades amplas que os segmentos jovens têm para se inserirem nos espaços produtivos, educacionais e no campo político (mais problemáticos para uns do que para outros). Por sua vez, as juventudes são importantes produtoras e consumidoras culturais (cultura de massa; culturas tribais urbanas, etc.) e de diferentes bens de consumo (duráveis e não duráveis, digitais, esportivos, vestuário, alimentar, etc.) o que confere aos “jovens” centralidade nos discursos públicos, sendo objetos, inclusive, políticas públicas. As juventudes podem ser agentes de mudança social no sentido não apenas de ruptura, mas de retorno aos valores tradicionais, comunitários, conservadores e até reacionários, questão importante que se coloca na sociedade brasileira contemporânea.

Enfim, em sociedade modernas/pós-modernas, por força de sua ampla diferenciação interna, fazem com que as idades da vida, em especial as juventudes, dinamizem as interações sociais provocando configurações específicas.

3) PARA O SENHOR/A QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO?

Livro didático é um aparato cultural que visa divulgar conhecimentos acumulados de diferentes áreas para as novas gerações. Não é um livro de verdades absolutas e tampouco isento de erros e equívocos conceituais e teóricos. Em parte, suas falhas se devem aos recortes e escolhas feitas por seus autores e por suas localizações nos espaços sociais, mas, também, pela dificuldade intrínseca da “transposição didática ou, como Bernstein define, da “recontextualização dos saberes” que pode gerar reducionismos e simplismos. O livro didático está atrelado ao princípio da democratização do saber, embora, contraditoriamente, possa veicular uma cultura hegemônica.

4) QUAL O PAPEL QUE ELE (O LIVRO) DEVE DESMPENHAR NA SALA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

O livro didático é uma obra de sistematização de conhecimentos do campo das ciências sociais, em diálogo com as bases curriculares (locais, regionais e nacionais) da disciplina

“Sociologia escolar”. De modo algum deve limitar o professor de sociologia. Este sim, deve administrá-lo em benefício da aprendizagem dos seus estudantes, fazendo escolhas, exclusões, correções, ampliações ou até mesmo usando como obra de referência para a construção de seus planos de ensino e de aulas.

Do ponto de vista dos estudantes, o livro didático de sociologia é um acervo cultural onde encontrarão indicações culturais (filmes, músicas, obras literárias, blogs e sites, etc.), além de informações e orientações para que o estudante possa continuar aprendendo e construindo conhecimentos sociológicos após sua escolarização básica.

3) O SENHOR/A ACREDITA QUE O SEU LIVRO POSSUI REPRESENTATIVIDADE DOS DIFERENTES TIPOS DE JUVENTUDE, DE DISTINTAS REALIDADES REGIONAIS?

O livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* trabalha sociologicamente a noção de juventude, mostrando que não se trata de um segmento essencializado, mas constituído no espaço social. As múltiplas juventudes brasileiras não estão citadas e nem descritas em sua amplitude no livro. Há grupos que ficaram de fora, certamente. Mas o objetivo da obra é oferecer ao leitor (professor e estudante) elementos para refletir e investigar no seu espaço escolar local as condições específicas das juventudes ali presentes. O livro didático é escrito para um estudante abstrato com o objetivo de ser apropriado e criticado pelo estudante real, local.

4) EM QUE MEDIDA O PNLD ACABA DIRECIONANDO O SEU TRABALHO MEDIANTE NORMAS E CRITÉRIOS E OUTRAS EXIGÊNCIAS QUE, MUITAS VEZES PODEM PODAR A SUA CRIATIVIDADE E LIBERDADE?

Aspectos que inibem a criatividade: o livro tem número máximo de páginas pré-definido; deve ser produzido em um único volume; há regras rígidas sobre o uso de imagens (aspecto positivo, mas que cria dificuldades para a representatividade considerando que grande parte da juventude secundarista é composta por menores de idade); há dificuldades em relação ao uso de letras de música (nem sempre as que são as mais acionadas pelos jovens são viabilizadas em função de seus custos de direitos autorais).

De modo geral, o protocolo do PNLD orienta positivamente o trabalho dos autores ajudando a ampliar a criatividade, quando, por exemplo, pede representatividade regional, de gênero, religiosa, temática, conceitual, metodológica etc. Outro ponto positivo é que não impõe aos autores os conteúdos a serem desenvolvidos, contudo, a avaliação meticulosa da obra pelos

leitores críticos contribui para que os autores façam mudanças na obra para participar da edição seguinte do PNLD. O PNLD tem falhas que merecem ser superadas, mas de modo geral, não interfere negativamente na criatividade dos autores.

5) OS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS SERIAM UMA ALTERNATIVA AO LIVRO DIDÁTICO, UM MATERIAL COMPLEMENTAR OU O LIVRO DIDÁTICO É SUFICIENTE HOJE?

O livro didático não é suficiente hoje como recurso educacional. Mas ainda é o maior veículo para democratização do conhecimento escolar tendo em vista a política pública de distribuição gratuita nas escolas públicas do país. Se “recursos educacionais abertos” são os repositórios digitais de materiais didáticos, acredito que eles formam uma rede de colaboração muito valiosa e importante, mas falta a esse tipo de material uma sistematização clara e o rigor da leitura crítica feita por pares de modo a aperfeiçoar o material (nem tudo que é publicado na internet e colocado livremente à disposição contribui para a qualidade do ensino de sociologia). Em suma, acredito que, atualmente, o livro didático credenciado no PNLD possui um grau de validação grande em função do protocolo de avaliação. Mas de forma alguma é suficiente. Entendo que a capacitação dos professores em suas formações iniciais e continuadas de modo que possam ser produtores ativos de materiais didáticos e espaços de divulgação desses materiais são caminhos complementares atualmente, mas que podem, no futuro, adquirir maior protagonismo nas práticas educacionais.

6) COMO FOI FEITA A “ADAPTAÇÃO” DA LINGUAGEM PARA O JOVEM? QUAL TIPO DE JOVEM FOI PENSADO PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO?

Sobre esse aspecto, a autoria do livro didático escreveu um paper disponível no link file:///C:/Users/remer/Downloads/sbs2009_GT07_Helena_Bomeny.pdf

7) COMO FOI FEITA A ESCOLHA DAS IMAGENS PRESENTES NO SEU LIVRO DIDÁTICO?

As escolhas foram feitas pelas autoras de acordo com o tema e com as provocações propostas em cada capítulo. Tanto é que a maioria das imagens possuem legendas com informações contextuais e estímulos para a sua análise. As imagens no livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* são fontes de informação e de reflexão. Jamais fizemos escolhas que sugerissem que as imagens são elementos decorativos de páginas do livro. Contudo, o processo

editorial, dialogando com os critérios do PNLD, fez cair algumas imagens, que foram substituídas por outras sem o valor didático que as escolhidas inicialmente pelas autoras tinham. Por exemplo, quando os custos dos direitos autorais eram exorbitantes ou quando os donos das imagens não autorizavam sua utilização. Nesse caso, a maioria foi substituída com sucesso, mas algumas imagens não têm a proposta que desejávamos.

Em algumas situações, por força da questão editorial, imagens foram inseridas na obra como elemento decorativo para tapar espaços em branco em função da edição dos capítulos (espaços em branco no livro não são bem vistos pelo PNLD, pois é visto como um truque para aumentar o número de páginas do livro e com isso elevar seu preço de compra pelo MEC/ calculado pelo número de gomos do livro). Apesar desses problemas pontuais, a grande maioria das imagens tem valor didático e se bem exploradas nas aulas pelo docente da disciplina pode representar um ganho significativo para a aprendizagem dos estudantes. Enfatizo que o livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* pretende conferir centralidade ao audiovisual para o ensino de sociologia, tomando como mote da sua narrativa a obra cinematográfica *Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin.

Respostas de Anísio Teixeira (nome do autor(a) substituído por nomes de educadores brasileiros), coautor(a) do livro didático *Sociologia em Movimento*, à pesquisa Representação Social de Jovens nos Livros Didáticos, de Tiago Arruda, mestrando da UFCG junto ao PROFSOCIO.

1) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE? E DE SOCIEDADE BRASILEIRA?

Ainda que pudesse dar uma versão sociológica de sociedade, penso que as “sociedades”, são reprodutoras das diferentes desigualdades sociais, sejam elas econômicas, de gênero, raça, religiosas, etc. Nesse sentido, considero que a sociedade brasileira é apenas o reflexo da sociedade “macro”, ou seja, extremamente estratificada, desigual e marcada por um processo sócio-histórico que estimula a discriminação e o preconceito.

2) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE E QUE LUGAR ELA OCUPA NA SUA VISÃO DE SOCIEDADE?

Como não poderia deixar de ser diferente, a juventude também acaba reproduzindo as práticas sociais das gerações anteriores, entretanto, uma vez que este grupo ainda está em formação, é possível que alterem algumas práticas. Dois exemplos, dessa mudança que venho

observando é em relação as desigualdades de gênero e o meio ambiente. E nesse sentido, o estudo da Sociologia é primordial para empoderar as novas gerações.

3) PARA O SENHOR/A QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO? QUAL O PAPEL QUE ELE DEVE DESMPENHAR NA SALA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

Um livro didático não deve jamais ser utilizado como uma espécie de muleta, na qual os professores e professoras se apoiam unicamente. Entendo um livro didático como um suporte para que professores, professoras e estudantes Um livro didático, especialmente de Sociologia, não deve substituir o professor ou professora, mas ser um mecanismo onde estudantes e docentes possam encontrar condensadas e facilmente acessíveis, referências e referenciais para o seu estudo e trabalho.

4) O SENHOR/A ACREDITA QUE O SEU LIVRO POSSUI REPRESENTATIVIDADE DOS DIFERENTES TIPOS DE JUVENTUDE, DE DISTINTAS REALIDADES REGIONAIS?

Quando falamos em juventudes, entendo que abordamos uma gigantesca diversidade de pessoas. Partindo deste princípio, não acredito que abordamos toda essa representatividade, enquanto autor de livro didático tenho consciência desta limitação. Entretanto, cabe destacar que buscamos representar a maior diversidade possível, jovens das periferias dos grandes centros, de classe média, das áreas rurais, povos das florestas e membros de movimentos e minorias sociais são abordados no livro “Sociologia em Movimento”.

5) EM QUE MEDIDA O PNLD ACABA DIRECIONANDO O SEU TRABALHO MEDIANTE NORMAS E CRITÉRIOS E OUTRAS EXIGÊNCIAS QUE, MUITAS VEZES PODEM PODAR A SUA CRIATIVIDADE E LIBERDADE?

Na verdade, o nosso trabalho só passou a ter o PNLD como horizonte, após a assinatura do contrato de edição com a editora, e, portanto, após termos concluído a maior parte daquele que seria o “Sociologia em Movimento”. Como sempre pautamos a nossa escrita pelo reconhecimento da diversidade e respeito pelos direitos humanos, dentre outros fatores, tivemos apenas que nos adaptar ao que chamo de regras “técnicas” do PNLD, tais como tipo e quantitativo de exercícios, inserções de algumas indicativas de vídeos, filmes, sites, jogos e livros acadêmicos. Cumpre destacar, por exemplo, que formos o primeiro livro didático de

Sociologia, aprovado no PNLD, que tratou exclusivamente em um capítulo das questões de gênero e sexualidade.

6) OS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS SERIAM UMA ALTERNATIVA AO LIVRO DIDÁTICO, UM MATERIAL COMPLEMENTAR OU O LIVRO DIDÁTICO É SUFICIENTE HOJE?

Inicialmente, nosso objetivo não era escrever um livro “comercial”, mas em formato aberto, que poderia ser disponibilizado gratuitamente para estudantes e professores. Entretanto, fomos convencidos de que o melhor caminho, se queremos popularizar o Ensino de Sociologia e fazer o livro “Sociologia em Movimento”, que ainda não tinha este nome, alcançar especialmente, aqueles das classes populares, era aprovar esse livro no PNLD. Uma vez que os livros selecionados para este programa podem chegar em qualquer localidade do país, desde as periferias dos grandes centros urbanos até os municípios mais isolados do país. Temos, por exemplo, relatos de que o “Sociologia em Movimento” foi adotado por uma escola indígena de um município do interior de Rondônia. É importante ainda destacar, que infelizmente, o livro didático é o único livro que muitos estudantes e suas famílias terão acesso em suas vidas.

7) COMO FOI FEITA A “ADAPTAÇÃO” DA LINGUAGEM PARA O JOVEM? QUAL TIPO DE JOVEM FOI PENSADO PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO?

A adaptação da linguagem, ou “transposição didática” sempre foi um fator de preocupação dos autores, desde os primeiros rascunhos dos capítulos, e que é um reflexo de nossa experiência docente em diferentes redes de ensino, tanto as públicas como a privada. Ainda assim, tínhamos consciência de dois fatores. O primeiro, de que enquanto profissionais e pesquisadores das diferentes áreas que compõe as Ciências Sociais – Antropologia, Ciência Política e Sociologia – adotamos um jargão próprio, de difícil compreensão para os que não estão em nossas áreas, somado a um vocabulário e referências culturais com uma forte marca geracional. Em segundo lugar, ainda que todos os autores e autoras do livro “Sociologia em Movimento” tenham grande experiência na docência na Educação Básica, incluindo a rede estadual, atualmente, em sua quase totalidade atuam em escolas que chamo da elite da rede pública federal, como o Colégio Pedro II e o CEFET-RJ, além do Colégio de Aplicação da UERJ, vinculado a esta universidade. Este

8) COMO FOI FEITA A ESCOLHA DAS IMAGENS PRESENTES NO SEU LIVRO DIDÁTICO?

Algumas indicadas pelos professores, incluindo, algumas descrições que a editora de encarregou de disponibilizar a imagem descrita pelos autos. Outras imagens foram sugeridas pela editora, mas inseridas sempre após o aval dos autores.

Respostas de Darcy Ribeiro (nome do autor substituído por nomes de educadores brasileiros), coautor do livro didático *Sociologia para Jovens do Século XXI*, à pesquisa *Representação Social de Jovens nos Livros Didáticos*, de Tiago Arruda, mestrando da UFCG junto ao PROFSOCIO.

1) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE? E DE SOCIEDADE BRASILEIRA?

Em toda a história da Humanidade, as sociedades foram organizadas a partir de demandas concretas da vida dos seres humanos, a começar pela sua própria sobrevivência e reprodução. Nesse sentido, entendo que não existe uma única “concepção de sociedade”, mas alternativas que se consolidaram historicamente em função das diversas lutas e conflitos em relação à sobrevivência e à reprodução humanas. A título de exemplo, a sociedade capitalista é a alternativa que passa a se afirmar com bastante força com base nas Revoluções que marcaram o século XIX (incluindo a Revolução Francesa, a partir de 1789 – portanto, no finalzinho do século XVIII) e que se torna hegemônica no século XX, avançando ainda mais com a queda do muro de Berlim e o fim da URSS, no final desse século. Trata-se de um modelo de sociedade calcado em diversas formas de desigualdades – inclusive raciais e de gênero –, mas baseada centralmente na exploração de uma grande massa de trabalhadores por aqueles que assumiram o poder político, econômico e ideológico – a grande burguesia internacional, detentora do grande capital, dos meios de produção e reprodução das riquezas.

Não há como pensar a sociedade brasileira de forma distinta dessa história das sociedades ao redor do planeta. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo em função exatamente da sua história de exploração de riquezas desde o período da colonização até os dias atuais, em que continuamos sendo comandados pelo poder dos bancos, das grandes indústrias e do latifúndio – travestido com o nome de “agronegócio” –, que cumprem o seu devido papel de subalternidade em relação aos interesses de quem manda no planeta. Somos parte do bloco de países capitalistas periféricos e dependentes do poder central do grande capital. Na minha concepção, não há como se entender a sociedade brasileira sem entender isso, sem perceber a conexão “íntima” entre a ausência de políticas públicas de saúde e de educação e os interesses do capital privado. No caso da educação, ela se torna um palco de disputas ideológicas, que

incluem inclusive visões de mundo de ordem religiosa, porque é através dela que se poderia constituir uma contra-hegemonia, um espaço de formação que proporcionasse o desenvolvimento do conhecimento construído a partir dos próprios estudantes, de forma autônoma e crítica. Isto não interessa aos setores que controlam as instituições públicas em benefício dos interesses dos setores privados.

2) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE E QUE LUGAR ELA OCUPA NA SUA VISÃO DE SOCIEDADE?

A resposta que tenho em relação a essa questão está mais ou menos exposta no final da resposta anterior. Entendo que a juventude é a faixa etária mais revolucionária da vida humana. É um momento de descobertas, de iniciativas, de busca de respostas. Assim, somente a juventude é capaz de construir uma sociedade distinta desta em que vivemos hoje, baseada em valores que confrontariam os interesses do capital, como a solidariedade, o companheirismo, a igualdade, a liberdade, a justiça, a equidade, dentre outros. Esses valores precisariam ser revistos com profundidade, sob a ótica de uma nova visão societária anticapitalista, que negasse o discurso do mérito, a ideia e o estímulo à competição, e concepções de igualdade, liberdade e justiça que não significassem práticas concretas nesse sentido, em um patamar distinto do que se reproduz majoritariamente nos dias de hoje. Entender os anseios da juventude e participar de um projeto substantivo de mudança é crucial para se enfrentar discursos de ódio e de estímulo à violência, como de naturalização das desigualdades e das diferenças.

3) PARA O SENHOR/A QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO? QUAL O PAPEL QUE ELE DEVE DESEMPENHAR NA SALA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

O livro didático é apenas uma ferramenta auxiliar do ensino da Sociologia em sala de aula. O papel central do processo de ensino-aprendizagem se dá, evidentemente, na relação entre os docentes e suas turmas, no cotidiano da sala de aula, em cada encontro, em cada dinâmica proposta, em cada tema que é abordado. Esse/a docente deve estar bem preparado para desenvolver com os estudantes o conhecimento sociológico sob uma abordagem crítica, não conteudista, mas de formação para a vida. O papel do livro didático, assim, é o de auxiliar nesse processo, oferecendo textos numa linguagem compreensível, acessível à juventude, que dialogue permanentemente com ela. Essa parte teórica deve ser acompanhada por uma gama de

atividades que estimulem o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes na sua busca por conhecimento. Se isto acontecer, o livro didático cumprirá com o seu papel.

4) O SENHOR/A ACREDITA QUE O SEU LIVRO POSSUI REPRESENTATIVIDADE DOS DIFERENTES TIPOS DE JUVENTUDE, DE DISTINTAS REALIDADES REGIONAIS?

Esta pergunta era uma das preocupações que nós, autores do livro, sempre tivemos desde o início, por atuarmos como professores do ensino médio em cidades do estado do Rio de Janeiro. Registre-se que atuamos em cidades que apresentavam realidades distintas, como na capital, mas em um bairro do subúrbio (Quintino), e nas cidades de São Gonçalo (região Metropolitana) e Macaé (Norte Fluminense). Evidentemente, grande parte dos temas e das formas de abordagem nos textos acabam refletindo essa realidade vivida por nós dois.

Por outro lado, andamos por diversas cidades de outros estados do país, participando de encontros com outrxs professorxs e estudantes, e nos deparamos com uma receptividade muito grande em relação ao livro e à forma como ele aborda os seus conteúdos. Tivemos retornos extremamente positivos e gratificantes em cidades e realidades tão distintas como Porto Alegre, Macapá, Brasília, Natal, Juiz de Fora e Campina Grande, dentre outras tantas. Por ocasião da primeira edição do livro, publicada em 2007 (bem antes da nossa participação no PNLD, em um formato distinto do atual e com imagens em preto e branco), fomos convidados para um evento de formação em Recife em que estavam presentes professorxs de Sociologia das diversas regiões do estado, e tivemos esse mesmo retorno incentivador, que contribuiu enormemente para a continuidade do trabalho de construção do livro didático até a última edição publicada.

Temos plena ciência das distintas realidades vividas pela juventude nos diversos estados do Brasil, assim como as profundas diferenças existentes mesmo dentro de cada estado ou até mesmo dentro de um mesmo município. Dá para se imaginar, por exemplo, as diferenças absurdas existentes numa sala de aula com uma juventude quilombola, uma sala de aula numa favela do Rio, numa cidade do sertão nordestino, no interior de Goiás ou numa comunidade indígena. Assim, o livro didático apresenta seus conteúdos sociológicos de uma forma mais “generalista”, podemos dizer, a partir das experiências docentes que os seus autores tiveram com realidades específicas da juventude, mas esperando que essas experiências dialoguem de forma afetuosa, didática e construtiva com as experiências de cada docente e de cada jovem em sua respectiva sala de aula. Penso que essa experiência dialógica é possível – e obtivemos respostas bem positivas nesse sentido em função das andanças que tivemos pelo país afora.

Foram essas respostas que nos estimularam a prosseguir com nossos estudos e o nosso projeto-tentativa de elaborar o melhor material possível para esses jovens estudantes.

5) EM QUE MEDIDA O PNLD ACABA DIRECIONANDO O SEU TRABALHO MEDIANTE NORMAS E CRITÉRIOS E OUTRAS EXIGÊNCIAS QUE, MUITAS VEZES PODEM PODAR A SUA CRIATIVIDADE E LIBERDADE?

Penso que o PNLD acaba cumprindo um papel normatizador, estabelecendo critérios mínimos em termos de conceituação acadêmica e de formato, com o aval de especialistas no ensino de Sociologia, todxs docentes de universidades públicas. Isso foi necessário, pois esses parâmetros mínimos foram construídos historicamente na luta travada pelo retorno da disciplina ao ensino médio. Trata-se de um processo longo, que teve como marco a elaboração, junto ao MEC, dos Parâmetros Curriculares Nacionais da disciplina. Não haveria como pensarmos em livros didáticos que não trouxessem um mínimo de unidade em relação às teorias, conceitos e categorias que deveriam ser apresentados aos estudantes de ensino médio. Por outro lado, se compararmos os cinco livros didáticos aprovados no último PNLD, há de se perceber as grandes diferenças existentes entre eles em termos da abordagem desses conteúdos, a apresentação dos conceitos, a linguagem, a organização didática e curricular etc. Posso dizer que isso reflete a criatividade de cada equipe de autores, que soube trabalhar com um mínimo de liberdade em relação às exigências impostas e delimitadas sob o ponto de vista acadêmico-conceitual pelos editais do PNLD.

6) OS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS SERIAM UMA ALTERNATIVA AO LIVRO DIDÁTICO, UM MATERIAL COMPLEMENTAR OU O LIVRO DIDÁTICO É SUFICIENTE HOJE?

O livro didático nunca foi suficiente em tempo algum, para qualquer disciplina. Portanto, qualquer recurso educacional pode ser interessante enquanto material complementar ou como alternativa, na medida em que os livros didáticos de Sociologia, especificamente, deixarão de existir novamente em termos de distribuição nacional, como foi o caso do PNLD, e não sabemos se e quando o livro didático da disciplina poderá retornar ao ensino médio de forma mais ampla. No meu entender, o mais importante e significativo é a formação e a qualificação do magistério, com um maior investimento nas licenciaturas. Com uma formação mais qualificada, cada docente poderá construir os seus próprios recursos didáticos, de acordo com a realidade de cada turma, de cada escola, de cada região do país.

7) COMO FOI FEITA A “ADAPTAÇÃO” DA LINGUAGEM PARA O JOVEM? QUAL TIPO DE JOVEM FOI PENSADO PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO?

No caso do nosso livro, olhando sob a perspectiva da sala de aula, elaboramos os primeiros textos a partir de uma crítica aos livros didáticos existentes anteriores à participação da Sociologia no PNLD, de autores como Persio Oliveira, Cristina Costa e Nelson Tomazi - no caso deste, uma obra coordenada por esse autor intitulada *Iniciação à Sociologia* (São Paulo: Atual, 1993), com a participação de outros docentes. Uma das nossas referências foi o sociólogo Paulo Meksenas, que produziu um livro didático de Sociologia para a Ed. Ática (não tenho aqui comigo a edição, mas acho que era de 1990) que apresentava uma proposta de abordagem e uma reflexão distintas. Infelizmente, esse autor faleceu prematuramente e não acompanhou a produção de livros didáticos da disciplina nas décadas seguintes. Outra referência importante foi a obra de Paulo Freire e sua proposta político-pedagógica de caráter dialógico.

É importante ressaltar que, de fato, as nossas primeiras experiências de produção de material didático resultaram numa Apostila que se pretendia como uma “adaptação” crítica das obras citadas anteriormente. Ela teve como referência central a percepção que tínhamos em sala de aula, numa escola pública do subúrbio, da dificuldade que os jovens tinham para entender Sociologia. A primeira dificuldade era dada pela própria linguagem desses livros. A segunda se referia à didatização dos conteúdos. Assim, partimos dessas duas leituras críticas e começamos a pensar também em atividades mais criativas, que envolvessem os estudantes, propondo projetos de pesquisa tendo a disciplina como objeto e atividades com a utilização de jogos elaborados pela equipe de professores, com a participação de colegas outras disciplinas. Um exemplo concreto está presente na última edição do livro *Sociologia para Jovens do Século XXI*, na seção *Aprendendo com jogos*, ao final do Capítulo 4, p. 64. O jogo citado foi elaborado por um de nós, Luiz, autor do livro, juntamente com a professora de Artes da escola, e aplicado por toda a equipe de Sociologia, juntamente com as equipes de História, Artes e Geografia. Esse jogo, depois, com a participação de outras duas colegas, foi reelaborado e apresentado à editora com o nome de “Caminhos da África”, como consta do texto da seção. A foto que aparece foi tirada na escola (Escola Técnica Estadual República), na época em que lá lecionávamos, no início dos anos 2000, exatamente com a reprodução do “tabuleiro” – um mapa da África – no piso da entrada principal, desenhado e pintado por estudantes e pela professora de Artes.

Evidentemente que os jovens que tínhamos como referência foram esses jovens do subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, em Quintino, numa escola de grande porte e importância

na região. Eu e Luiz atuávamos em cerca de 20 turmas por ano nessa escola, nos três turnos (na época, entre 2000 e 2008, a Sociologia era oferecida apenas no segundo ano do ensino médio e a nossa equipe chegou a contar com sete docentes. Eu era professor 40h e Luiz era de 20h). No mesmo período, eu lecionava também numa escola pública da rede estadual localizada no município de São Gonçalo, na Região Metropolitana, também com várias turmas. Trata-se de um dos municípios mais pobres, violentos e desassistidos de políticas públicas do estado, com uma população de mais de um milhão de habitantes. Era uma escola que atendia a jovens das comunidades do entorno, no bairro do Barro Vermelho. Entre 2004 e 2008, eu e Luiz atuamos também em turmas de ensino médio em escolas da Prefeitura do município de Macaé, no Norte Fluminense, atendendo também a jovens residentes na periferia da cidade. Assim, posso dizer que esses jovens foram a nossa referência principal na redação do livro. Esses jovens residiam em bairros e comunidades periféricas, eram moradores de favelas, filhos e filhas da classe trabalhadora, em sua grande maioria negros que viviam uma realidade marcada pelo desemprego e por todas as formas de violência urbana, como as operações policiais, o machismo e o racismo.

8) COMO FOI FEITA A ESCOLHA DAS IMAGENS PRESENTES NO SEU LIVRO DIDÁTICO?

As imagens – fotos, gráficos, charges, mapas – foram TODAS pesquisadas pelos próprios autores e submetidas às responsáveis pela edição do livro, que avaliaram a possibilidade financeira de aquisição, quando era o caso. Como alternativa à indisponibilidade ampla de recursos financeiros, já que se tratava de uma editora de pequeno porte, a Imperial Novo Milênio (diferentemente de todas as outras editoras participantes do PNLD), foram utilizadas diversas imagens de divulgação pública, como aquelas que acompanham a publicização de filmes, jogos e livros, além de fotografias tiradas pelos próprios autores (a título de exemplo, cf. as p. 11, 21, 64, 110, 120, 152, 158, 160, 224, 232, 296, 308, 309, 313, 383) e amigos (p. 58, 60, 79, 230, 323, 339, 375, 387, entre outras) que se dispuseram a colaborar com a elaboração do livro didático, inclusive com charges. É importante ressaltar que a primeira edição comercial do livro pela editora citada, de 2007, utilizou diversas charges elaboradas amadoristicamente por um dos nossos alunos na Escola Técnica Estadual República, em Quintino, o Diego Felipe, na época com dezesseis anos. Hoje ele é professor de Filosofia da rede estadual. Na última edição do livro, contribuiu com a charge que consta da p. 299, um trabalho muito mais elaborado que os desenhos que ilustraram a nossa primeira edição.

A escolha dessas imagens obedeceu sempre a critérios pedagógicos, pois a intenção era de que elas refletissem e dialogassem com os conteúdos apresentados no texto. Nesse sentido, a imagem deixa de ser um simples “acessório”, uma “ilustração”, e passa a ser entendida como um recurso didático a ser explorado pelo docente em sala de aula. Esse era o nosso entendimento, que tentamos expor na redação do Manual do Professor para os colegas que optassem pela adoção do livro.

Respostas de Maria Firmina dos Reis (nome do autor(a) substituído por nomes de educadores brasileiros), coautor do livro didático *Sociologia*, à pesquisa *Representação Social de Jovens nos Livros Didáticos*, de Tiago Arruda, mestrando da UFCG junto ao PROFSOCIO.

1) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE? E DE SOCIEDADE BRASILEIRA?

R: a questão é bastante ampla e eu poderia te dizer que sociedade. Cada um dos clássicos da Sociologia tem uma concepção de sociedade. Há vários conceitos de sociedade, dependendo do autor ou da matriz teórica que você adota. Penso que a sociedade é a coletividade de indivíduos que partilham valores, consciências, culturas. Partilham de normas, visões de mundo etc. Mas talvez seja mais adequado dizermos sociedades, pois há muitas sociedades. O que chamamos sociedade é uma abstração conceitual.

A sociedade brasileira? O que lembro quando penso na sociedade brasileira é a enorme desigualdade que a pauta e que se reitera ao longo dos anos, das décadas, dos séculos. Uma sociedade composta por uma elite que não se preocupa com o bem estar social, que não é afeita a democracia, acha natural as diferenças absurdas que existe no país e que busca manter-se no controle dos pensamentos e mentes. Peço desculpas, mas estou muito influenciada pelos acontecimentos no país desde o impeachment de um governo eleito democraticamente. Uma sociedade, que também não é única, mas dividida em muitas, bastante influenciada pelas suas mídias, que representam grandes grupos econômicos...

2) QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE E QUE LUGAR ELA OCUPA NA SUA VISÃO DE SOCIEDADE?

Minha concepção de juventude é sociológica, pois a considero como uma construção social, uma vez que, se observarmos ao longo da história da humanidade, em outras épocas da história e mesmo na sociedade contemporânea, não se tem uma única visão ou concepção de juventude. Do ponto de vista biológico, é sim, um período que vai do fim da adolescência e se

estende por algumas décadas. Mas do ponto de vista social, cultural se distingue dependendo do país e da classe social. Por isso, talvez seja o caso de concebermos como “juventudes”. Os jovens pobres da periferia ocupam um espaço diferente daquele do jovem de classe rica e por que não dizer tem tratamentos diferentes inclusive por algumas instituições. Se é preto, pobre e morador de bairros populares e favelas, a chance se morrer ainda jovem é maior do que a do jovem de classe rica. Eu trabalhei em uma escola de elite, e os jovens que morriam eram de acidente de automóvel, de moto.

O lugar que a juventude ocupa na sociedade também depende de qual sociedade e da estrutura social que predomina do país. Um programa jovem aprendiz, por exemplo, é destinado sobretudo para uma juventude estudantes de escolas públicas. Dificilmente se terá um menor aprendiz ou jovem aprendiz das classes ricas realizando nesses programas, ou seja, trabalhando e estudando. Isto pensando em termos macrossociais.

3) PARA O SENHOR/A QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE LIVRO DIDÁTICO? QUAL O PAPEL QUE ELE DEVE DESMPENHAR NA SALA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO?

Um livro didático é uma ferramenta que reúne textos, análises, imagens etc, organizada e sistematizado para auxiliar os professores e professora em sua ação em sala de aula. Eu, que hoje trabalho com o ensino superior, já trabalhei em sala de aula por quase 20 anos na educação básica e tanto no ensino privado como público. Tive oportunidade de trabalhar com diferentes grupos sociais, em escola de elite e em escola pública da periferia na região metropolitana de Curitiba. Na escola pública os alunos não tinham livros. Uma parte das aulas eram ou passar texto no quadro, ditar etc. Ou fazíamos o texto passando em estêncil a tinta ou a álcool (isso na década de 1990). Na escola privada, os estudantes tinham livros para todas as disciplinas e, portanto, tinham outras condições de realização da aprendizagem. Por isso, o livro didático público contribuiu para equalizar essa situação.

O livro didático, contudo, é um ponto de partida para os conteúdos que serão tratados, ajuda na organização e planejamento da disciplina. Além disso, tem a função de socializar o texto com o estudante, pois professores e alunos tem o mesmo material, permitindo uma formação mais interativa, na medida em que o/a estudante tem o mesmo texto do professor. Certa vez fiz uma palestra relatando que na escola privada em que eu trabalhava, além dos alunos terem livros, nós também fazíamos materiais didáticos, textos, etc. Mas isto era a custo de muito trabalho não pago. O professor ter tempo para produzir os textos, ou fazer todo o

trabalho de pesquisa bibliográfica etc., demandaria um outro tipo de ensino e de condições de trabalho diferentes do que se tem no Brasil, por exemplo.

4) O SENHOR/A ACREDITA QUE O SEU LIVRO POSSUI REPRESENTATIVIDADE DOS DIFERENTES TIPOS DE JUVENTUDE, DE DISTINTAS REALIDADES REGIONAIS?

Sim. Tanto que nosso livro, na página 318 abre o capítulo (11) sobre Juventude com uma poesia chamada “juventudes”. É um dos poucos, que tem um capítulo inteiro sobre juventude. Houve a preocupação de uma conceituação sociológica de juventude, a visão de autores importantes para as ciências sociais que tratam o tema. Juventude é uma construção social de nosso tempo. E sua condição é ligada intrinsecamente a classe social a qual pertence, ao contexto que vive, ao país... E tivemos a preocupação em trazer a ideia de várias juventudes, e apresenta-las diversa. Mais do que trazer imagens, textos sejam nos capítulos, sejam nas atividades, nos parece que é muito importante de qual juventude se está falando e de qual classe a que pertence. Embora o livro “Sociologia” tenha um capítulo específico sobre juventude, ao longo de outros capítulos se procurou representar as várias juventudes no país, rural, urbana, das diferentes regiões do país, diferentes culturas e povos.

5) EM QUE MEDIDA O PNLD ACABA DIRECIONANDO O SEU TRABALHO MEDIANTE NORMAS E CRITÉRIOS E OUTRAS EXIGÊNCIAS QUE, MUITAS VEZES PODEM PODAR A SUA CRIATIVIDADE E LIBERDADE?

O PNLD teve um papel importantíssimo. Em primeiro lugar é preciso lembrar que os editais públicos foram elaborados por professores altamente qualificados, pelas universidades. E portanto, pelos nossos pares da universidade. Isso valia no momento em que foi implantado nos governos de Lula e Dilma e perdurou até o PNLD 2018. Depois disso, não sabemos mais. As normas e critérios tinham o papel sim de se evitar problemas de conteúdo, problemas que contivesse viés não fundado na ciência; de evitar propagandas, reforçar estereótipos, estigmas etc. Tudo tinha que ser escrito respeitando a diversidade e a pluralidade, reforçando valores democráticos, da igualdade etc. Cada imagem tinha que ser bem pensada, assim como conceitos e formas de tratamento do conteúdo.

Penso que os Editais do PNLD realizaram uma tarefa importante de direcionamento do material didático. Nos deram um parâmetro que procuramos seguir, sem, contudo, limitar a inventividade e nem a criatividade, que são necessárias para a produção de um livro didático.

6) OS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS SERIAM UMA ALTERNATIVA AO LIVRO DIDÁTICO, UM MATERIAL COMPLEMENTAR OU O LIVRO DIDÁTICO É SUFICIENTE HOJE?

Como eu disse, o livro didático é uma das ferramentas muito importante, que podem e devem ser utilizados juntamente com outros recursos. Não há um único recurso que dê conta. Quanto mais experiências forem propiciadas aos estudantes, melhor será a aprendizagem. Só não vejo que excluir o livro didático seja interessante, pois o Brasil é um país desigual. Nem todos tem acesso a computadores, redes de internet etc. Para muitos jovens, o livro didático público é a única leitura que chegará a eles. Também é preciso pensar nos professores, nas relações de trabalho e nas condições de trabalho que apresentam. É, em sua maioria, uma categoria que ganha baixos salários, com jornadas extenuantes de trabalho, que leva trabalho para casa. Tudo isto precisa ser pesado quando se pensa em nos recursos didáticos disponíveis.

7) COMO FOI FEITA A “ADAPTAÇÃO” DA LINGUAGEM PARA O JOVEM? QUAL TIPO DE JOVEM FOI PENSADO PARA A PRODUÇÃO DO LIVRO?

O cuidado foi no sentido de ter uma linguagem direta, explicativa, com uma narrativa que possibilitasse a fácil compreensão. O trabalho é de traduzir, conceitos muitas vezes complexos, para uma linguagem de fácil compreensão. Não foi pensado para um tipo de jovem em específico, pois tínhamos a compreensão que seria um livro disponibilizado para todas as regiões do Brasil

8) COMO FOI FEITA A ESCOLHA DAS IMAGENS PRESENTES NO SEU LIVRO DIDÁTICO?

Sugerimos imagens que expressavam o conteúdo ou uma parte de algum conteúdo que queríamos destacar. Imagens, tiras, e todo recuso iconográfico foi escolhido por nós. A Editora também disponibilizou um banco de imagens.